

UNESP UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Ciências
Campus de Bauru – SP

VÍVIAN HÚNGARO COSTA

EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

Reflexões sobre o planejamento

BAURU – SÃO PAULO
2024



Universidade Federal
de Mato Grosso

C837e Costa, Vívian Húngaro
Educação Física na Educação Infantil : reflexões sobre o planejamento
/ Vívian Húngaro Costa. -- Bauru, 2024
160 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências, Bauru
Orientador: Milton Vieira do Prado Jr.

1. Educação de crianças. 2. Educação pré-escolar. 3. Planejamento
Educacional. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru. Dados
fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE VÍVIAN HUNGARO COSTA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 13 dias do mês de junho do ano de 2024, às 08:30 horas, no(a) Google Meet, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de VÍVIAN HUNGARO COSTA, intitulada **Educação Física na Educação Infantil: Reflexões sobre o planejamento.**

A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. MILTON VIEIRA DO PRADO JUNIOR (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / Faculdade de Ciências Unesp Campus de Bauru, Prof. Dr. MARCIO PEREIRA DA SILVA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / UNESP Faculdade de Ciências de Bauru SP, Profa. Dra. LIA GREGO MUNIZ DE ARAUJO (Participação Virtual) do(a) Faculdades Integradas de Bauru. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. MILTON VIEIRA DO PRADO JUNIOR

Documento assinado digitalmente
 **MILTON VIEIRA DO PRADO JUNIOR**
Data: 13/06/2024 16:40:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

VÍVIAN HÚNGARO COSTA

EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Reflexões sobre o planejamento

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Estadual Paulista - UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Júnior

Data da defesa: 13/06/2024

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Milton Vieira do Prado Júnior – Doutor
UNESP – Bauru/SP

Membro Titular: Márcio Pereira da Silva – Doutor
UNESP – Bauru/SP

Membro Titular: Lia Grego Muniz de Araújo – Doutora
Faculdades Integradas de Bauru

Local: Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”
Unesp – Campus de Bauru – SP

Dedico esta pesquisa às minhas crianças da Educação Infantil as quais tenho carinho. Por elas e por seu desenvolvimento que me esforço em ser a professora que eles merecem. Dedico também aos professores de Educação Física que assim como eu anseiam por uma Educação Física de qualidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e da alegria, pela saúde e pela resiliência.

Aos meus pais Valéria e Luiz Carlos, por terem me guiado pelo caminho da retidão, por prezarem pela minha educação e dos meus irmãos, por vibrarem comigo em minhas conquistas e me segurarem no colo em todos os momentos de dificuldade na vida. Vocês são a base de toda minha existência.

Aos meus irmãos Leandro e Raquel, por serem meus parceiros de vida, por proporcionar momentos de descontração e por segurar minha mão nas dificuldades da vida. Me inspiro em vocês.

Ao meu namorado Eric, por me oferecer seu amor tão leve e enxergar o melhor de mim. Você é um anjo na minha vida.

Aos meus amigos que caminham comigo, vibram minhas conquistas e choram junta a mim meus pesares. A vida é melhor com vocês.

Ao meu orientador de longa data Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Jr., pelos ensinamentos que antecedem o mestrado, pela orientação, pelos puxões de orelha e por sua calma nos meus dias mais ansiosos.

Aos professores Lia Grego Muniz de Araújo e Márcio Pereira da Silva por aceitar dedicar um tempo para composição de minha banca de defesa e pelas considerações referentes ao trabalho que auxiliaram para o enriquecimento deste.

Aos professores do ProEF – Polo de Bauru pelos ensinamentos e acolhimento nesta jornada.

Aos meus amigos do ProEF – Turma III pela parceria, trocas de experiências, ajudas extras, compartilhamento de angústias e medos, pelas risadas, encontros e churrascos. Em especial a Laurinha e César pelo companheirismo e amizade.

Ao gestor da educação de Macatuba e minha diretora e xará pelo suporte na realização da pesquisa.

Aos professores participantes que aceitaram participar da pesquisa de coração aberto e contribuíram para que este trabalho fosse possível.

Aos meus queridos alunos da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, todos passaram por mim desde pequenos e é por vocês que busco a excelência da Educação Física.

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

“... One day you’ll leave this world behind, so live a life you will remember.”

The Nights - Avicii

COSTA, Vívian Húngaro. **Educação Física na Educação Infantil**: Reflexões sobre o planejamento. Orientador: Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Júnior. Ano de depósito. Número de volumes ou folhas. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru/SP, 2024.

RESUMO

Aulas de Educação Física para as crianças da Educação Infantil são motivos de dúvidas para os professores quanto aos seus objetivos e conteúdo. Dificuldades estas geradas por ser uma discussão ainda recente, pela produção científica a respeito ainda ser escassa ou até mesmo por falta de diretrizes claras quanto ao que se espera da Educação Física para as crianças pequenas nos documentos norteadores, em especial, o que vigora atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O presente estudo teve como objetivo investigar a partir da visão dos profissionais de Educação Física como ocorre o planejamento dos conteúdos, objetivos e estratégias de ensino, para as crianças da Educação Infantil no município de Macatuba-SP, bem como, investigar quais os referenciais utilizados por professores de Educação Física no planejamento de atividades na Educação Infantil. Além disso, verificar a opinião dos professores de Educação Física do município de a respeito dos documentos norteadores da Educação Infantil. O estudo foi realizado em caráter qualitativo exploratório através de entrevista semiestruturada com os três professores de Educação Física que ministram aulas para alunos da Educação Infantil na rede municipal de ensino de Macatuba-SP. Nas entrevistas os professores foram questionados sobre sua formação, experiência profissional enquanto professor de Educação Física na escola, os motivos de atuar com a Educação Infantil, como é realizado o planejamento na rede de ensino de Macatuba-SP e quais os referenciais que utilizam para este fim. Para a discussão se utilizou da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) de Bronfenbrenner como base para a compreensão sobre respostas dos professores em relação aos questionamentos feitos durante as entrevistas. Ao final do estudo conclui-se que o planejamento na cidade de Macatuba é realizado de forma individual. A compreensão dos professores de Educação Física a respeito da BNCC é que ela trata a disciplina como interdisciplinar ou como um apêndice para objetivos e conteúdos de outras disciplinas, mas apesar disso a utilizam como um guia inicial para o planejamento, embora os objetivos sejam definidos a partir de seus próprios conhecimentos e experiências.

Palavras chave: Educação Física, Educação Infantil, Planejamento, BNCC, Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, Bronfenbrenner.

COSTA, Vívian Húngaro. **Educação Física na Educação Infantil**: Reflexões sobre o planejamento. Orientador: Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Júnior. Ano de depósito. Número de volumes ou folhas. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru/SP, 2024.

ABSTRACT

Physical Education classes for Early Childhood Education children are a source of doubt for teachers regarding their objectives and contents. These difficulties are generated because it is still a recent discussion, because scientific production on the subject is still scarce or even because of the lack of clear guidelines regarding what is expected from Physical Education for young children in the guiding documents, especially the one currently in force, the National Common Curricular Base (BNCC). The present study had the general objective of investigating, from the perspective of Physical Education professionals, how the planning of content, objectives and teaching strategies occurs for children in Early Childhood Education in the city of Macatuba-SP, as well as Investigating which references used by Physical Education teachers in planning activities in Early Childhood Education and verify the opinion of Physical Education teachers in the municipality of Macatuba-SP regarding the guiding documents for Early Childhood Education. The study was carried out on an exploratory qualitative basis through semi-structured interviews with three Physical Education teachers who teach classes to Early Childhood Education students in the municipal education network of Macatuba-SP. In the interviews, teachers were asked about their training, professional experience as a Physical Education teacher at school, the reasons for working with Early Childhood Education, how planning is carried out in the Macatuba-SP education network and what references they use for this. end. For the discussion, Bronfenbrenner's Bioecological Theory of Human Development (TBDH) was used as a basis for understanding teachers' responses to the questions asked during the interviews. At the end of the study, it is concluded that planning in the city of Macatuba is carried out on an individual basis. Physical Education teachers' understanding of the BNCC is that it treats the discipline as interdisciplinary or as an appendix to classroom objectives and contents, but despite this they use it as an initial guide for planning, although the objectives are defined based on their own knowledge and experiences.

Keywords: Physical Education, Early Childhood Education, Planning, BNCC, Bioecological Theory of Human Development, Bronfenbrenner.

Lista de Figuras

Figura 1: Campo de Experiência BNCC	33
Figura 2: Campo de Experiência Currículo Paulista	35
Figura 3: Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano	38
Figura 4: TBDH – Cronossistema.....	40
Figura 5: A Cebola dos Conteúdos	45
Figura 6: Linha do Tempo	56
Figura 7: Exossistema: Planejamento	69
Figura 8: Macrossistema: Legislação	78
Figura 9: Exossistema: Reuniões Pedagógicas (HTPC)	86
Figura 10: Microssistema: Aula de Educação Física	89

Lista de Quadros

Quadro 1: Formação dos Professores.....	63
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BAC	Bauru Atlético Clube
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEFAM	Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério
CCI	Centro de Convivência Infantil
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
HTPC	Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCD	Pessoa Com Deficiência
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PEB I	Professor de Educação Básica I
PEB II	Professor de Educação Básica II
PPCT	Pessoa, Processo, Contexto e Tempo
PPP	Projeto Político Pedagógico
RCN	Referenciais Curriculares Nacionais
RCNEI	Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TBDH	Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano

SUMÁRIO

1. Introdução	15
2. Objetivo	22
2.1 Objetivos específicos.....	22
3. Revisão de Literatura	23
3.1 A Educação Infantil	23
3.2 Educação Física na Educação Infantil	25
3.3 Os documentos oficiais	30
3.4 A TBDH aplicada a Educação Infantil	36
3.5 A Educação Física e sua especificidade	43
3.6 Formação de professores de Educação Física e a Educação Infantil	47
3.7 O planejamento no cotidiano escolar	50
4. Trajetória metodológica	52
4.1 Tipo de estudo	52
4.2 Participantes e aspectos éticos	53
4.3 Procedimentos para a coleta de dados	53
4.4 Procedimentos para análise dos dados	55
5. Resultados e Discussão	55
5.1 Formação Profissional	55
5.2 Experiência Profissional e atuação na Educação Física Escolar	63
5.3 O porquê de atuar na Educação Infantil	67
5.4 Planejamento: da atuação profissional ao referencial da BNCC	68
6. Limitações do trabalho	95
7. Conclusão	96
8. Referências Bibliográficas	98
9. Apêndices.....	107
9.1 Apêndice 1 – TCLE	107
9.2 Apêndice 2 – Assinatura TCLE Professor 1	111
9.3 Apêndice 3 – Assinatura TCLE Professor 2	112

9.4 Apêndice 4 – Assinatura TCLE Professor 3	113
9.5 Apêndice 5 – Termo de Anuência.....	114
9.6 Apêndice 6 – Roteiro orientador	115
9.7 Apêndice 7 – Entrevista Professor 1	116
9.8 Apêndice 8 – Entrevista Professor 2	135
9.9 Apêndice 9 – Entrevista Professor 3	147
10. Anexo	157
10.1 Anexo 1 – Parecer Consubstanciado	157

1. Introdução

Durante minha infância a Educação Física era a disciplina que eu mais gostava. Ainda me lembro das sensações de felicidade quando chegava a hora desta aula. Este comportamento é apresentado pelos alunos de forma frequente nestas aulas como descrito por Rangel-Betti (1992) em sua tese de doutorado, nele a autora afirma que mesmo com as dificuldades enfrentadas pela Educação Física o prazer se apresenta de forma real, indescritível ou até mesmo como um estado de fluxo que só é percebido quando há a experiência de algo muito prazeroso.

A relação professor-aluno também exerce influência nas aulas, seja de forma positiva ou negativa, de modo que o ambiente influencie o desenvolvimento dos alunos (Bronfenbrenner; Morris, 1996). Um fator essencial é o planejamento das atividades a partir das características dos alunos (Prado Jr., 2001), das condições materiais e de estrutura do ambiente (Vitorino, 2023) e fundamental ser realizado pelo professor especialista em Educação Física (Hernandes-Garcia, 2023).

Na Educação Infantil fui aluna da rede municipal de Bauru-SP e não tínhamos aulas com professor específico. Lembro-me da professora polivalente nos levar em alguns momentos de brincadeira fora da sala de aula. No entanto, só me recordo de ter realizado brincadeiras de roda enquanto estava na pré-escola além dos momentos do parque. A ausência do profissional de Educação Física nesta etapa inicial da Educação Básica foi relatada por autores como Cavalaro e Muller (2009) e Guirra e Prodócimo (2010) que salientam empecilhos para a contratação como: a falta de recursos financeiros das prefeituras e a falta de conhecimento sobre a importância da presença deste professor. Os autores ainda evidenciam a importância e necessidade das aulas específicas de Educação Física com profissional qualificado em conjunto com os professores de sala de aula.

Já no Ensino Fundamental I ingressei em uma escola particular também da cidade de Bauru, na qual as aulas de Educação Física eram ministradas por uma professora especialista. Fazíamos diferentes tipos de brincadeiras nesta etapa de ensino e neste período as aulas tinham um caráter recreacionista. Estas características da Educação Física foram relatadas por Beltrami (2001) e Arantes (2008) e ficou conhecida como uma das fases históricas da Educação Física, inclusive contendo vários estudos sobre a recreação como atividade física principal para o então chamado Ensino Primário.

No Ensino Fundamental II houve mudança de professor. Este tinha outro perfil, nos levava para correr na rua, fazíamos abdominais, avaliações físicas e praticávamos esportes. Nos era ensinado movimentos em suas técnicas corretas e realizávamos repetidamente as partidas. Esta característica assumida pela disciplina ficou conhecida como Educação Física Competitivista ou como Modelo Esportivista, fase histórica da disciplina em que seus professores assumiram papel de técnicos e utilizavam as aulas para descobrir novos talentos para o esporte (Castellani Filho, 2016; Coletivo de Autores, 1992).

Foi em um campeonato de voleibol na escola que conheci o esporte que me levou a escolher minha profissão. A partir do campeonato escolar em que o voleibol foi o esporte escolhido para competição, iniciei minha carreira como atleta amadora, com aulas de iniciação ao voleibol em um clube da cidade que hoje não existe mais, o Bauru Atlético Clube (BAC), posteriormente dei continuidade em outro clube tradicional de Bauru/SP, a Associação Atlética Luso Brasileira.

Esta época foi a de maior influência em minha vida e me levou à escolha de minha profissão, tanto pelo amor ao esporte quanto por profissionais incríveis que me ensinaram sobre o voleibol como meu primeiro treinador, o Canhoto e a treinadora com quem permaneci a maior parte da minha fase competitiva, Joanil. Portanto, concordo com Bronfenbrenner e Morris (1996) que uma experiência bem vivenciada em um determinado ambiente, por exemplo, o ambiente escolar, pode influenciar decisivamente a vida de uma pessoa, positiva ou negativamente. Dependendo de como forem programadas e aplicadas as atividades na Educação Física na escola estas podem potencializar a cultura corporal e possibilitar a sua aplicabilidade em outros ambientes que os escolares participem.

O trabalho com crianças, em especial as pequenas, se faz presente em minha vida desde o final da adolescência. Nesta época, com 17 anos, trabalhava com recreação e posteriormente com a Educação Física escolar. Foi neste momento que ingressei no curso de licenciatura em Educação Física, com o objetivo de trabalhar com o esporte, embora soubesse que a licenciatura não me habilitaria para tal. Porém, continuei os estudos e a universidade me abriu um leque enorme de possibilidades dentro desta área e me apaixonei pela possibilidade do trabalho com as crianças.

Ao mesmo tempo em que estudava, continuei trabalhando em um buffet infantil como monitora/recreadora e esta experiência me ajudou muito na forma de lidar com as crianças, entender os limites que precisam ser impostos sem deixar o carinho/afeto de lado. Foi um momento importante e hoje percebo que desde aquela época já desenvolvi

um olhar diferente e uma maior identificação com as crianças pequenas. Estas influências entre diferentes ambientes são explicadas pelo processo de desenvolvimento proximal apresentado na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) que valoriza a Pessoa, o Processo, o Contexto e o Tempo (PPCT) em que a vivência nos diferentes contextos ambientais interdependem entre si e causam efeitos de forma recíproca (Bhering; Sarkis, 2009).

Durante a graduação, mais precisamente nos anos de 2009 e 2010, tive a oportunidade de participar do projeto de extensão da UNESP – Bauru com o nome de “Educação Física para pré-escolares: uma necessidade”, regido por meu atual orientador de mestrado, Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Júnior. O projeto era desenvolvido na escola de Educação Infantil “Centro de Convivência Infantil” (CCI) que atende os filhos de servidores docentes e técnico-administrativos da universidade. As crianças desde os dois anos de idade já eram atendidas com as aulas ministradas por nós, então graduandos de Educação Física. O objetivo do projeto de extensão era evidenciar a importância dos professores de Educação Física na etapa da Educação Infantil para a ampliação de repertório motor e estimular o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social.

Manchur, Suriani e Cunha (2013) compreendem o projeto de extensão como uma oportunidade do docente de consolidação da formação, visto que contextualiza o graduando com a profissão ao mesmo tempo que constrói novos conhecimentos em um diálogo envolvendo a comunidade e a Universidade.

Ainda na universidade me recordo de ter tido aulas voltadas para a Educação Infantil e Ensino Fundamental – anos iniciais com a professora Liene Mílcia Aparecida Josué que lecionou suas aulas com maestria. Ela nos ensinou sobre características que devem ser levadas em consideração na prática docente e compartilhou de suas experiências enquanto professora de Educação Física das faixas abordadas naquela disciplina. Foi muito proveitoso e grande parte do que nos ensinou em suas aulas utilizo em minha atuação profissional até hoje.

Em minha trajetória como docente atuei na cidade de Jaú no primeiro semestre de 2012 em decorrência de um processo seletivo. Porém acabei saindo do cargo, pois havia me efetivado como professora de Educação Física no município de Macatuba, ingressando em 27 de julho de 2012.

Macatuba é um município privilegiado, pois conta com professores especialistas de área desde a Educação Infantil, para as disciplinas de Educação Física e Educação Artística, enquanto muitos municípios, inclusive de maior porte, ainda não têm em seu

corpo docente professores de áreas específicas e nem sequer para o Ensino Fundamental – anos iniciais (Malagi, 2023; Hernandez-Garcia, 2023).

No momento que ingressei para a rede de ensino de Macatuba foi me apresentado um plano de ensino municipal a ser desenvolvido no ano letivo dentro de minha disciplina. Porém foi dada a liberdade para que adaptações fossem realizadas. Este planejamento teve por base os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – RCNEI – (Brasil, 1998b) e os conhecimentos adquiridos na formação das professoras que o elaboraram naquele momento.

O planejamento agregava conteúdos de expressividade, equilíbrio e coordenação, manipulação de materiais, exploração de movimentos e conhecimento do próprio corpo sendo possível observar uma tendência desenvolvimentista.

O plano de ensino era proposto para toda a rede, visto que se buscava uma equalização do ensino, porém passível de adaptações, uma vez que a realidade de cada escola é diferente.

Os materiais geralmente são semelhantes tanto para as escolas quanto para as creches, mas a infraestrutura entre os estabelecimentos educacionais diverge bastante. Nas creches não existe um local adequado para as aulas de Educação Física, sendo utilizados espaços adaptados para este momento. Este fato é encontrado em realidades de outros municípios, o que leva a maiores dificuldades da aplicação prática dos conteúdos da Educação Física Escolar como apontado no estudo de Vitorino (2023).

Com o tempo, em conversas informais e horário de trabalho pedagógico coletivo (HTPC) com demais professores de Educação Física, percebi que não se atinham muito ao planejamento. Os profissionais que haviam participado da estruturação do plano de ensino junto com as demais concordavam que estava antigo e defasado, precisando de uma nova elaboração, mas para que fosse possível senti que todos precisávamos de um norte.

Durante minha carreira docente em Macatuba os HTPC para os professores especialistas de área, ou professores de Educação Básica II (PEB II), aconteciam por área em algumas oportunidades, mas com certa regularidade. Existia um mediador que coordenava estas horas de trabalho e por mais que se esforçasse em levar conteúdo pertinente à área, os artigos eram superficiais e com assuntos já de conhecimento dos professores ou apenas curiosidades, mas a dinâmica não instigava a discussões para incorporação do conteúdo. Eram duas horas que passavam lentamente, no período noturno, após um dia cansativo de trabalho, muitas vezes acaba não sendo produtivo.

Em um momento posterior, já alguns anos depois de meu ingresso em Macatuba, os HTPC eram coordenados por uma das professoras de Educação Física da rede. Esta professora se preparava bastante para esse momento, montava uma pauta com artigos, um momento para discussão, em outras ocasiões pedia que houvesse uma troca de experiências e planejamento em grupo ou até preparo de aulas ou de materiais alternativos que necessitariam de confecção. Apesar de tanta dedicação e de termos esta oportunidade para aproveitar e fortalecer a Educação Física da cidade, os momentos não eram aproveitados, os professores não demonstravam muito interesse nos estudos propostos ou planejamentos coletivos, embora as trocas de experiências acontecessem.

Outros estudos fizeram constatações a respeito dos momentos de trabalho pedagógico coletivo e encontrou evidências parecidas com meus relatos.

Mendes (2008) indica que os momentos de trabalho pedagógico coletivo foram criados para pautar a realidade da escola e para formação de professores, porém hoje é tido como apenas burocracia. Ele afirma que a ideia que os professores têm sobre o HTPC é que constitui em um tempo perdido pela forma que é conduzido e organizado. O desinteresse e resistência dos professores é um fator relevante para a condução de projetos de formação que podem ser desenvolvidos durante os HTPC e o tempo de experiência parece influenciar nesta abstenção aos estudos que acontecem no trabalho coletivo.

Bossle (2008) em sua tese de doutorado encontrou um cenário diferente do que se espera quando o assunto é o planejamento coletivo. O estudo realizado em Porto Alegre/RS verificou que não ocorre o trabalho docente coletivo, embora aproximações e práticas de colaboração em circunstâncias específicas aconteçam entre os professores de Educação Física. As práticas educativas assumem um formato individualizado desde a gestão administrativa até as ações cotidianas desenvolvidas pelos docentes. Esta deficiência foi justificada pela ausência de um projeto pedagógico.

Diante das divergências de interesses em unificar o planejamento decidi não seguir o plano de ensino local integralmente e realizar modificações a partir da minha formação e conhecimentos a fim de proporcionar uma Educação Física que priorize o desenvolvimento integral das crianças.

As referências que utilizei para formular o meu próprio plano de ensino foram as mesmas que aprendi durante minha formação inicial. Segui pelo caminho que mais fazia sentido para mim, a linha da cultura corporal de movimento.

A cada ano, procurei repensar minha atuação e buscar novos conhecimentos, senti dúvidas sobre os caminhos da Educação Física na Educação Infantil e por vezes me senti fornecendo apenas uma assistência aos conteúdos trabalhados pelas pedagogas em sala de aula. Fato semelhante foi verificado por Simão (2005), que observou em seu estudo a ênfase de uma Educação Física na Educação Infantil “auxiliadora” da alfabetização”.

Durante a minha prática profissional vejo que algo faltava em minhas aulas. Li e reli os documentos oficiais para ter maior segurança sobre o assunto, em especial, as diretrizes e a organização do planejamento das atividades da Educação Física no Ensino Infantil. Neste tempo de indagações surgiu a oportunidade do mestrado profissional, optei por definir esta problemática para minha investigação no ambiente que estou atuando, em busca de detectar as dificuldades, tentar superá-las e contribuir para estimular a discussão sobre o assunto.

Para nortear o trabalho dos docentes da Educação Infantil têm-se os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo Paulista, além do currículo desenvolvido em cada município.

Portanto, há quase doze anos desenvolvo aulas de Educação Física na Rede Municipal de Macatuba-SP. Ministras aulas na Educação Infantil, ao mesmo tempo em que me encanta, me preocupa visto que os documentos a nós apresentados como diretrizes não nos deixam claro sobre quais os objetivos e qual o programa de atividades deve ser desenvolvido na Educação Física na pré-escola.

Em reflexão e observação empírica das aulas de Educação Física na Educação Infantil de diferentes profissionais percebo que sempre relatam adaptações dos conteúdos da Educação Física do Ensino Infantil, como, por exemplo, jogos e brincadeiras que remetem a habilidades esportivas, coreografias, repetição de atividades, entre outras adaptações. Porém os conteúdos e estratégias são bastante parecidos com os do Ensino Fundamental, em especial as atividades que fornecem a sensação de controle e disciplina, com pouco ou nenhum momento de permissão às crianças para brincar e explorar seus movimentos no espaço ou com materiais.

As questões que ficam são: está correto ou incorreto? O que exatamente se deve ensinar para as crianças desta faixa etária?

Desta forma nota-se a falta de clareza sobre os conteúdos específicos da Educação Física na Educação infantil, muitas vezes a disciplina assume um papel de

assistente ou reforço de conteúdos de outras disciplinas (brincadeiras que abordem símbolos, letras e números) (Ayoub, 2001).

A fim de explorar como é trabalhada a Educação Física na Educação Infantil com base na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, não apenas em nível de microssistema, apenas a aula de Educação Física em si, mas com uma análise mais ampla, compreendê-la em um contexto maior, ampliado. Desta forma o entendimento também se dá sobre quem são os professores que ali atuam, quais suas concepções e como definem seu planejamento fez-se necessário este estudo.

2. Objetivo

Este estudo tem por objetivo geral investigar a partir da visão dos profissionais de Educação Física como ocorre o planejamento: dos conteúdos, objetivos e estratégias de ensino, para as crianças do Ensino Infantil no município de Macatuba-SP.

2.1 Objetivos específicos

- Investigar quais os referenciais utilizados por professores de Educação Física no planejamento de atividades na Educação Infantil;
- Interpretar a opinião dos professores de Educação Física do município de Macatuba-SP a respeito dos documentos norteadores da Educação Infantil.

3. Revisão de Literatura

3.1 A Educação Infantil

A Educação Infantil surgiu no Brasil após a revolução industrial com a necessidade de auxiliar mulheres que trabalhavam fora de casa e não poderiam mais estar com seus filhos neste período (Libâneo, 2012).

Em 1996 a Educação Infantil foi incluída na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996), em 1998 foi criado os RCNEI e em 2009 as DCNEI. Nota-se, portanto que a Educação Infantil vem ganhando maior destaque na educação e seu debate é recente, pouco mais de 50 anos. A questão da Educação Física na Educação Infantil é mais recente ainda (Cavalaro; Muller, 2009).

Para as crianças pequenas a educação formal, hoje chamada de Educação Infantil, é oferecida pelos municípios em creches para crianças até 3 anos de idade e em pré-escolas para crianças até 5 anos. Esta fase da Educação Básica conta com uma avaliação descrita como registro do desenvolvimento infantil e não objetivo de promoção ou reprovação da criança. (Brasil, 1996).

A avaliação nas aulas de Educação Física muitas vezes ainda acontece em seu modelo tradicional, com a atribuição de notas pelo desempenho (Darido, 2012; Gordo; Furtado; Newar, 2021).

As pesquisas sobre avaliação para a Educação Física são voltadas para a etapa do Ensino Fundamental, o que pode ser explicado pelo fato de a Educação Infantil não atribuir notas às crianças, porém cabe um questionamento: como avaliar se houve ou não desenvolvimento de modo satisfatório aos alunos? Esta reflexão é importante para que o planejamento seja repensado e revisto caso necessário.

Darido (2012) explica que a avaliação deve contemplar as dimensões cognitiva, motora e valores. O estudo de Darido é datado de 2012 e traz em sua perspectiva de avaliação os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como base, documento este que foi norteador para o Ensino Fundamental e tem como principal eixo as dimensões conceitual, procedimental e atitudinal.

Gordo, Furtado e Newar (2021) fazem um apelo por maiores reflexões sobre a avaliação da aprendizagem da Educação Física pela comunidade escolar para que não seja excludente e que respeite as experiências motoras, sociais e culturais dos alunos.

De acordo com os RCNEI (Brasil, 1998b) a criança pequena devem ser compreendida como sujeito social e histórico, pois faz parte de uma organização familiar, sendo a referência que ela tem sobre as interações sociais. A família se insere em uma sociedade, portanto detém de sua própria cultura em um contexto histórico que se encontra.

Os referenciais também evidenciam que cada criança tem sua natureza própria e por este motivo tem sua interpretação de mundo. Sua comunicação com o externo se dá por meio das brincadeiras, deste modo constroem seus conhecimentos por meio das interações com outras pessoas e com o meio que estão inseridas (Brasil, 1998b).

A escola é um ambiente voltado para os estudos, porém contempla mais do que isso, do ponto de vista psicossociológico também representa para os alunos um lugar de socializar, de encontros, de amizades, de confrontos e de construção de identidade (Gatti, 2020). Desta forma o professor da Educação Infantil assume uma característica peculiar de atenção também voltada para o desenvolvimento emocional das crianças (Tanus Galvão; Brasil, 2009).

A complexidade de culturas inseridas em uma mesma sala de aula e a interação entre as crianças pode gerar alguns entraves durante as aulas. A indisciplina tem se apresentado como um elemento dificultoso no processo de ensino-aprendizagem. Os professores, segundo Gomes (2012), têm relatado dificuldades em estabelecer limites durante as aulas, o autor comenta sobre ser necessário "... recuperar a autoridade e o respeito mútuo entre os que participam do processo de ensino e aprendizagem...", embora não seja necessário ser autoritário e inadequado.

O cuidado e a afetividade são constantemente mencionados nos documentos que regiram a Educação Infantil, os RCNEI e DCNEI, bem como está presente no documento que a rege no momento, a BNCC.

Tanus Galvão e Brasil (2009) falam sobre a necessidade de compreensão e preocupação sobre a afetividade, característica peculiar para a atuação com os pequenos, pois é tido como fundamental que haja um desenvolvimento emocional saudável das crianças da Educação Infantil. Os autores chamam a atenção para o conhecimento da criança como sujeito em sua história e cultura e valorizar suas especificidades.

Jesus e Lempke (2015) verificaram que o aspecto emocional tem evolução junto com outros aspectos do desenvolvimento e todos têm forte influência na aprendizagem. Os autores destacam a timidez e agressividade como emoções danosas ao

desenvolvimento das crianças, pois dificultam a criação de laços afetivos destas crianças com os demais, em contrapartida a empatia, uma emoção também relacionada à socialização, apresentou um destaque contrário, como fundamental para o desenvolvimento integral da criança.

Durante o período de retorno das crianças às escolas após flexibilizações da pandemia de COVID-19, Ferreira *et al.* (2022) previam que haveria "... muitos casos de crianças com ansiedade, culpa, raiva, insônia, insegurança, medo e tristeza...". De fato Sá e Farias (2021) notaram alterações no comportamento de crianças como ansiedade, depressão, transtornos alimentares e labilidade emocional (mudanças de humor repentinas).

O período da pandemia de COVID-19 também acarretou uma privação das crianças de experiências no ambiente escolar e em áreas de lazer, sofrendo uma carência de experiências motoras e de interação social (Silva; Vianna, 2023).

3.2 Educação Física na Educação Infantil

Impolcetto e Darido (2016) apresentaram a evolução e problemas que a Educação Física enfrentou diante das leis brasileiras, em especial, com as mudanças da LDB. Como apresentado pelos autores, a Educação Física foi tida como atividade escolar desde a primeira promulgação da lei, em 1961. Porém, em 1996 passou a integrar a proposta pedagógica da escola, tornando-se um componente curricular.

Basei (2008) afirma que a Educação Física na Educação Infantil ainda apresenta uma escassez em pesquisas e produções teóricas além da falta de professores especialistas para esta etapa da educação básica. Tais constatações contribuem para diminuir o potencial de atingir os objetivos e a aprendizagem das crianças por meio da cultura de movimento. Segundo o autor uma concepção didático-metodológica precisa ser desenvolvida na Educação Infantil que respeite o estágio de desenvolvimento das crianças.

Moura, Costa e Antunes (2016) analisaram a produção científica acerca da Educação Física na Educação Infantil durante o período de 2000 a 2012 e perceberam baixa produção sobre o tema neste período. As produções encontradas não indicam orientação ou propostas claras para a área neste nível de ensino. Os autores ainda ressaltavam outros entraves sobre as orientações para a Educação Física na Educação

Infantil: a) a disciplina era recente na Educação Infantil, sendo obrigatória a partir de 2003, b) os cursos de graduação em Educação Física não têm tratamento semelhante com a Educação Infantil em relação aos outros níveis de ensino. Assim, concluem afirmando que a produção científica sobre o tema pode ser o pontapé inicial para uma nova compreensão e intervenção da Educação Física na Educação Infantil.

Na LDB (Brasil, 1996), em seu art. 26º § 3º evidencia a Educação Física como componente curricular da Educação Básica, inclui a Educação Infantil, e deve ser ajustada de acordo com as faixas etárias e condições da população local. Em seu art. 27º, de forma generalizada, orienta que os conteúdos curriculares sigam as seguintes diretrizes:

- I – a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;
- II – consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;
- III – orientação para o trabalho;
- IV – promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais. (Brasil, 1996).

Pelo RCNEI é proposto que haja o momento do movimento e da brincadeira, porém não distingue que seja um professor com formação específica em Educação Física, entretanto evidencia que o professor trabalhará conteúdos diversos englobando desde conhecimentos específicos até cuidados básicos essenciais à criança. Desta forma as aulas sobre movimento não serão necessariamente ministradas por um profissional de Educação Física (Brasil, 1998b).

Spessato *et al.* (2009) verificaram que a rotina em duas creches era de assistência à higiene e saúde, os momentos de alimentação restringiam a interação entre os bebês, durante a troca de fraldas existia maior interação e afetividade deles com as educadoras. Sobre o momento de brincar com brinquedos, os recursos não eram tantos e os que não se locomoviam dependiam da educadora para manipulá-los, de acordo com os autores estes fatores influenciaram o atraso motor. Houve um programa de 18 intervenções individualizadas que continham estimulação de perseguição visual, de exploração sensorio-motora e de deslocamento o que gerou impacto positivo no desenvolvimento motor e controle postural das crianças.

Entre fatores destacados por Spessato *et al.* (2009) que influenciaram as intervenções com os bebês estavam o número elevado de crianças por educador, falta de formação dos mesmos e sua cultura, escassez de material pedagógico, falta de interação

com outras crianças. Em conclusão, ficou evidente que incorporar práticas de intervenção motora na rotina das creches traz benefícios ao desenvolvimento motor das crianças.

Desta forma, a Educação Física precisa ser inserida em debates sobre o corpo e movimento na Educação Infantil e buscar sua inserção nesta etapa de ensino, uma vez que a formação das crianças pode ser mais qualificada com a intervenção do professor especialista (Silveira, 2015).

Suzini (2020) verificou diferença no desenvolvimento motor de crianças na fase da Educação Infantil quando as aulas de Educação Física eram ministradas por professor especialista da área (graduação em Educação Física) do que quando eram ministradas por professor de referência (geralmente com graduação em pedagogia). Para o trabalho, dois grupos de escolares com 29 alunos foram utilizados, um com aulas de Educação Física ministradas por especialista e outro com aulas ministradas por professor de referência. Para avaliação do desenvolvimento motor foram feitos testes de habilidades motoras de locomoção e de manipulação de objetos, além do controle postural no início e ao final do ano letivo. Ao final do estudo o autor verificou que a respeito das habilidades motoras de locomoção ambos os grupos tiveram evolução, porém somente o grupo que realizou aulas com especialista obteve melhoras nas habilidades motoras de manipulação e controle postural.

Para Magalhães, Kobal e Godoy (2007) as crianças da Educação infantil se encontram em idade ideal para o desenvolvimento dos movimentos fundamentais e devem ser explorados de forma lúdica e por meio do jogo simbólico. Assim, é possível enriquecer o repertório motor e proporcionar o desenvolvimento cognitivo e afetivo-social. Por este motivo os autores enxergam a necessidade de que aulas de Educação Física sejam incluídas nesta fase da Educação Básica por conta da formação específica dos professores desta área, pois traçarão objetivos, conteúdos e uma metodologia adequada. Além desta necessidade também é destacado a parceria dos profissionais de Educação Física com os professores polivalentes, pais e direção para a "...construção de uma educação de melhor qualidade para as crianças, na formação de cidadãos mais humanos, saudáveis e felizes."

A abordagem desenvolvimentista tem o objetivo de oferecer experiências adequadas ao nível de crescimento e desenvolvimento da criança e preza por proporcionar aos alunos condições para desenvolvimento motor através da diversificação e complexidade dos movimentos (Darido, 2012).

Em narrativa sobre aulas de Educação Física com abordagem crítico-superadora, portanto tendo como foco principal a cultura corporal em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) de Campinas, Ayoub (2005) organizou dois grupos de estagiários em Educação Física em momentos diferentes, um grupo em 2001 e outro em 2003 que em seus estágios realizaram um mapeamento dos conhecimentos dos alunos sobre Educação Física. Foi constatado que mesmo crianças bem pequenas já conhecem práticas esportivas e também outras práticas pertencentes à cultura corporal. Foram propostos trabalhos com jogos e brincadeiras, automassagem, música contextualizada, corpo como forma de linguagem e ginástica em forma de faz de conta. Em conclusão sobre as experiências relatadas pelos estagiários, a autora afirma que foram muito significativas na apropriação da cultura corporal e interpretação de mundo.

Gomes (2020) realizou um estudo de campo com entrevista semiestruturada em que selecionou oito professores de Educação Física que atuam na Educação Infantil e analisou as respostas dos participantes a partir da Análise de Conteúdo proposta por Bardin. Suas constatações foram que ainda há uma visão limitada e restrita sobre o currículo da Educação Física na Educação Infantil, os referenciais utilizados pelos professores entrevistados foram os RCNEI, o DCNEI e BNCC.

No estudo de Gomes (2020) os professores também relataram a não valorização da Educação Física na Educação Infantil, levando a problemas na atuação pela falta de investimento em infraestrutura e materiais. Considerando as especificidades da Educação Física para os pequenos, os professores entrevistados apresentaram a cultural corporal de movimento como referência para a definição dos objetivos e conteúdos a serem abordados.

Lopes e Silva (2020) aplicaram questionário com professores de Educação Física atuantes na Educação Infantil do município de Pacaraima com a finalidade de compreender a visão dos professores sobre a importância da Educação Física na Educação infantil. De acordo com as respostas obtidas, os professores entendem que a Educação Física é importante para todas as faixas etárias, visto que promove o desenvolvimento do indivíduo como um todo. Quando questionados sobre os benefícios da Educação Física para os pequenos as respostas foram voltadas para o desenvolvimento cognitivo e motor, além de outros adendos como a melhora do físico e psicológico, a socialização, o auxílio na aprendizagem em sala, o incentivo ao esporte, a prevenção de doenças e a coordenação motora. Os autores concluíram que na Educação infantil a Educação Física explora uma variedade de vivências em diferentes dimensões e

se mostra fundamental para o desenvolvimento de diferentes aspectos das crianças como psicológico, social, mental e físico.

Darido (2019) teorizou sobre a relação entre experiências e vivências de práticas corporais com o conhecimento sobre elas. Pelo modelo tradicional da Educação Física escolar há uma priorização sobre o ensinar a fazer, dando à área um caráter meramente prático, recreativo, descompromissado com conteúdos. Este modelo sofreu e ainda sofre diversas críticas, pois existem uma enorme gama de conhecimentos a serem aprendidos nas aulas de Educação Física na escola, e neste sentido a imagem de um momento de lazer ou de atividade física voltada para a saúde em contexto escolar deve ser superada. O movimento renovador surge então como uma impulsão destas mudanças de visão sobre a Educação Física escolar e elevá-la a disciplina, não sendo mais somente uma atividade.

Foi neste momento de renovação que a Educação Física incluiu uma proposta pedagógica de cunho culturalista, abrangendo a cultura corporal de movimento. Esta nova perspectiva adotada enriquece as aulas com conteúdos e contextos a serem trabalhados, o que vão além do apenas saber fazer, mas sobre esta prática e dá a oportunidade aos alunos transformarem suas práticas por meio de um ensino contextualizado e crítico (Darido, 2019).

Bertini Junior e Tassoni (2013) entenderam em seus estudos que os professores de Educação Física têm dificuldade na incorporação de concepções mais recentes da disciplina e insistem em trazer a tona momentos mais antigos da área. Os autores também comentam que as mudanças que ocorreram ao longo dos anos tanto na legislação quanto na organização de cursos de graduação não asseguram que a mesma aconteça na visão e compreensão dos profissionais de Educação Física sobre sua disciplina.

Gonçalves (2020) em sua dissertação teve o objetivo de compreender a função da Educação Física escolar na Educação Infantil e com isso apresentou uma proposta de aprendizagem com base na concepção da pedagogia crítico-emancipatória, pautada na perspectiva do movimento humano. A pesquisa teve caráter descritivo com influência dos RCNEI, DCNEI, BNCC e referenciais teóricos. A partir daí foi elaborada uma proposta de planejamento que valoriza o movimento e o se movimentar tematizando a capoeira. A autora evidencia a necessidade da organização do planejamento de forma que todas as crianças sejam capazes de participar, independente de suas capacidades, habilidades ou experiências de movimento. Para a elaboração de propostas de experiências de

movimento na Educação Infantil é preciso ter em mente que a criança seja estimulada por meio de brincadeiras que as levem a descobrir e buscar soluções para diversas situações, que façam sentido para sua aprendizagem. A Educação Física nesta perspectiva deixa de ser somente um modo de instrumentalizar o gesto motor, ao invés disso, a construção da aprendizagem atribui sentido e significado pelo movimento (Gonçalves, 2020).

Ao estudar artigos, literaturas e documentos como citados anteriormente fica evidente que a Educação Física é um componente curricular fundamental e que a intervenção de um profissional qualificado faz a diferença no desenvolvimento motor e global das crianças em idade da Educação Infantil, mas há ainda lacunas quanto aos conteúdos e objetivos da Educação Física.

3.3 Os documentos oficiais

Mencionando o primeiro documento norteador escrito especificamente para a Educação Infantil, os objetivos previstos referentes a Educação Física dos RCNEI apontam para capacidades de ordem física que dizem respeito às potencialidades corporais, ao autoconhecimento, ao uso do corpo na expressão das emoções e ao deslocamento com segurança. A brincadeira se faz presente na organização da prática docente na Educação Infantil, porém a intencionalidade e objetivos específicos de tais brincadeiras é bastante vago (Brasil, 1998b).

Silvestre (2012) afirma que as crianças precisam tanto do tempo de brincar e explorar com iniciativa própria, afinal a brincadeira é principal linguagem da infância, quanto dos desafios propostos por intervenções de adultos.

No quesito educar, os RCNEI prezam por tornar acessível às crianças da pré-escola elementos da cultura para o seu desenvolvimento. Sua inserção à sociedade e o desenvolvimento de sua identidade, enfatizando o cuidado, a brincadeira e aprendizagens orientadas. O cuidado é entendido neste documento como integrado à educação e envolvem tanto a dimensão afetiva, aspectos biológicos, alimentação e demais cuidados à saúde. A brincadeira é entendida como a linguagem infantil e por isso tem papel essencial para as faixas etárias em questão (Brasil, 1998b).

Assim como nos RCNEI, os DCNEI também citam as brincadeiras como uma linguagem a ser trabalhada na Educação Infantil, bem como a convivência e interação com seus pares. Porém, não existe um norteamento sobre os conteúdos a serem estudados a partir de potencialidades corporais e seus contextos (Brasil, 2010).

O documento norteador para a primeira etapa da Educação Básica mais recente, a BNCC, da mesma forma que os documentos anteriores, vinculam o educar e o cuidar de modo que acolhe as vivências e conhecimentos das crianças construídos em seus ambientes familiares e comunidade, articula-os com a proposta pedagógica e objetiva ampliar as experiências, conhecimentos e habilidades delas (Brasil, 2017).

A BNCC traz o reconhecimento da criança como protagonista e autora de seu processo educativo, integra e articula diversas áreas do conhecimento, aborda o corpo e o movimento com expressividade e carregado de sentidos. A brincadeira passou a ser um direito de aprendizagem e não mais um meio para aprender, porém este documento apresenta objetivos mais engessados e oculta seu embasamento (Mello *et al.*, 2016).

A Base também busca fornecer condições para que as crianças sejam sujeitos ativos em seu processo de aprendizagem, por isso conta com seis direitos de aprendizagem que são conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se que garantiriam esta participação ativa (Brasil, 2017).

Este documento trabalha com os chamados “campos de experiências”, dentre eles o “corpo, gestos e movimentos” é o que apresenta maior aproximação com a Educação Física. Neste campo é possível identificar a necessidade de estudar jogos e brincadeiras, expressão corporal, noção espacial, habilidades motoras de locomoção, hábitos saudáveis, habilidades motoras de manipulação manuais (Brasil, 2017).

A descrição do campo de experiência “corpo, gesto e movimento” trata o corpo como parte central da aprendizagem da criança devido à sua função de exploração do mundo, de se relacionar, de expressão, de conhecimento e estabelecimento de potencialidades e limites, tudo isso com associação do lúdico e até menciona que seja importante explorar um amplo repertório motor:

... explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo (tais como sentar com apoio, rastejar, engatinhar, escorregar, caminhar apoiando em berços, mesas e cordas, saltar, escalar, equilibrar-se, correr, dar cambalhotas, alongar-se etc.) (Brasil, 2017).

Por compreender uma faixa etária com grande evolução no desenvolvimento em um curto período, a Educação Infantil foi dividida pela BNCC em três grupos por faixas de idade, são elas: 1) os bebês de zero a um ano e seis meses; 2) as crianças bem pequenas, que são as de um ano e sete meses a três anos e onze meses; 3) e as crianças pequenas, tendo de quatro a cinco anos e 11 meses.

Os campos de experiências foram divididos em 5:

- 1) “O eu, o outro e o nós” que traz como objetivo habilidades de autocuidado, percepção de si e dos outros, comunicação e interação;
- 2) “Corpo, gestos e movimentos” voltado ao movimento como expressão, movimento enquanto cultura da criança, experimentação das possibilidades corporais, orientação espacial, autocuidado e saúde, habilidades de locomoção são enfatizadas, bem como habilidades manuais sendo ressaltadas habilidades de coordenação motora fina como desenhar, pintar, rasgar e folhear, porém nenhuma habilidade motora ampla foi citada;
- 3) “Traços, sons, cores e formas” traz habilidades voltadas para as artes cênicas, artes plásticas e musicalidade;
- 4) “Escuta, fala, pensamento e imaginação” aborda a linguagem oral e escrita, expressão de pensamento, opinião, criatividade, interpretação e reconto de histórias, reconhecimento de gêneros textuais, entre outras habilidades requisitadas neste campo. Vale ressaltar que este é o campo de experiência com maior número de habilidades exigidas para a etapa da Educação Infantil, de forma mais ampla é possível entender este campo de experiência como o aprendizado da língua portuguesa;
- 5) “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” diz respeito a habilidades que compreendam a natureza, os objetos, medidas e quantidades, contagem oral, etc, é o segundo campo de experiência no quesito quantidade de habilidades a serem trabalhadas (Brasil, 2017).

Apesar de adotar o discurso do movimento e exploração dos espaços, quando o quadro de objetivos da aprendizagem é observado, nota-se que a brincadeira está sempre presente, porém é vago sobre a exploração de repertório motor e aparentemente este campo de experiência é utilizado como um apoio para o aprendizado de conceitos trabalhados por professores polivalentes.

Na Figura 1 a seguir é possível observar o campo de experiência “corpo, gesto e movimento”. Entre as habilidades destaca-se os itens “(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.” encontrado na terceira coluna, segunda fileira e “(EI02CG05) Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.” descrito na segunda coluna, quinta fileira (BRASIL, 2017). Estas habilidades enfatizadas sugerem uma assistência dos

gestos motores que serão importantes para o manuseio de materiais utilizados em sala de aula, algo que não é específico da Educação Física.

Figura 1: Campo de Experiência BNCC

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS”

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
(EI01CG01) Movimentar as partes do corpo para expressar corporalmente emoções, necessidades e desejos.	(EI02CG01) Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras.	(EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.
(EI01CG02) Experimentar as possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiadores.	(EI02CG02) Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas.	(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.
(EI01CG03) Imitar gestos e movimentos de outras crianças, adultos e animais.	(EI02CG03) Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações.	(EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.
(EI01CG04) Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem-estar.	(EI02CG04) Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo.	(EI03CG04) Adotar hábitos de autocuidado relacionados a higiene, alimentação, conforto e aparência.
(EI01CG05) Utilizar os movimentos de preensão, encaixe e lançamento, ampliando suas possibilidades de manuseio de diferentes materiais e objetos.	(EI02CG05) Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.	(EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.

Fonte: Adaptado de Brasil (2017)

Neira (2018) fez uma crítica à BNCC. Em seu artigo o autor afirma que a Base é um retrocesso político e pedagógico quando se pretende desenvolver competências e habilidades. Sobre a Educação Física neste documento, Neira (2018) argumenta haver inconsistências em sua fundamentação. Pontuando uma das críticas, o autor comenta sobre a Educação Física para os anos iniciais do Ensino Fundamental, etapa da Educação Básica em que a Educação Física já é normatizada, e no texto da BNCC traz a

concepção de Educação Física como auxiliar nos processos de letramento e alfabetização das crianças. Além de adotar um caráter de assistência, Neira afirma a ausência de criticidade para as aulas, levando a Educação Física em rumo contrário ao que se propõe para a disciplina em tempos atuais.

Betti (2018) fez reflexões sobre a BNCC, nelas apontou que o documento não se configura como um currículo, porém distribui unidades temáticas e objetivos de conhecimento o que pode apresentar um avanço ao chamado *laissez-faire*, ou o “rola bola”. Sobre as habilidades a crítica se fez em relação à redação que pode dificultar que os professores a compreendam, portanto abre espaço para diferentes interpretações. Segundo o autor, a tarefa de articular os fins e os meios ficou a cargo das escolas e professores e para isso é preciso ter claro em mente quais as finalidades da Educação Física, reinterpretar e delimitar os objetivos de aprendizagens, chamados de “habilidades” na BNCC, articular as finalidades da Educação Física aos objetivos de aprendizagem e articular tudo isso ao modo de ensinar. Betti completa afirmando ser necessário rigor sobre o como ensinar, que não fica claro na Base, para que não se perca no caminho em “propor uma meta e se valer de meios incoerentes.”.

Assim, como a BNCC, o Currículo Paulista prioriza o protagonismo da criança com práticas de escuta ativa e a proposta de experiências que permitam ampliar sua esfera cultural, artística, científica e tecnológica (São Paulo, 2019).

No Currículo também estão presentes os campos de experiência “O eu, o outro e o nós”, “corpo, gestos e movimentos”, “traços, sons, cores e formas”, “escuta, fala, pensamento e imaginação” e “espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” e também como na BNCC, este documento não aborda sobre a Educação Física especificamente e destaca em um de seus itens a aquisição de habilidades manuais de coordenação motora fina para manuseio de materiais típicos de sala de aula (São Paulo, 2019).

Na Figura 2 a seguir observa-se o item identificado na segunda coluna, última fileira. Esta coluna corresponde às crianças de um ano e sete meses a três anos e onze meses, porém nas faixas anterior, de zero a um ano e seis meses, e posterior, de quatro anos a cinco anos e onze meses, são descritas de forma mais abrangente e não especifica como atividades voltadas para habilidades que auxiliam o manuseio de livros e cadernos.

Figura 2: Campo de Experiência Currículo Paulista

CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS		
Bebês (Zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças Bem Pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças Pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
(EI01CG01) Movimentar-se para expressar corporalmente emoções, necessidades desejos, manifestando suas intenções comunicativas.	(EI02CG01) Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras.	(EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.
(EI01CG02) Experimentar as possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes.	(EI02CG02) Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., aperfeiçoando seus recursos de deslocamento e ajustando suas habilidades motoras, ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas.	(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.
(EI01CG03) Imitar gestos e movimentos de outras crianças, adultos e animais em interações e brincadeiras.	(EI02CG03) Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações.	(EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música, (re)inventando jogos simbólicos e reproduzindo papéis sociais.
(EI01CG04) Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem-estar nas atividades cotidianas.	(EI02CG04) Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo, encontrando soluções para resolver suas necessidades pessoais e pedindo ajuda, quando necessário.	(EI03CG04) Adotar hábitos de autocuidado relacionados a higiene, alimentação, conforto e aparência, atuando de forma progressiva e autônoma nos cuidados essenciais, de acordo com suas necessidades.
(EI01CG05) Utilizar os movimentos de preensão, encaixe e lançamento, ampliando suas possibilidades de manuseio e exploração de diferentes materiais e objetos.	(EI02CG05) Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros, explorando materiais, objetos e brinquedos diversos.	(EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.

Fonte: Adaptado de São Paulo (2019)

Uma vez que a criança conhece o mundo a partir da exploração de seus movimentos, o desenvolvimento global dependerá de suas experiências em sua primeira infância, desta forma a intervenção na Educação Infantil pode proporcionar estímulos de

qualidade que favorecem o desenvolvimento infantil. Com as adaptações elas passam a modificar a forma como interagem com o ambiente. Um referencial teórico que busca entender a relação dinâmica e recíproca entre a criança e o ambiente é a TBDH proposta por Bronfenbrenner e Morris (1996).

Esta teoria serviu como base para a interpretação do papel do planejamento a partir da visão dos professores da Educação Física para a Educação Infantil e os contextos que podem interferir.

3.4 A TBDH aplicada a Educação Infantil

A escolha da TBDH para fundamentar o presente estudo parte dos seguintes pressupostos:

- a) É possível modificar a realidade de um ambiente a partir das pessoas que nele estão presentes e para tanto, é fundamental conhecer quem é o aluno, quem são os professores e as variáveis dos contextos que compõem o ambiente escolar que influencia o microssistema (Bronfenbrenner; Morris, 1996).
- b) O comportamento da criança é o resultado da interação entre pessoa e ambiente assumindo que tanto a pessoa como o ambiente são mutáveis e podem influenciar positiva ou negativamente no processo (Bronfenbrenner; Morris, 1996, 2005).
- c) O desenvolvimento são processos resultantes da interação das pessoas e do ambiente com o intuito de causar mudanças permanentes nas pessoas em seu curso de vida (Härkönen, 2007).

Com o exemplo deste estudo, planejar as atividades para um grupo de crianças na Educação Infantil deverá proporcionar vivências significativas para as crianças e que se perdurar ao longo do tempo serão a base de novas aprendizagens e inserção da criança em outros contextos ambientais, quer seja na escola ou nos demais contextos sociais a que está inserida.

Bhering e Sarkis (2009) discorreram sobre o desenvolvimento humano na perspectiva da TBDH:

O desenvolvimento humano ocorre mediante processos gradativamente mais complexos de interação recíproca de um sujeito ativo e as pessoas, ambientes e símbolos do seu ambiente imediato. Esse processo de reciprocidade é chamado

de processo proximal, que, para ter efeitos no desenvolvimento, deve ocorrer de forma regular durante um período extenso de tempo. (Bhering; Sarkis, 2009).

Bronfenbrenner e Morris (2006) fizeram uma atualização do modelo e amplia a base de análise da pessoa em desenvolvimento onde os seguintes elementos devem compor a análise, é o denominado modelo Pessoa, Processo, Contexto e Tempo (PPCT).

Com o modelo PPCT a TBDH argumenta que dependendo do objetivo de investigação é possível destacar um destes aspectos ou analisar a problemática em todos eles. Porém, enfatizam que o contexto ambiental é o central e necessita estar caracterizado nas investigações (Bhering; Sarkis, 2009; Yunes; Juliano, 2010; Benetti *et al.*, 2013; Spessato *et al.*, 2009; Assis; Moreira; Fornasier, 2021).

Portanto, o desenvolvimento é resultante:

... de uma ação conjunta entre um processo proximal as características próprias da pessoa em desenvolvimento, o contexto imediato no qual ela vive e a quantidade de frequência de tempo no qual a pessoa em desenvolvimento tem estado exposta a um processo proximal específico e ao ambiente. (Bhering; Sarkis, 2009).

Sobre os parâmetros de contexto, como explicitado anteriormente, existe uma divisão entre: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. Define-se por um ambiente os espaços que incluem o sujeito em análise, ou seja, são os ambientes onde ocorrem processos de ensino, aprendizagem e relações interpessoais que podem afetar a criança em desenvolvimento (Bersch; Yunes; Molon, 2020; Härkönen, 2007; Spessato *et al.*, 2009). No contexto deste estudo seria o ambiente da Educação Infantil, em especial, as aulas de Educação Física.

O microssistema engloba as atividades proximais realizadas pela pessoa em desenvolvimento, podendo ser molares, o que indica que foram significantes e persistiram com o tempo, ou moleculares, neste caso sem significado e se perde no tempo, e as relações interpessoais que surgem entre as pessoas que compõem o ambiente (exemplo professor e aluno) que parte da observação, imitação e a participação conjunta entre os participantes definindo os papéis que o indivíduo entende que os demais esperam dele (Spessato *et al.*, 2009).

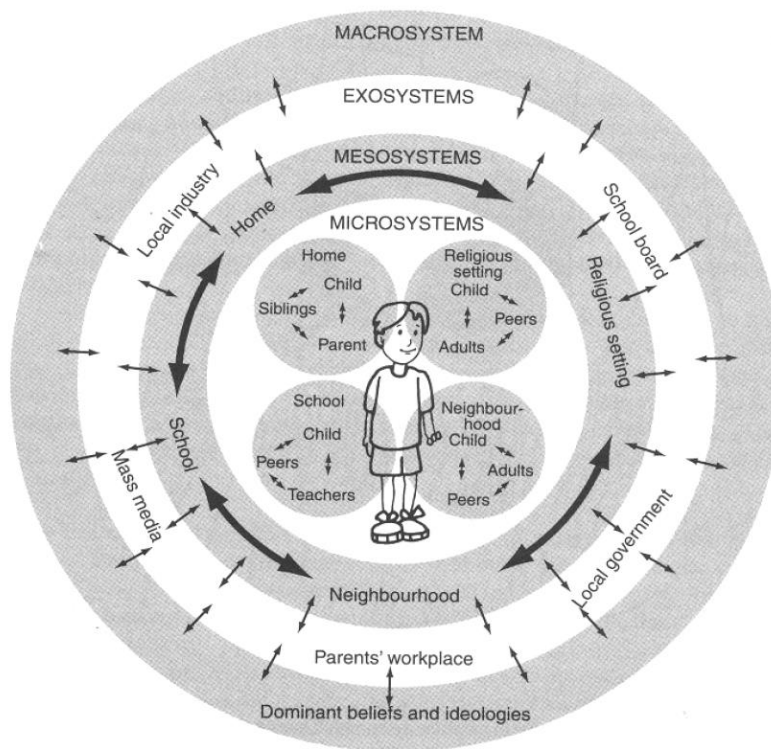
O mesossistema é entendido como a participação do indivíduo em diversos ambientes como a casa, grupos de amigos, recreio escolar. São locais onde a pessoa em desenvolvimento tem seus laços primários ou secundários, ligações indiretas,

comunicação e traz ao microssistema os conhecimentos obtidos nestes ambientes e vice-versa (Spessato *et al.*, 2009).

O exossistema que é formado pelas ligações indiretas, comunicação e conhecimento trazidos de ambientes que a pessoa não convive mas que influencia, por exemplo a casa do professor, definições de estratégias nas delegacias de ensino a ser aplicado nas aulas da escola, o trabalho dos pais, etc. Mudanças no exossistema podem interferir no ambiente vivenciado pela criança, no microssistema e Messosistema (Spessato *et al.*, 2009).

Por último, o macrosistema diz respeito à cultura ou subculturas que permeiam o micro, meso e exossistemas (Spessato *et al.*, 2009).

Figura 3: Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano



Fonte: Adaptado de Härkönen (2007)

A Figura 3 acima ilustra a TBDH, desta forma deixa claro os sistemas em suas complexidades e ligações.

O microssistema é o ambiente imediato que a criança vive e se insere naquele momento. Na figura foram utilizados os exemplos da casa, vizinhança, escola e ambiente

religioso como microssistemas. Dentro de cada ambiente as setas representam as interações que acontecem com as demais pessoas que também participam daqueles ambientes como outras crianças, adultos, irmãos, professores e pais.

O mesossistema se caracteriza pela influência que cada microssistema tem em decorrência do outro. São os ambientes que a criança frequenta, porém não seu ambiente imediato, ou seja, daquele exato momento, portanto as setas interligando os mesossistemas entre si na figura.

Já o exossistema são ambientes que permeiam os mesossistemas e influenciam e sofrem influência entre si. A exemplo dado como o quadro escolar, o governo local, o trabalho dos pais, mídia e indústria local. Como exemplo desta influência mútua a situação de mudança no horário de trabalho dos pais, mesmo que por apenas um dia, influenciará na dinâmica da casa.

Finalizando com o macrosistema, este engloba toda a cultura daquela sociedade, governo a nível nacional, crenças e ideologias. Este sistema permeia os demais e desta forma influencia e sofre influência deles.

O desenvolvimento e a socialização que o ser humano vivencia nas aulas de Educação Física no ensino infantil (microssistema para a TBDH) sofre influência de diferentes contextos esferas de ambientes em que o indivíduo vive e se relaciona tendo três suposições destacadas: a pessoa como sujeito ativo que exerce influência sobre o ambiente; o ambiente exerce influência sobre o sujeito e o obriga a se adaptar às suas condições; e a relação que está sofre e interfere nos demais contexto ambientais que o sujeito participa, por exemplo, a família, a cidade e o país que vive. A TBDH pressupõe que quando analisamos a pessoa em desenvolvimento devemos descrever e analisar os demais contextos que ela está inserida (Härkönen, 2007).

É imprescindível contextualizar o ambiente em análise na linha do tempo que se encontra, o momento histórico que está inserido, este é o cronossistema. Este completo a teoria está apresentado na Figura 4.

Figura 4: TBDH – Cronossistema

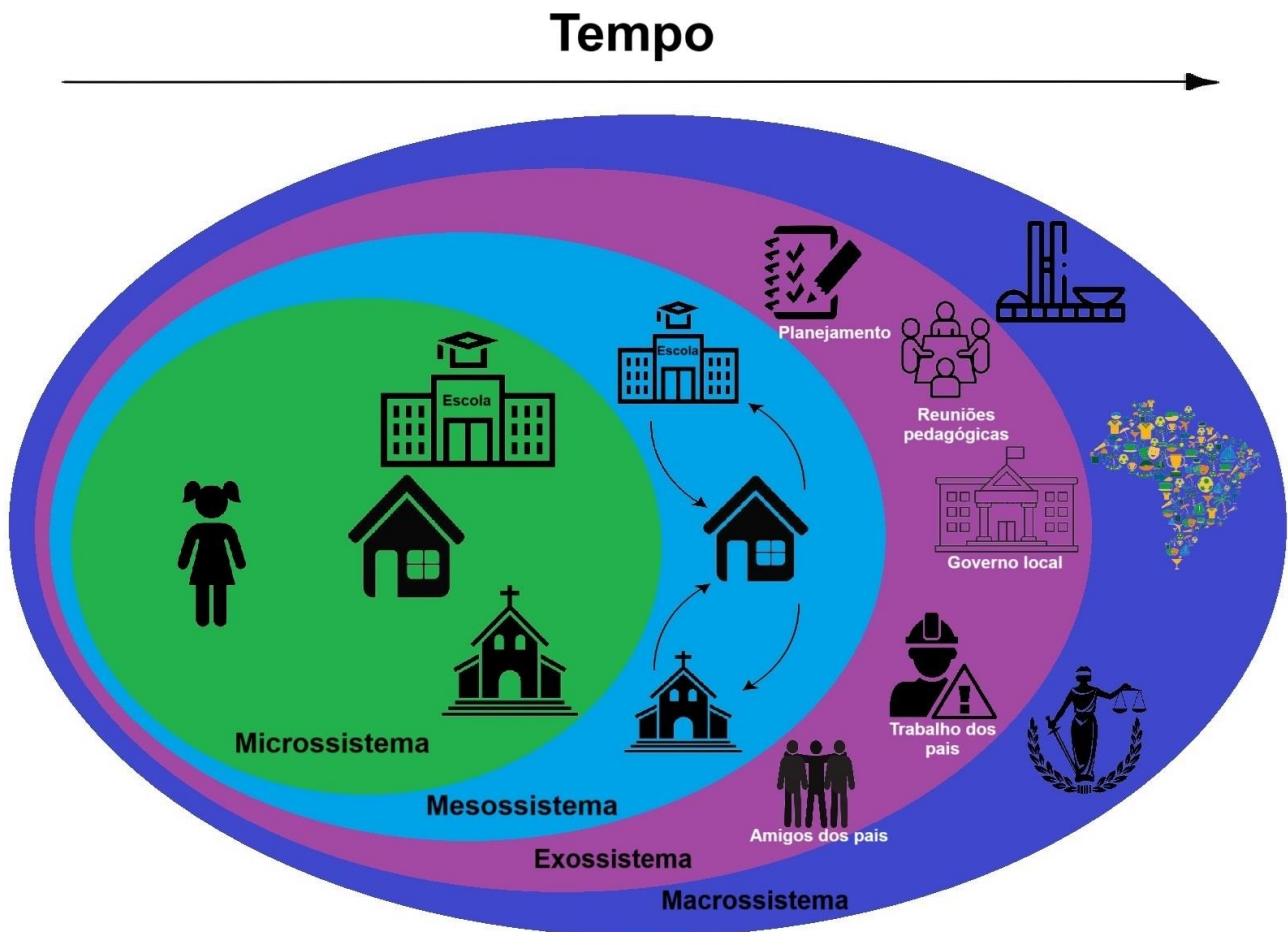


Figura: Compilação da autora. Adaptado de Härkönen (2007)

Sobre as dimensões de tempo, segundo Bronfenbrenner e Morris (2006) o cronossistema segue lógica semelhante para análise dos eventos, ou seja, existem: o micro, meso e macrotempo.

O microtempo é de curta duração, sendo algumas horas ou até mesmo uma atividade do dia. O mesotempo é uma sequência de eventos que acontecem durante alguns dias e o macrotempo diz respeito a um maior espaço de tempo, acumulando anos de atividades (Bronfenbrenner; Morris, 2006; Härkönen, 2007; Spessato *et al.*, 2009).

Sobre os atributos pessoais existem as disposições gerativas, que são positivas e as disposições disruptivas que são negativas ao desenvolvimento, os recursos são dois, as competências e as disfunções, e sobre as demandas existem as características que favorecem a aceitação da pessoa em um grupo e as de rejeição. Todos estes elementos

dialogam com os processos proximais de desenvolvimento (Bronfenbrenner; Morris, 2006; Härkönen, 2007; Spessato *et al.*, 2009).

Como exemplificação da aplicação da TBDH é possível observar que o ambiente imediato das aulas de Educação Física é um microssistema, ele sofre influência do ambiente que a criança vivencia em casa, grupo de amigos, nas demais aulas da escola, entre outros. Estes demais ambientes são o mesossistema que por sua vez pode sofrer influências de espaços que a criança não participa efetivamente, como trabalho dos pais, reunião de planejamento dos professores, decisões da direção da escola. Os ambientes mencionados anteriormente compõem o exossistema. Para a teoria é fundamental verificar as características da sociedade que este está inserido, as legislações vigentes que determinam as regras e as metas a serem atingidas, sendo este o macrossistema. Assim, utilizar a TBDH é buscar entender como o microssistema influencia e sofre influências do mesossistema, exossistema, macrossistema ao longo do tempo, o cronossistema (Bronfenbrenner; Morris, 1996; Bhering; Sarkis, 2009; Yunes; Juliano, 2010; Benetti *et al.*, 2013)

Na literatura foram encontrados estudos que utilizaram a TBDH que visavam entender os contextos das aulas de Educação Física no sistema escolar, demonstrando que estes conceitos podem ajudar a interpretar a realidade que vivenciamos hoje na escola.

O Estudo de Batagini (2020) focou na análise da importância do estágio curricular supervisionado que ocorre no processo de formação dos futuros professores. A autora demonstrou que uma intervenção planejada no microssistema – momentos de estágio dos alunos – analisando as variáveis que interferem neste microssistema pode potencializar o processo de aprendizagem do futuro profissional para atuar com o processo de inclusão da pessoa com deficiência (PCD) no contexto de aulas de Educação Física Escolar.

Scherer (2008) explica o estágio supervisionado como um espaço privilegiado que insere os estudantes universitários no exercício da docência, pois vincula os saberes específicos da área, os saberes pedagógicos e o conhecimento do ambiente escolar, é o momento de grande impacto na formação inicial já que leva os estudantes a repensar e reorganizar os conhecimentos com a ação de planejar, desenvolver e avaliar o ensino.

Batagini, Venditti Júnior e Prado Jr. (2023) reforçam a ideia de que se as atividades desenvolvidas no processo de ensino forem consideradas molares, com aprendizagem e persistência no tempo podemos inferir que a proposta planejada e aplicadas em

microsistema se tornaram significativas para os atores que deles participam, professores e alunos.

No estudo de Massambani (2020) utilizando a TBDH, identificou a partir da análise do contexto ambiental das aulas de Educação Física no Ensino Fundamental que os escolares estavam desmotivados. Neste sentido, a autora em parceria com demais professores da escola buscou modificar os ambientes vivenciados pelos alunos, em disciplinas eletivas, levando os alunos para experimentarem ambientes fora da escola. A autora percebeu maior envolvimento dos alunos com as atividades, participaram com maior interesse e motivação, as atividades foram significativas e persistiram no tempo sendo comentadas em outros espaços da escola e no meio familiar. Evidências estas relatadas pelas professoras, direção e pais. Portanto, mudanças no planejamento interferiram diretamente na valorização da Educação Física Escolar.

Um dos aspectos que mais interfere no momento do planejamento e em especial na aplicação das atividades são: o espaço físico e os recursos materiais. Vitorino (2023) em seu estudo com base na TBDH investigou o tema: “minha escola não tem quadra”; observou que os modelos da estrutura de escolas para o ensino infantil e nos primeiros anos escolares não possuem espaços específicos para o desenvolvimento das aulas de Educação Física Escolar. Verificou que apesar de estar na legislação (Macrossistema) os atores que definem o investimento nas prefeituras, secretário da Educação (Exossistema) nem sempre atendem as demandas relatadas pelos professores e diretores (Mesossistema) de falta de estrutura para as aulas de Educação Física (Microsistema). Assim, conclui que para atingir os objetivos educacionais de determinadas áreas é fundamental rever as estruturas disponibilizadas para o desenvolvimento das atividades previstas e planejadas para a Educação Física escolar nos anos iniciais.

Hernandes-Garcia (2023) e Malagi (2023) utilizaram a TBDH para investigar sobre a presença do profissional especialista em Educação Física atuando no contexto escolar nos anos iniciais de escolarização.

Hernandes-Garcia (2023) verificou em um Município do estado de São Paulo que, mesmo com a legislação prevendo a figura do especialista nos cinco anos iniciais do Ensino Fundamental, esta legislação não vem sendo implementada devido a falta de vontade política dos gestores municipais em investir nesta área, ficando a cargo da professora polivalente a responsabilidade de atuar na educação física escolar, mesmo estas dizendo que não estão preparadas para atuar nesta área. Ficou evidente e

perceptivo que ao entrarem na segunda metade do ensino fundamental os professores especialistas identificaram deficit no desenvolvimento de habilidades das crianças.

Já no estudo de Malagi (2023) verificou-se que em três cidades próximas aplicaram a legislação de forma e tempo diferente em relação ao especialista responsável para ministrar aulas de Educação Física nos anos iniciais e na Educação Infantil. Assim, a autora mesmo com a legislação prevendo o professor especialista (Macrossistema) nestas fases de ensino desde o início dos anos 2000, ainda hoje encontramos realidades muito diferentes da área nos contextos escolares observados, o que interfere na obtenção dos objetivos previstos e planejados para área dentro da BNCC e no Currículo Paulista.

No estudo de Spessato *et al.* (2009) investigou o enriquecimento do contexto da creche e a legislação vigente a partir da TBDH. Observou que, a priori, que os cuidados oferecidos eram restritos a higiene e alimentação. Após um período de intervenção as crianças apresentaram novas competências e habilidades na manipulação de objetos, controle postural e interação social. Assim, para os autores, se faz necessário a modificação do ambiente da creche, fazendo cumprir a legislação vigente, capacitando os educadores em vistas a transformar o caráter assistencialista da Educação Infantil.

Nesta perspectiva que se procurou identificar como ocorre o planejamento das atividades de Educação Física a nível da Educação infantil na cidade de Macatuba-SP. No contexto aqui abordado, já com o professor especialista sendo responsável pelo planejamento e aplicação das atividades na Educação Infantil.

3.5 A Educação Física e sua especificidade

Tendo em vista que o clássico é o que se firma como fundamental, o conteúdo clássico da Educação Física em seu aspecto cultural é a motricidade humana, a intencionalidade do movimento corporal que se traduz no jogo, esporte, dança, luta e ginástica (Saviani, 1984).

Manuel (1989) afirma que o ensino do movimento somente não é suficiente, deveria este ser entendido como educação motora. Para o autor, é preciso entender a Educação Física em uma nova perspectiva teórica que surge das necessidades culturais dos indivíduos. Compreende-se, portanto que a Educação Física ensina uma pessoa em sua totalidade, com seu corpo, sua cultura, seus sentimentos e seus próprios

movimentos, sendo incoerente separar estes aspectos e além de tudo é preciso trabalhar com o aspecto cultural.

Segundo Daólio (2001) a Educação Física tem a finalidade de que o aluno conheça seu corpo em sua totalidade, expresso por meio de sentimentos, movimento e como um ser social.

Neira (2009) reforça a ideia de que a especificidade da Educação Física é o patrimônio corporal e tem a missão de estudar as manifestações de grupos sociais por meio do movimento.

Betti (2007) em seu artigo de revisão leva em conta a semiótica de Charles S. Peirce e a fenomenologia de M. Merleau-Ponty para estudar os limites da abordagem culturalista da Educação Física e propõe uma perspectiva fenomenológico-semiótica para a área em contexto escolar. Para o autor a abordagem culturalista da Educação Física valoriza a ciência e a filosofia com a cultura corporal de movimento, mas é preciso atenção para não perder a especificidade da disciplina e se tornar apenas um discurso sobre o tema.

Na visão de Betti (2007) "...indica à Educação Física a importância de considerar o que está aquém e além da cultura..." deixando mais desafios para a Educação Física escolar, pois o se-movimentar são gestos carregados de linguagem e expressão e também de cultura.

Neste sentido, cabe à escola ampliar o repertório dos alunos para que tenham a oportunidade de estabelecer relações de interpretação. Em conclusão, o autor indaga que a abordagem culturalista da Educação Física ainda tem muito a produzir, muito além de somente incorporar conteúdos teóricos às aulas em contexto escolar, visto seu potencial (Betti, 2007).

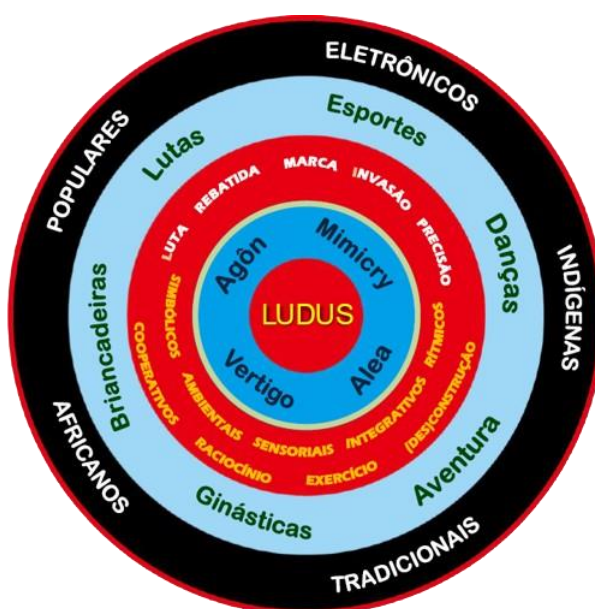
Por assumir o papel culturalista, a Educação Física tem a responsabilidade de capacitar seus alunos de forma crítica para que pautem suas ações com autonomia sobre esta área, tornando-os capazes de exercer sua cidadania (Fensterseifer; Gonzáles, 2020).

Vale ressaltar que o conhecimento necessita ser colocado em prática na vivência escolar para então conseguir expressar-se na sociedade a partir da aquisição cultura corporal (Massambani, 2020).

No tocante a especificidade da Educação Física escolar Betti (2020) faz uma ilustração de uma cebola em que o lúdico se encontra como elemento central da Educação Física de modo que rege as formas de jogos. Os jogos compõem a próxima camada e são entendidos em suas formas mais primárias classificadas por tipologia

(*agôn*: competição; *vertigo*: busca pela vertigem; *mimicry*: jogos de interpretação; *alea*: jogos de sorte e azar). Sobrepondo a esta, a camada seguinte é composta dos gêneros que dizem respeito sobre a lógica motriz dos jogos e acrescenta-se os cooperativos seguida das formas codificadas da cultura de movimento como esportes, danças, lutas, ginástica, esportes de aventura e brincadeiras. A última camada sugerida tem relação com a dimensão socioantropológica que é a vinculação dos contextos sociais aos jogos englobando jogos tradicionais e jogos populares, também indica a virtualização jogos eletrônicos, ou seja, jogos que sejam parte da sociedade em questão. Um mesmo jogo consegue assumir relação com diferentes camadas aqui expostas.

Figura 5: A Cebola dos Conteúdos



Fonte: Adaptado de Betti (2020)

Voltando os olhares para os jogos eletrônicos sob outra perspectiva, a busca incessante por este tipo de jogo pode apontar para outras direções. Santos e Barros (2018) afirmam que o brincar, junto às relações humanas, são parte do desenvolvimento emocional das crianças, pois quando brincam manifestam seus desejos, deste modo o desejo por brincar com jogos eletrônicos não é exatamente o que causa os efeitos negativos, mas sim uma demonstração de um sintoma, é a forma inconsciente da criança demonstrar que sente falta e busca pelo amor, o afeto. Os autores comentam que a criança se prende aos jogos eletrônicos “se um adulto não mostra que existe uma outra opção, outra forma de brincar, de se relacionar, de ser e de fazer.”.

Mencionando sobre os jogos eletrônicos, cada vez mais estão presentes no cotidiano de todos seja em videogames, computadores ou celulares. Nunes *et al.* (2023) verificaram consequências negativas para a saúde física e mental em crianças que tinham o hábito de usar excessivamente as telas incluindo ansiedade, depressão e dificuldades sociais e também demonstraram dificuldades cognitivas que afetam a atenção e memória.

Tendo em vista os agravantes das telas é possível buscar por outras formas de brincar que tragam prazer e benefícios à saúde e desenvolvimento das crianças.

O resgate de brincadeiras folclóricas pode ser uma alternativa aos jogos eletrônicos e segundo Batista e Amorim (2007) contribui para a continuidade da cultura infantil para que estas não caiam no esquecimento, elas também despertam o interesse e a participação ativa das crianças.

Para que este resgate seja possível é preciso repensar a atuação dos professores que negam as vivências corporais culturais de seus alunos (Batista; Amorim, 2007).

O Currículo Paulista traz o papel do educador da Educação Infantil como fundamental para o desenvolvimento das crianças, pois “... sua intencionalidade educativa se expressa nas atividades propostas e na gestão de ambientes que promovam a interação e a brincadeira.” (São Paulo, 2019).

Visando a efetividade das aulas de Educação Física o professor necessita retomar seu papel de protagonista, conhecer a sua realidade, respeitar os interesses dos seus alunos e propor ações práticas e teóricas para que as aulas se tornem significativas e persistam com o tempo para além do contexto escolar (Massambani, 2020; Freire; Venditti Júnior; Prado Jr., 2023).

Gonzáles (2020) diz ser fundamental modificar a realidade atual da Educação Física Escolar, visto que, devemos combater o desinvestimento pedagógico e o “rola bola”.

A proposta pedagógica que tenha em pauta a cultura corporal de movimento para a Educação Infantil não pode seguir o modelo que é utilizado para o Ensino Fundamental, pois fragmenta o conteúdo e também fragmenta a criança. Na etapa infantil as crianças possuem diferentes formas de se movimentar, são estas linguagens acompanhadas da interação com as demais que criam a cultura infantil (Simão, 2005).

3.6 Formação de professores de Educação Física e a Educação Infantil

A formação inicial tem papel fundamental para a atuação de professores, mas muitas vezes as realidades encontradas nas escolas são muito diferentes das que os recém-formados aprenderam durante a graduação (Prandina; Santos, 2016).

Quadros *et al.* (2015) indicam que os cursos de formação inicial têm maior preocupação com o aporte teórico e menor com o prático, desta forma após o encerramento do curso e início de prática docente os professores sofrem um choque com o real e precisará passar por uma fase de determinação e solidificação da identidade docente.

Falkenbach, Drexler e Werle (2006) identificaram a busca por uma Educação Física de melhor qualidade para a Educação Infantil em um grupo de docentes. No estudo de caso averiguado existia um projeto pedagógico, embora precisasse de revisão. Na formação dos professores investigados havia qualificação para a atuação na Educação Infantil e foram destacadas necessidades encontradas na prática pedagógica:

- a) Fundamentação teórica da Educação Infantil voltada para a Educação Física;
- b) Compreensão de que todo movimento é tido como Educação Física o que impede que seja sistematizada e regularizada, dificultando seu reconhecimento pedagógico;
- c) Valorização da brincadeira apenas quando utilizada para aprendizagem de conteúdos voltados para alfabetização ou conhecimentos matemáticos, a brincadeira como forma de conhecimento da criança e sua exteriorização não são valorizados;
- d) Separação de meninos e meninas durante as aulas, não valorização do brincar espontâneo e da experimentação corporal.

Lacerda e Costa (2012) comentam que os cursos de Educação Física são significativos na formação de professores, mas que são necessários debates específicos e mais aprofundados sobre a Educação Infantil.

Martins, Tostes e Mello (2018) pesquisaram em 18 Universidades de Licenciatura em Educação Física sobre disciplinas específicas para Educação Infantil, em duas destas universidades não foram encontradas nenhuma disciplina que trouxesse o tema especificamente e em outras duas outras instituições para a Educação Infantil foi encontrado somente o estágio supervisionado.

Em estudo sobre a estrutura curricular da formação inicial em Educação Física no estado do Paraná, Oliveira *et al.* (2020) verificaram diferenças no comparativo entre instituições públicas e privadas. Os autores afirmam que as instituições privadas fornecem um leque maior de disciplinas aos seus alunos, em contrapartida as instituições públicas aprofundam mais nos conhecimentos que julgam indispensáveis. Os autores concluíram que estas diferenças implicarão na atuação profissional.

Quaranta, Franco e Betti (2016) apontam a experiência que se adquire com a atuação profissional como o maior dos motivos que levam os professores de Educação Física a se sentirem preparados para ministrar aulas na Educação Infantil, uma vez que a formação inicial não fornece subsídios suficientes para iniciar seus trabalhos com as crianças pequenas.

Perrenoud *et al.* (2001) conceitua o *habitus* profissional como uma rotina construída ao longo da trajetória da atuação docente e que é ajustado pela formação inicial, reforçado pela formação continuada e pelas experiências de vida.

Gonçalves (2009) propõe uma classificação para o ciclo de vida profissional de professores com cinco fases distintas.

A fase 1 é o início da vida profissional que dura geralmente do 1º ao 4º ano de trabalho, tem como características o choque da realidade, o entusiasmo da descoberta, uma luta pela sobrevivência devido à falta de preparação, seja ela real ou suposta, para o exercício da carreira de professor (Gonçalves, 2009).

A fase 2 é constituída do 5º ao 7º ano de trabalho, mas pode se estender até os 10 anos, tem como característica maior confiança, tomada de consciência e satisfação pelo trabalho desenvolvido (Gonçalves, 2009).

A fase 3 tem duração entre o 8º e 14º ano de atuação, tem por características o desequilíbrio e divergências, alguns profissionais continuam empenhados e entusiasmados com a carreira, enquanto outros caem na rotina e demonstram cansaço e saturação (Gonçalves, 2009).

A fase 4 se encontra entre o 15º e 22º ano, caracterizada pela serenidade, uma fase de repouso e distanciamento afetivo, existe um processo de reinteriorização, reflexão e ponderação (Gonçalves, 2009).

A fase 5 e última acontece no período entre os 23 e 31 anos de trabalho, tem por característica por nova divergência, alguns professores demonstram cansaço e impaciência pela aposentadoria, em contrapartida, outros profissionais reinvestem na profissão e demonstram um interesse renovado (Gonçalves, 2009).

Costa (2010) verificou que existe diferença na constituição de saberes docentes entre professores experientes e professores iniciantes. Os professores mais experientes apresentam referências maiores da socialização profissional, de sua rotina na profissão e as experiências ali vividas, enquanto que os professores iniciantes têm maior referência em saberes curriculares, disciplinares e profissionais.

Januário *et al.* (2009) dizem que o desenvolvimento do professor é resultante de um processo de natureza pessoal e profissional e não deve ser limitado à conclusão da formação inicial.

Mororó (2017) reforça que é importante a formação continuada e que elas têm o objetivo de divulgar novas teorias e modelos de ensino.

Os formatos de formação continuada mais frequentadas por professores são palestras, oficinas, seminários, cursos de curta duração (até dez horas) e congressos, portanto atividades sem continuidade ao longo dos meses (Alvarado-Prada; Freitas; Freitas, 2010).

Henrique *et al.* (2011) pesquisaram sobre o perfil de formação continuada realizadas por professores de Educação Física do Estado do Rio de Janeiro, contaram com a participação de setenta professores (trinta e seis experientes e trinta e quatro iniciantes). Os dados encontrados apontam que professores iniciantes procuravam participar de eventos de natureza técnico-biológicos, muito provavelmente por estes professores buscarem espaço profissional e ocupações além da escola, já entre os professores experientes a formação continuada de cunho pedagógico foi a mais procurada indicando a busca por conhecimentos em estruturação e desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Os autores notaram maior frequência e interesse por modalidades de formação continuada de curta duração como palestras, seminários e oficinas, especialmente entre os professores iniciantes, entre os mais experientes a especialização e mestrado demonstraram maior valorização.

Quaranta, Franco e Betti (2016) investigaram sobre as condições pedagógicas e as dificuldades dos professores de Educação Física para trabalhar com a Educação Infantil na rede municipal de ensino da cidade de Praia Grande-SP e vinte e três professores participaram respondendo um questionário. Dentre as dificuldades encontradas pelos professores, a estrutura das escolas para a Educação Infantil é um fator importante, uma vez que as instituições carecem de investimentos em locais adequados para as aulas de Educação Física. Um fato curioso apontado pelos autores foi de que uma parcela dos professores de Educação Física que participaram de seu estudo relataram que foi a

oportunidade daquele momento ou a necessidade de trabalho que os levaram a trabalhar com a Educação Infantil.

3.7 O planejamento no cotidiano escolar

Silva (2020) em sua revisão de literatura evidenciou que planejar é algo inerente da vida humana, um refletir sobre o presente e idealizar o futuro. A partir da década de 80 surgiram formas de planejamento democráticas, dentre eles o planejamento participativo. Este se mostrou ser de grande importância para o planejamento de ações escolares e deve considerar suas necessidades e características, surge então o conhecido Projeto Político Pedagógico (PPP) para auxiliar o trabalho docente (Silva, 2020).

O planejamento é o documento que representa a filosofia, a identidade e orienta o processo de ensino-aprendizagem da escola. Sua elaboração deve ser feita em conjunto com a participação ativa de gestores, professores, funcionários, pais, alunos e comunidade local. Desta forma, cabe ao professor de Educação Física ser ativo nesta elaboração em todos níveis de ensino e demonstrar a importância de sua disciplina na educação de crianças e adolescentes para que a área deixe de ser marginalizada (Silva, 2020).

Para Bossle (2002) é impensável uma ação pedagógica improvisada, desprovida de planejamento. A aula de Educação Física, apesar de ser uma disciplina diferente das demais, precisa ser planejada e registrada, pois o modo que há costume entre alguns professores de registro apenas mental "... fica o dito pelo não escrito, a prática pela prática apenas...", o não registro do planejamento dificulta tanto o processo de execução como sua avaliação.

Moreira (2008) entende o planejamento como uma das primeiras ações a serem feitas pelos professores e lhes exige responsabilidade para organizar suas aulas com precisão e eficiência. Para isso o autor afirma que planejar requer reflexão sobre um objetivo a ser atingido a partir de uma experiência anterior e em articulação com o Projeto Político Pedagógico da escola. Para sua efetividade Moreira (2008) conta com uma preparação do planejamento separada em fases sendo o conhecimento da realidade, a fundamentação teórica, a determinação de objetivos, a seleção e organização de conteúdos, a seleção e organização de procedimentos de ensino, seleção dos recursos necessários, seleção de procedimentos de avaliação, estruturação do plano de ensino.

Esta fase preparatória é seguida pela fase de desenvolvimento, que são as práticas em si, e na sequência a fase de aperfeiçoamento, o momento de replanejar a partir do que já foi proposto.

Sant'anna *et al.* (1998) ressaltam que a fase preparatória do planejamento se configura como uma das mais importantes e entre os elementos que a compõem está o conhecimento da realidade em que será desenvolvido o trabalho, identificação das reais necessidades daquele grupo especificamente para a previsão de formas de trabalho para atender as necessidades apresentadas.

Para o planejamento é necessário conhecer as características do aluno, sendo fundamental que haja uma avaliação inicial para tal (Prado Jr., 2001; Januário, 2017).

Silva (2020) citou diferentes níveis para o planejamento docente:

- a) O plano de curso que engloba elementos gerais do ano ou semestre e precisa conter: a identificação do plano, justificativa, objetivos gerais, objetivos específicos, metodologia, conteúdo, avaliação e referências;
- b) O plano de unidade que deve conter basicamente os mesmos itens do plano de curso, porém em um período mais curto e;
- c) O plano de aula que deve ser mais detalhado e mais objetivo descrevendo como o professor atuará nas aulas propriamente ditas – sua estrutura deve conter: a identificação do plano, objetivos específicos, conteúdo, metodologia, atividades, recursos, avaliação e referências.

Vasconcellos (2000) cita os níveis de planejamento: a) Planejamento do sistema de educação, de nível nacional; b) Planejamento da escola, nada mais é que o projeto político-pedagógico (PPP) da escola e deve abranger tanto o âmbito pedagógico, quanto comunitário e administrativo; c) Planejamento curricular, a proposta geral de aprendizagens com diversos componentes curriculares; d) Projeto de ensino-aprendizagem, subdividido em projeto de curso e plano de aula, diz respeito à prática do professor; e) Projeto de trabalho que diz respeito a uma ação educativa desenvolvida em um tempo determinado e geralmente tem caráter interdisciplinar; f) Planejamento setorial é um plano de níveis intermediários e de serviços da escola.

Tullio e Maciel (2020) estudaram sobre como o planejamento das aulas de Educação Física eram realizados na cidade de Ponta Grossa-PR e verificaram que todos os professores da disciplina percebiam a importância de planejar e que realizavam seus planejamentos considerando algumas variáveis como a realidade dos alunos, a estrutura escolar, o interesse e linguagem dos alunos. Segundo Tullio e Maciel (2020) os

profissionais entendiam que por vezes ajustes eram necessários durante a execução de aulas, o que não deve ser entendido como um planejamento falho ou ineficiente, pois eventualmente surgem dificuldades e com isso os professores ampliam seus conhecimentos, se tornando cada vez melhores no processo de ensino e aprendizagem.

Observando a estrutura do planejamento descrito anteriormente e os pressupostos da TBDH são verificadas semelhanças na etapa de construção e análise para que uma aula se torne de qualidade, embasada teoricamente, leve em consideração quem é a criança e que esta se torne motivada a realizar as atividades previstas com uma relação afetiva positiva, com significado e que persista no tempo.

4. Trajetória metodológica

4.1 Tipo de estudo

O estudo foi desenvolvido sob uma perspectiva qualitativa, uma vez que seu objetivo foi de interpretar o fenômeno a ser observado. Esta metodologia possibilita a interação do pesquisador com as pessoas, fatos, locais e objeto a ser pesquisado e permite que significados subjetivos sejam percebidos por meio da atenção sensível do pesquisador (Del-Masso; Cotta; Santos, 2018; Chiozzotti, 2018).

Segundo Esteban (2010) a pesquisa qualitativa tem como característica fundamental sua atenção ao contexto de modo que seja possível a compreensão dos fenômenos em contexto natural. Tal explicação se aproxima da TBDH proposta por Bronfenbrenner e Morris (1996), portanto o referencial teórico escolhido se encaixa nesta perspectiva de estudo.

Já Gerhardt e Silveira (2009) explicam que o estudo qualitativo não quantifica valores e resultados, focando então, na descrição, compreensão e explicação de determinado fenômeno. Explicação esta que foi analisada a partir da perspectiva de diferentes atores que atuam na Educação Infantil e das interfaces que este microssistema possui com os demais contextos ambientais (Massambani, 2020).

Godoy (1995) caracteriza a importância da pesquisa qualitativa ser realizada em ambiente natural. Desta forma, o pesquisador é componente fundamental, tanto na observação como no caráter descritivo e aos significados atribuídos pelos indivíduos na pesquisa.

4.2 Participantes e aspectos éticos

Este estudo recebeu a autorização para sua execução através de termo de anuência assinado pelo secretário da Educação de Macatuba/SP (Apêndice 5) e foi aprovado em comitê de ética através de submissão na Plataforma Brasil sob o parecer consubstanciado 6.871.765.

Para a seleção dos participantes foram utilizados os seguintes critérios:

- Ser professor de Educação Física da Rede Municipal de Macatuba-SP em caráter efetivo ou temporário;
- Ter atuado no ano de 2023 ou ter escolhido em atribuição de aulas para o ano de 2024 turmas da Educação Infantil.
- Aceitar o convite para a participação da pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 1).

4.3 Procedimentos para a coleta de dados

A presente pesquisa foi realizada em caráter exploratório por meio de entrevista semiestruturada junto aos professores de Educação Física da rede Municipal de Macatuba-SP que ministram aulas na Educação Infantil a fim de compreender, na ótica destes docentes, como realizam seu planejamento de atividades para a Educação Física no Ensino Infantil, seu entendimento da importância de planejar, quais seus referenciais para elaboração do planejamento, reflexões sobre a efetividade deste planejamento e relatos de dificuldades encontradas na prática profissional.

O número total de professores de Educação Física que atuam ou atuaram com a Educação Infantil durante os anos de 2023 e 2024 são cinco, dentre estes um é a pesquisadora que realiza este estudo. Quatro professores foram convidados a participar da pesquisa, entretanto somente três deles aceitaram o convite. O professor que não participou, no ato do convite inicial demonstrou certa insegurança, mas não recusou de prontidão, após algumas tentativas de contato revelou que se sente desconfortável com câmera ou gravador de voz e por este motivo não gostaria de participar. A pesquisadora chegou a propor que neste caso poderia ser em formato de questionário, na ocasião o

professor aceitou, porém não retornou o contato com o envio das respostas, apesar da insistência da pesquisadora.

Portanto a pesquisa foi realizada com três professores que serão aqui identificados como Professor 1, Professor 2 e Professor 3 conforme a ordem cronológica da realização das entrevistas.

As estratégias utilizadas na pesquisa qualitativa que abordam uma representação social podem ser em formato de entrevistas abertas, entrevistas semi-estruturadas, questionários, sejam eles abertos ou fechados, entre outros formatos (Lane, 1995).

Minayo (2014) define entrevista como “uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa o entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa...”.

Com a entrevista foram coletadas informações sobre formação e planejamento junto a profissionais de Educação Física que atuam com a Educação Infantil. Minayo (2014) afirma que o método e roteiro da entrevista possibilita a compreensão da perspectiva dos sujeitos que tem relação com o objeto de investigação.

O formato de entrevista semiestruturada combina questões abertas e fechadas que permite ao entrevistador, sempre que necessário, buscar complementações à fala do entrevistado para que seu pensamento sobre a questão apresentada possa ser mais bem absorvido a questão apresentada, abrindo a possibilidade ao entrevistado discorrer melhor sobre o assunto (Minayo, 2014).

Para esta tarefa investigativa no formato de entrevista semi-estruturada foi utilizado um roteiro orientador (Apêndice 6) coerente com o contexto da investigação, dividido em blocos temáticos como: a) formação profissional; b) experiência profissional e atuação na Educação Física escolar; c) escolha da Educação Infantil; d) planejamento.

Este roteiro serviu como base para que os tópicos selecionados sejam abordados com todos os entrevistados (Alves; Silva, 1992; Silvestre; Fialho; Saragoça, 2014). Foi solicitada a gravação das respostas dos professores para facilitar a transcrição posterior. Todos os participantes concordaram e assinaram o TCLE.

Duas entrevistas, com os professores 1 e 2, foram realizadas de forma remota e se utilizou do programa Google Meet para realizá-la. Estas entrevistas foram gravadas em vídeo e som.

A entrevista com o Professor 3 foi realizada presencialmente. Nesta ocasião o professor entrevistado pediu que não fosse filmado, mas permitiu que fosse gravado em áudio. Para isso foi utilizado o gravador de voz do celular próprio da pesquisadora.

4.4 Procedimentos para análise dos dados

Realizou-se a transcrição das entrevistas e análise discursiva, a fim de apreender e interpretar as informações e significados das respostas dos participantes da entrevista. Segundo Silvestre, Fialho e Saragoça (2014) o processo de gravação facilita que a atenção do entrevistador esteja voltada para a entrevista, lógico desde que o entrevistado autorize a gravação.

Para a discussão se utilizou a TBDH como base para a compreensão sobre respostas dos professores em relação aos questionamentos feitos durante as entrevistas, levando em consideração o modelo PPCT de cada situação. Para isso foram utilizados estudos sobre a teoria e a reflexão com base neles sobre os eventos descritos pelos professores.

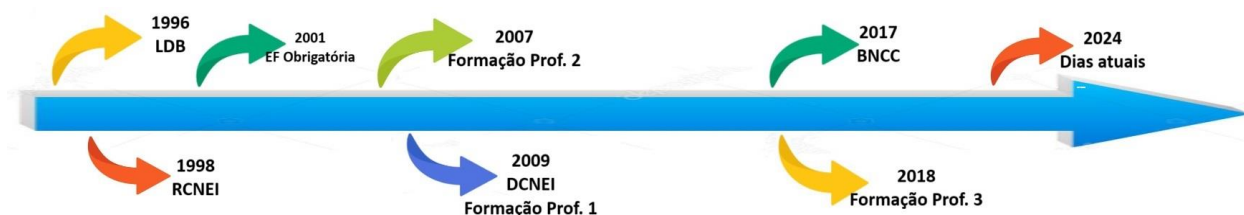
5. Resultados e Discussão

Em função do objetivo proposto foram analisadas as respostas obtidas na aplicação das entrevistas. As respostas dos participantes do estudo foram divididas em categorias para melhor avaliação: a) Formação Profissional; b) Experiência Profissional e atuação na Educação Física Escolar; c) O porquê de atuar na Educação Infantil;

5.1 Formação Profissional

Com relação ao ano de formação os Professores 1 e 2 se formaram em anos próximos, 2009 e 2007 respectivamente. Enquanto o Professor 3 teve uma formação em 2018, praticamente uma década após os demais.

Esta linha temporal está melhor explícita na figura 6.

Figura 6: Linha do Tempo

Fonte: Compilação da autora

O modelo PPCT convida a compreender a interação entre indivíduo e o contexto em que vive, portanto a interação que acontece entre a pessoa, os processos a que está submetida em um determinado período de tempo (Assis; Moreira; Fornasier, 2021). Com base neste modelo e atentando-se para os anos de formação dos professores é possível verificar que os três entrevistados ingressaram na graduação de Educação Física após a disciplina ter se tornado obrigatória em toda a Educação Básica pela nova LDB, de 1996, ou seja, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Desta forma é esperado que os cursos em que os professores estudaram tenham abordado sobre a Educação Física na Educação Infantil.

Os professores 1 e 2 se formaram anteriormente ao lançamento da BNCC como documento oficial para a Educação do Brasil, por este motivo o documento não deve ter sido pautado no currículo deles. Entretanto o Professor 3 se formou um ano após ter sido publicado o texto da BNCC, que aconteceu em 2017, neste contexto espera-se que discussões sobre o assunto tenham sido desenvolvidos durante o curso de graduação.

O problema na formação do profissional de Educação Física surge quer seja nos documentos oficiais como também em artigos científicos encontrados a partir do início deste século. Moura, Costa e Antunes (2016) observaram em sua revisão que a partir da legislação o professor de Educação Física na Educação Infantil necessita ter um perfil diferenciado das etapas da Educação Básica e que o profissional precisa ter melhor preparo na formação profissional.

Desta forma, entender o período de formação dos professores é fundamental para verificar se as novas diretrizes/leis aprovadas que reformularam a Educação Infantil já estavam presente nos currículos das instituições que os participantes da pesquisa vivenciaram. Bhering e Sarkis (2009) no estudo da TBDH argumentam que eventos históricos podem alterar o curso de desenvolvimento da pessoa. Assim, uma mudança na

legislação se incorporada de imediato no contexto de formação dos futuros profissionais podem gerar mudanças significativas junto a criança, por exemplo, no contexto do Ensino Infantil.

Ressalta-se porém, a partir do estudo de Spessato *et al.* (2009) que faz se necessário cumprir a legislação vigente e estímulos a formação e capacitação dos educadores para transformar o caráter assistencialista da Educação Infantil. Assim, este estudo se encontra diante de profissionais que passaram por momentos diferentes da formação o que pode influenciar sua prática profissional. Ainda mais se evoca o estudo de Bronfenbrenner e Morris (1996) e de Bhering e Sarkis (2009) que asseguram que mudanças em nível de macrosistema (por exemplo a legislação) nem sempre influencia o contexto imediato da prática do professor no contexto do microsistema (aula de Educação Física Escolar), podendo algumas mudanças levar décadas para serem implementadas. Este fato também foi observado nos estudos de Malagi (2023) e Hernandez-Garcia (2023) onde era esperado que o professor de Educação Física estivesse ministrando aula de Educação Física Escolar desde o início do século porém, após duas décadas ainda não foi implementado em muitos municípios, corroborando os dizeres da TBDH.

Sobre o tipo de formação, os três professores são apenas licenciados, não tendo a formação em licenciatura plena ou a complementação com o bacharelado.

Com relação à Instituição de Ensino Superior, O Professor 1 se formou em universidade pública como possível verificar na citação anterior, enquanto que o Professor 2 e o Professor 3 tiveram formação em universidade particular.

... eu sou da turma de 2006 da licenciatura na UNESP... mas eu acabei me formando só em licenciatura na turma de 2009, que entrou em 2006 e se formou em 2009. (Professor 1, 2024).

Eu me formei em 2007 em Educação Física. Minha Educação Física, minha é na licenciatura, eu não tenho bacharel... Eu me formei na Origens Lessa né, na FACOL. Foi a primeira turma de Educação Física da faculdade. (PROFESSOR 2, 2024).

Me formei em Educação Física no ano de 2018.... Foi licenciatura. Fiz na Anhanguera de Bauru. (Professor 3, 2024).

A diferença de instituições de formação implica a ambientes diferentes de formação, que vão desde os objetivos propostos até as metodologias e seleção de conteúdos. Tais aspectos são decisivos para analisar a atuação profissional. No estudo

de Oliveira *et al.* (2020) ficou evidenciado que existem diferenças entre o currículo proposto nas instituições de formação do profissional de Educação Física em instituições privadas e públicas.

Outro aspecto a considerar é que na formação inicial, mesmo sendo fundamental, muitas vezes, se tem maior preocupação com o aporte teórico e apresentam realidades muito diferentes das encontradas nas escolas onde os profissionais atuarão (Quadros *et al.*, 2015; Prandina; Santos, 2016).

Um problema clássico na Educação Infantil e de muitas escolas do Ensino Fundamental nos anos iniciais é o de não possuir espaço adequado a realização do conteúdo. Este enfoque foi pesquisado no estudo de Vitorino (2023) onde a questão central era minha escola não tem quadra. A autora verificou que adaptações sempre ocorrem, mas as condições mínimas para o professor atuar é fundamental para atingir os objetivos da Educação Física e diferentes contextos.

Analisando a formação dos professores a partir da TBDH (Bronfenbrenner; Morris, 2006) se refere a Pessoa (professor), que com a aquisição de conhecimento planejará os Processos de ensino, dentro dos Contextos de ambientes peculiares a sua realidade em um determinado espaço de tempo. Portanto, a diferença na formação das docentes pode ser uma categoria decisiva na análise dos resultados obtidos no presente estudo.

Quando questionados sobre uma segunda graduação, o Professor 1 e o Professor 2 fizeram magistério, que configura como um curso técnico e não apresentam nenhuma outra graduação.

A minha formação no ensino médio né, antigo ensino médio, foi o CEFAM. Então antigamente né não era obrigatório ter um nível superior, é como se fosse um profissionalizante mas para atuar em escolas, não precisava ter a pedagogia. (Professor 1, 2024)

Eu fiz magistério... Eu terminei em... Nossa, Vivian! Em 1993. (Professor 2, 2024).

Já o Professor 3 possui graduação em administração de empresas além da graduação em Educação Física, conforme relatado a seguir:

Pesquisadora: Ah, legal. Você tem alguma outra graduação?

Professor 3: Sim. Administração de empresas. (Professor 3, 2024).

Os professores 1 e 2 inicialmente fizeram opção para o trabalho de lecionar na Educação Básica, o antigo magistério, que habilitava os indivíduos a trabalhar com a Educação Infantil e Ensino Fundamental – anos iniciais. Posteriormente fizeram opção pela Educação Física, licenciatura, reafirmando o interesse na área escolar, porém com maior especificidade na cultura corporal. O Professor 3 não relatou ter atuado com sua primeira formação, o que pode indicar que estava insatisfeito com esta área de conhecimento, fato encontrado por Chiocca, Favretto e Favretto (2016) no estudo sobre reescolha profissional.

Chiocca, Favretto e Favretto (2016) afirmam que a reescolha profissional acontece com pessoas que não atuam com a primeira opção de profissão por estarem insatisfeitos ou indivíduos que já atuam com na área de sua primeira formação e buscam ampliação de conhecimentos. Entre outros fatores que levam as pessoas a procurarem um segundo curso superior estão a maturidade, complementação da primeira graduação e auto-realização.

O curso do magistério era realizado com o formato de habilitação de 2º grau e permitia que o indivíduo lecionasse aulas até a antiga 4ª série. Com a nova LDB de 1996 o curso em nível superior passou a ser exigido para a formação de professores, porém com a necessidade de transição dos professores que haviam realizado formação em nível de 2º grau, foi fixado um prazo de 10 anos para que houvesse adequação com as novas normas, fato relatado no estudo de Borges, Aquino e Puentes (2011). Nesta modalidade de habilitação, o professor era comum para todas as áreas do conhecimento, ou seja, o professor também foi habilitado para aulas de movimento. Desta forma, os professores 1 e 2 provavelmente já haviam adquirido conhecimento a respeito da Educação infantil, assim como, conhecimento para ministrar também aulas enfocando jogos e brincadeiras.

A busca pela Licenciatura em Educação Física na graduação pelos professores 1 e 2 demonstra que a experiência no magistério possa ter despertado o interesse e o desejo de aprofundar na área. Em análise às respostas dos participantes a partir da TBDH de Bronfenbrenner e Morris (1996) pode-se inferir que vivências no ensino da Educação Infantil como conteúdos voltados a Educação Física foram atividades *molares* com comportamentos contínuos que detém de significado e interação dos participantes. Tal fato pode ter levado os professores a escolherem continuar sua formação na área. Ou seja, a vivência de um microssistema significativo, persistiu no tempo e levou a escolha da formação profissional (Assis; Moreira; Fornasier, 2021).

Pela perspectiva da Teoria de Bronfenbrenner é necessário considerar todo o sistema bioecológico em que os indivíduos estão inseridos, a influência que o ambiente fornece no seu desenvolvimento (Bhering; Sarkis, 2009; Yunes; Juliano, 2010; Benetti *et al.*, 2013). A primeira experiência com a formação do magistério pode ter sido satisfatória e significativa para os professores 1 e 2 que optaram por seguir com a carreira de educadores.

A respeito de pós-graduação, o Professor 1 tem em seu currículo o mestrado profissional em Educação Física – ProEF, com conclusão em 2020 e realizado em instituição de ensino superior pública. O Professor 2 tem uma pós-graduação *lato sensu* em psicomotricidade e psicopedagogia em instituição de ensino superior particular, com conclusão entre 2014 e 2015 e atualmente está cursando sua segunda pós-graduação em xadrez educacional, também em instituição de ensino superior particular. Já o Professor 3 não possui pós-graduação, porém apresentou inclinação a realizar quando possível.

Eu só fiz mestrado mesmo, depois que eu me formei eu ingressei no ProEF também, né... e eu fui da primeira turma do ProEF né, aqui da UNESP de Bauru... (Professor 1, 2024).

É, tenho pós-graduação em psicomotricidade e psicopedagogia e agora iniciou mais uma, né... Agora eu estou fazendo é xadrez educacional (Professor 2, 2024).

Pós-graduação eu inscrevi em uma, mas ainda não finalizei o contrato ainda com a escola, mas tenho intenção de fazer, mas ainda não tive tempo... (Professor 3, 2024).

É perceptível que os professores que têm mais tempo de atuação e formação profissional sentiram a necessidade e buscaram por continuação dos estudos. Massambani (2020), Hernandez-Garcia (2023), Malagi (2023) e Vitorino (2023) apontaram em seus estudos que um dos fatores que pode alterar a realidade da Educação Física Escolar e incentivar ao professor em buscar formação continuada.

Em contrapartida o professor com menos tempo de formado e de atuação ainda não cursou nenhum tipo de pós-graduação, mas demonstra interesse em fazê-lo quando possível. A busca por formação continuada explicita que o desenvolvimento do professor não se limita ao final da formação inicial, como afirmado por Januário *et al.* (2009). A partir da sua prática profissional, os professores enxergam a necessidade de compreender novos modelos de ensino e teorias, fato este encontrado por Mororó (2017).

Quando os professores foram questionados a respeito dos conteúdos sobre a Educação Infantil durante a graduação em Educação Física, observamos que o Professor 1 mencionou sua experiência com um projeto de extensão em que a pesquisa consistia em ministrar aula de Educação Física para escolares de 2 a 5 anos da Escola de Educação Infantil vinculada à universidade, sendo também sua primeira experiência com a Educação Física para as crianças pequenas.

Na graduação eu participei de um projeto do professor Milton que era Educação Física para crianças pré-escolares ainda na época né... Então ali que a gente teve como se fosse a primeira experiência com a Educação Física mesmo na escola (Professor 1, 2024).

O projeto de extensão teve duração de dois anos e as atribuições eram de preparar as aulas e ministrá-las para atingir um desenvolvimento adequado para as respectivas idades.

Eu participei desse projetos durante 2 anos. Então a gente elaborava as aulas, levava lá para aplicar com as crianças, aí a gente foi conhecendo, vendo assim né um nível de desenvolvimento de cada um de acordo com a idade, como que a gente teria que adequar as aulas baseado nisso... (Professor 1, 2024).

É perceptível pela fala do Professor 1 que o projeto de extensão foi bastante significativo para ele o que o permite reviver suas ações e práticas no momento atual, portanto um aprendizado que persistiu no tempo, como é explicado na TBDH (Bhering; Sarkis, 2009). Isto demonstra também a importância do projeto de extensão aproximando o graduando da realidade que encontrará em sua profissão, como é apontado por Manchur, Suriani e Cunha (2013).

O Professor 2 relatou que em sua formação a Educação Infantil foi abordada, porém, com menor ênfase em relação ao Ensino Fundamental, que foi priorizado em sua graduação.

Bem pouco, bem pouco. Foi focado mais mesmo no fundamental. (Professor 2, 2024).

O Professor 2 conta ainda, que realizou em torno de 250 horas das 800 obrigatórias de estágio supervisionado com a etapa Infantil, nesta ocasião a experiência foi de planejar e ministrar as aulas. Sendo a Educação Infantil uma fase da Educação Básica em que a Educação Física se insere, se espera que a experiência do estágio

supervisionado fosse distribuída de forma equitativa, pois, como Scherer (2008) explica, o estágio tem grande impacto na formação inicial.

A gente montava os planejamentos, assumia a sala e dava as aulas de Educação Física (Professor 2, 2024).

No estudo de Freire, Venditti Júnior e Prado Junior (2023) enfatizou-se a importância do estágio curricular supervisionado a partir da TBDH na formação profissional na possibilidade de vivenciar a realidade da prática profissional, analisar, questionar e reelaborar sua prática. Se assim for, deve contribuir de forma decisiva na sua atuação futura no mercado de trabalho, desde que estas experiências tenham sido significativas e persistam no tempo como verificado no relato do Professor 2.

O Professor 3 relatou que em sua graduação houve apenas menções sobre a Educação Infantil na disciplina de teoria da pedagogia somente. Professor relata que não houve obrigatoriedade de estágio para esta etapa de ensino.

O que a gente viu na escola de Educação Infantil na Educação Física foi na teoria da pedagogia.

PESQUISADORA: E estágio na Educação Infantil, você chegou a fazer?

PROFESSOR 3: Não, o meu foi no fundamental também, numa escola estadual... (Professor 3, 2024).

A abordagem escassa ou inexistente sobre a Educação Infantil nos cursos de graduação em Licenciatura em Educação Física foi encontrada também nos estudos de Martins, Tostes e Mello (2008). Quaranta, Franco e Betti (2016) encontraram dados semelhantes que apontam para subsídios insuficientes nos cursos de formação para a atuação dos professores de Educação Física na Educação Infantil. Para a solução deste problema, Lacerda e Costa (2012) propõem que os currículos sejam modificados e proponham mais debates a respeito do tema em diferentes disciplinas.

Em resumo sobre a formação dos professores há o quadro comparativo a seguir:

Quadro 1: Formação dos professores

Formação			
	Professor 1	Professor 2	Professor 3
Ano de formação	2009	2007	2018
Instituição	UNESP	FACOL	ANHANGUERA
Tipo de formação	Licenciatura	Licenciatura	Licenciatura
Segunda formação	Magistério	Magistério	Administração
Educação Infantil na graduação	Projeto de extensão	Estágio supervisionado	Menção na disciplina de pedagogia

Fonte: Compilação da autora.

5.2 Experiência Profissional e atuação na Educação Física Escolar

O Professor 1 relatou atuar profissionalmente com a Educação Física desde 2011, portanto já soma treze anos, sendo um ano e três meses com o Ensino Fundamental 1 e dois meses com o Ensino Fundamental 2, porém, por falta de afinidade com a faixa etária deixou estas turmas. Desde julho de 2012 atua com a Educação Infantil, momento em que ingressou na Rede Municipal de Ensino de Macatuba.

Eu estou dando aula na Educação Física escolar desde 2011... no Ensino Fundamental, do primeiro ao quinto. Aí eu fiquei 1 ano... Nem um ano... É, um ano e 3 meses mais ou menos... peguei umas aulas no Ensino Fundamental 2, do sexto ao nono, mas no estado eu fiquei somente 2 meses, eu exonerei porque é um nível de ensino que assim... é não gosto né, não é meu perfil... quando eu passei em Macatuba que aí tinha Educação Infantil e eu por na graduação também já ter tido experiência com Educação Infantil né, de projetos, de tá dando aula pros pequeninhos, eu optei por ir para o município de Macatuba e eu estou lá desde então. De junho de 2012, julho de 2012 até agora (Professor 1, 2024).

O Professor 2 relatou ter trabalhado como Professor de Educação Básica I (PEB I), mais conhecida como professor de sala, durante quatro anos pela Rede Estadual e mais dois anos e meio em Rede Municipal.

... eu trabalhei é 4 anos no estado como PEB... é né como professor de sala e trabalhei 2 anos e meio na prefeitura aqui de Lençóis (Professor 2, 2024).

Além de seu trabalho como PEB I, o Professor 2 tem experiência com a Educação Infantil na Educação Física somando quatorze anos e meio, sendo onze anos e meio na cidade de Macatuba-SP e mais três anos em uma escola particular, também com a Educação Infantil.

... vai fazer doze anos no meio do ano, então nós temos onze anos e meio, mas eu já trabalhei três anos numa escola particular... Era só infantil, só Educação Física infantil (Professor 2, 2024).

O professor 3 é o que tem menor tempo de experiência, somando um total de três anos, sendo um ano com Ensino Fundamental I e dois anos com a Educação Infantil e Ensino Fundamental I.

Na escola são um ano em Agudos e dois anos em Macatuba.

Pesquisadora: E nesse tempo de três anos quanto tempo você ficou com a Educação Infantil?

Professor 3: Dois anos agora, vou fazer em maio aqui em Macatuba. O primeiro ano em Agudos foi o Fundamental (Professor 3, 2024).

Desta forma dois professores, 1 e 2, demonstram ter maior experiência de tempo de atuação com a Educação Infantil e pela classificação proposta por Gonçalves (2009) se encontram na fase 3 do ciclo profissional de professores. Nesta fase, que tem características de divergência entre profissionais, uns mantêm seu empenho e entusiasmo com a profissão, porém outros sentem maior cansaço e saturação.

González (2020) reforça que atualmente encontramos profissionais com diferentes práticas, indo desde o “rola bola”, considerado pelo autor como um desinvestimento pedagógico, até aqueles que buscam mudar a realidade em que se encontram. Bronfenbrenner e Morris (1996) já argumentava que o ambiente pode ser favorável ou desfavorável ao desenvolvimento infantil dependendo das pessoas e da sua prática. Assim, é importante analisar o contexto em que este período de prática está influenciando na realidade atual, no caso deste estudo, no planejamento das aulas na Educação Infantil.

Os professores que tiveram mais tempo de trabalho, neste caso os professores 1 e 2, também tiveram maior oportunidade de rotina de escola e, por consequência, maiores experiências profissionais, o que influencia no *habitus* profissional como descrito por Perrenoud (2001). Esta soma de experiências ao longo do tempo, processos que acontecem de forma constante e causam efeitos no desenvolvimento das pessoas, são os processos proximais descritos por Bronfenbrenner (1995).

Já o Professor 3 tem menor tempo de atuação profissional com a Educação Física e pela classificação de Gonçalves (2009) ainda se encontra na fase 1 de atuação profissional, que tem as características de choque de realidade e um misto de entusiasmo da descoberta e sentimento de despreparo. Neste caso existe menos tempo de experiências, além do contexto diferente de formação e ingresso no mercado de trabalho. A cronologia dos eventos exerce influência no desenvolvimento dos indivíduos como professor, porém, a priori, não podemos afirmar que este histórico é algo dificultador para o professor planejar as atividades de Educação Física na Educação Infantil (Benetti *et al.*, 2013).

Sobre os motivos de escolha da graduação em Educação Física, fatores intrínsecos e extrínsecos influenciaram. Todos os professores também relataram ter praticado algum esporte ou atividade física durante sua infância e/ou adolescência. Neste aspecto e assumindo a visão do modelo de PPCT proposta por Bronfenbrenner e Morris (2006) estes professores vivenciaram o esporte o que pode refletir em sua prática profissional visto que foram experiências significativas para eles.

O Professor 1 comentou que havia despertado um interesse pela área escolar desde seus estudos com o magistério e conhecer o funcionamento escolar o proporcionou maior segurança:

... eu já tinha feito magistério, é o que eu falei para você, eu já tinha gostado dessa parte de escola... (Professor 1, 2024).

Mas decidi cursar Educação Física por ter gosto pelo movimento, por exercícios e por ser uma área de maior interesse durante sua formação escolar:

... mas eu acabei indo para a educação física que é uma área que eu sempre gostei, eu sempre me exercitei bastante né, era uma disciplina que eu gostava na escola... (Professor 1, 2024).

Ele mencionou ter incentivo familiar e oportunidade de experimentar diversas práticas esportivas quando criança/adolescente:

... sempre minha mãe sempre me incentivou bastante desde pequena a praticar esporte. Quando era menorzinha o primeiro esporte que eu fiz foi natação, aí depois eu fui ginástica olímpica... Aí depois eu fui para o atletismo... aí eu fiz um tempo um projeto de vôlei... a última coisa que eu tentei fazer foi o basquete... sempre gostei mesmo da parte do esporte de movimento, isso daí deu um incentivo a continuar depois, né (Professor 1, 2024).

O Professor 2 contou que escolheu cursar Educação Física pela facilidade de haver uma faculdade particular com o curso recém-inaugurado em sua cidade, o que facilitou pelo momento pessoal em que vivia, com duas filhas pequenas:

... Eu voltei a estudar é depois em 2004 quando eu já tinha minha segunda filha com quase 4 anos né... optei por Educação Física pela facilidade de ser na minha cidade... se tratava do primeiro ano da Educação Física aqui em Lençóis... (Professor 2, 2024).

Sobre realizar atividade física na infância e adolescência, o Professor 2 declarou ter praticado vôlei e natação durante sua adolescência por um longo período:

... eu, na minha adolescência, eu joguei vôlei né... Eu joguei vôlei, eu fiz natação por um bom tempo... a minha adolescência foi jogando vôlei, dentro de uma quadra de vôlei... (Professor 2, 2024).

O Professor 3 referiu o esporte e seu professor de Educação Física escolar como grandes referências para a escolha da Educação Física como profissão:

Primeiramente eu sempre fui apaixonado pela Educação Física. Desde que eu me conheço por gente eu, eu estava envolvido com esporte, com jogo e tals. Quando chegava o professor de Educação Física para mim na escola ele era o herói meu. Via ele e falava “Nossa... Quero ser igual a ele” (Professor 3, 2024).

Este professor descreveu sua infância/adolescência com forte influência do esporte, embora não tivesse sido possível dar continuidade profissionalmente:

... Sempre fui praticante de futebol. Joguei campeonato amador muito tempo, fiz peneira, fiz... joguei na base do Flamengo... (Professor 3, 2024).

Ele comentou sobre ter atuado em competições e que a região em que cresceu tinha bastante incentivo ao esporte, porém, apesar de o esporte ter sido influente entre os irmãos, o pai não os incentivava:

... não joguei profissionalmente, mas joguei clube de base e campeonato amador, mas nunca passei disso não porque meu pai também não incentivava muito a gente... mas o esporte sempre esteve no nosso meio, da família, dos irmãos... a gente veio de São Paulo, né, lá da cidade de São Caetano do Sul e lá é o esporte é muito forte. As seleções brasileiras lá concentram bastante lá na nossa... na nossa região... (Professor 3, 2024).

Ao que é percebido, as experiências anteriores tiveram influência nas escolhas dos professores entrevistados como a afinidade com a área da Educação Física influenciada pela prática esportiva enquanto crianças/adolescentes, fato notado pelos relatos dos três entrevistados, tal qual a vontade de prestar serviços como docente apontado pelo Professor 1 em decorrência de sua experiência de estudos do magistério. Esta constatação é corroborada pelos estudos de Bronfenbrenner e Morris (1996) quando afirma que experiências significativas têm influência decisiva na vida dos indivíduos, seja esta influência positiva ou negativa.

O contexto na época em que fizeram a opção também influenciou, como no caso do Professor 2 que teve a oportunidade de voltar aos estudos e posteriormente reingressar no mercado de trabalho após um longo afastamento por dedicação à família. Novamente o modelo PPCT de Bronfenbrenner vem à tona, uma vez que um conjunto de elementos deve ser analisado e contextualizado para compreender o processo de desenvolvimento do indivíduo (Benetti *et al.*, 2013).

5.3 O porquê de atuar na Educação Infantil

Sobre trabalhar com a Educação Infantil os três professores tiveram respostas positivas, demonstraram ter gosto por trabalhar com esta faixa etária. O gostar do que faz é uma variável importante devido ao significado que o trabalho representa na vida dos indivíduos, pois é a fonte de renda, de prazer e realizações para eles (Chiocca; Favretto; Favretto, 2016).

O Professor 1 alegou ter preferência pela Educação Infantil desde sua formação no magistério, mas o que realmente o levou a optar pelas aulas dos pequenos foi o projeto de extensão que participou durante a graduação em que ministrava aulas para crianças pré-escolares:

... desde o magistério eu sempre gostei mais da Educação infantil porque no magistério a gente fez estágio nas EMEIs que é de Educação Infantil e também no fundamental primeiro, na época era do primeiro ao quarto ano... mas eu sempre gostei mais da Educação infantil... acho que o que me levou mais para essa área foi ter participado do projeto na graduação... que era Educação Física para crianças pré-escolares ainda na época... primeira experiência com a Educação Física mesmo na escola. Eu participei desse projetos durante 2 anos (Professor 1, 2024).

O Professor 2 mencionou ter maior afinidade com a Educação Infantil e manifestou preferência por trabalhar com as crianças deste período da infância pela melhor recepção das orientações, melhor aceitação das atividades e satisfação em perceber a evolução das crianças ao longo do ano letivo:

... Eu gosto muito dos pequenos, eu acho que eles são é mais puros, é eles recebem melhor as atividades, as orientações né... ver a construção deles durante o ano né, como eles se transformam durante o ano isso foi que me encantou na Educação Infantil (Professor 2, 2024).

O Professor 3, diferente dos demais professores, declarou que a escolha não foi espontânea, porém passou a gostar da Educação Infantil:

... na verdade assim não foi uma escolha minha né, de partir para a Educação Infantil, mas nesse meio termo eu me apaixonei por ela... Não foi uma escolha minha, mas se eu pudesse escolher hoje escolheria novamente (Professor 3, 2024).

A opção pelo trabalho com a Educação Infantil entre os professores apresentou variação entre boas experiências anteriores e a oportunidade naquele momento específico (Bronfenbrenner; Morris, 1996; Benetti *et al.*, 2013), como é o caso do Professor 1.

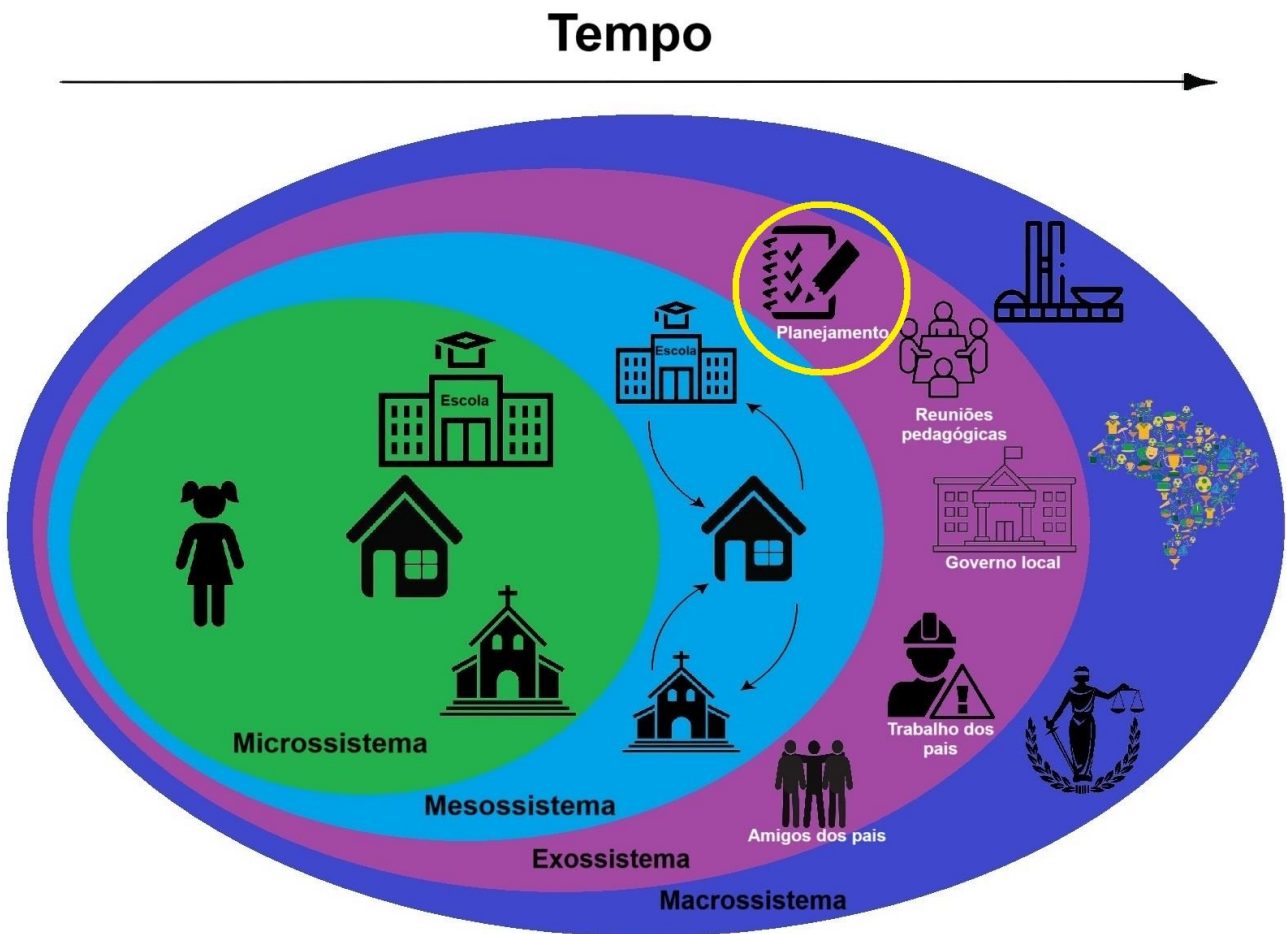
Foi mencionada a afetividade e empatia expressa na fala do Professor 2 “... eles são mais puros...” que se relaciona com o processo de socialização, de aprendizagem e facilita o desenvolvimento integral da criança (Jesus; Lempke, 2015).

Houve a situação em que o trabalho com a Educação Infantil não foi exatamente uma opção, mas uma circunstância que aconteceu ao acaso para o Professor 3, fato também encontrado no estudo de Quaranta, Franco e Betti (2016) em que os professores de Educação Física iniciaram sua atuação com a Educação Infantil pela oportunidade daquele momento ou por necessidade de trabalho, embora atualmente o Professor 3 tenha desenvolvido o gosto pela Educação Infantil.

5.4 Planejamento: da atuação profissional ao referencial da BNCC

Quando o planejamento foi pautado todos os professores discorreram ser uma ferramenta de grande importância e alguns salientaram a necessidade de ser flexível, que é preciso ter a compreensão que nem sempre tudo será possível de realizar.

Figura 7: Exossistema: Planejamento



Fonte: Compilação da autora. Adaptado de Härkönen (2007).

O Professor 1 diz ser importante para sua organização e atingir os objetivos propostos e que mesmo antes de ser cobrado pela gestão escolar, já realizava um registro do planejamento antecipando as aulas da semana seguinte de trabalho:

... nós temos os nossos objetivos então se você não tem um planejamento você não consegue organizar como que esses objetivos serão alcançados... a gestão até cobra que a gente entrega, mas antes deles cobrarem eu já tinha um caderno que eu faço por bimestre... (Professor 1, 2024).

Ele menciona a necessidade de refletir sobre o que foi realizado para planejar as ações seguintes e dar continuidade ao trabalho em busca do objetivo final:

... então no fim de cada semana eu estou planejando a aula da semana seguinte, porque aí também eu vejo que eu consegui dar conta, o que ficou para trás para estar retomando e aquilo que já foi suprido... o planejamento ele é um norteador das ações e as ações são pautadas nos objetivos de ensino que a gente tem (Professor 1, 2024).

Em sua fala o Professor 2 afirma que o planejamento é indispensável para que os objetivos sejam alcançados:

A gente precisa planejar pra poder ter um desenvolvimento melhor nas nossas aulas né. Não tem como a gente chegar lá e do nada querer alcançar uma atividade que não foi planejada né... Porque os objetivos eles só vão ser alcançados dentro desse planejamento né. Então é de suma importância o planejamento (Professor 2, 2024).

O Professor 3 comenta a essencialidade do planejamento, mas também explicita ser necessário verificar a necessidade de melhorias:

... O planejamento é essencial, mas está aberto por exemplo a verificar alguns pontos que podem ser melhorados ali dentro do processo do planejamento... Eu planejo bastante as minhas aulas e aconselho que seja feito... é um norte para mim sabe (Professor 3, 2024).

Foi unânime entre os participantes a importância do planejamento na organização do trabalho docente, ao mesmo tempo que é importante ser flexível, pois é passível de mudanças. Tal constatação está em consonância com o que é previsto na literatura (Bossle, 2002; Silva, 2020; Tullio; Maciel, 2020; Hernandez-Garcia, 2023).

Apesar da flexibilidade necessária ao planejamento, não se pode confundir flexibilidade com frouxidão, não será por qualquer circunstância que deverá ser desprezado ou confundido com imprevisto (Vasconcellos, 2000; Moreira, 2008).

Com o planejamento em pauta o Professor 1 salientou a necessidade de um currículo da Educação Física específico e mais claro sobre seus objetivos:

... Os objetivos de ensino é isso que eu falei eu acho que eles deveriam estar mais especificados dentro desse currículo, que no nosso eu acho que está mais só os conteúdos a serem trabalhados... no caso assim eu acabo estabelecendo os objetivos que eu acho importante dentro dos conteúdos e também dentro da minha vivência, da minha visão de mundo e daquilo que eu quero formar como aluno né (Professor 1, 2024).

O Professor 1 arremata que em sua concepção o currículo deveria ser construído por todos, porém não é o que acontece e cada professor guia seus objetivos de acordo com suas perspectivas:

... na verdade o currículo ele deveria ser construído por todos que estão envolvidos... só que a gente vê que acaba ficando muito por conta do professor. Então o professor dentro daquilo que ele acredita, dos valores que ele tem, das concepções de ensino que ele acredita, ele acaba organizando os objetivos que ele acha necessário para os alunos e organizando, estruturando essas ações a partir disso (Professor 1, 2024).

Sobre esta afirmação, Ayoub (2001) também comentou sobre a necessidade de um esclarecimento sobre a especificidade da Educação Física na Educação Infantil.

O fato de a discussão sobre a Educação Física na Educação Infantil ainda ser recente como afirmam Cavalaro e Muller (2009), esta situação justifica o baixo número de produções científicas sobre o tema em relação às demais etapas de ensino, escassez esta comentada nos estudos de Basei (2008), Moura, Costa e Antunes (2016).

Os professores comentaram sobre a influência da experiência prática em realizar o trabalho docente e seu planejamento. O Professor 1 mencionou ter maior compreensão hoje sobre como os alunos chegam até a escola em seu primeiro contato e que isto facilita o trabalho de partida para posterior adequação do trabalho pedagógico:

... agora a gente já tem uma compreensão maior assim como os alunos vêm até a gente né. por mais que tenha as diferenças individuais a nível de desenvolvimento cognitivo, psicológico a gente já sabe que eles estão meio que alinhados ali na mesma base, né. Então você já sabe a parte. como partir né, que aí na hora que chega lá na realidade você convivendo com eles você vai conhecendo e aí vai adequando os conteúdos que são relativos à educação física às necessidades dos alunos (Professor 1, 2024).

Ele também comentou sobre a necessidade de flexibilização do planejamento em decorrência de adversidades durante a aula, seja por eventos diversos ou por necessidades apresentadas pelos alunos, seja coletiva ou individualmente:

... o planejamento seria para orientar nossas ações ... mas ele é totalmente flexível de acordo com a realidade ali do momento ... aí a gente pega reporta tudo deixa guardado para suprir aquela necessidade momentânea depois retoma (Professor 1, 2024).

Como comentado anteriormente, a fase de atuação em que se encontra o professor e as experiências vividas ao longo do cotidiano de anos na rotina escolar influencia na sua atuação durante as aulas e também no momento do planejamento (Gonçalves, 2009; Benetti *et al.*, 2013).

O Professor 2 expôs que planejar sem o conhecimento prévio do aluno é complicado por não saber de seus conhecimentos e experiências e afirmou a necessidade de realizar uma sondagem inicial para melhor planejamento:

... você não sabe o que você está recebendo né, você não sabe que bagagem essa a criança tem, o que ela conhece e o que ela não conhece, o que ela fez, o que ela não fez. Então você fazendo uma sondagem na primeira semana eu acho que dá para planejar, fazer um planejamento ainda melhor né, porque aí você já vai ter um certo conhecimento do seu aluno (Professor 2, 2024).

Ele pondera dizendo que para quem já trabalha com as crianças em idade pré-escolar é facilitado o trabalho, uma vez que já é sabido o que pode ser trabalhado, mas caso contrário, é um desafio maior:

... Para a gente que já trabalha né, quando pega maternal, Nível I, Nível II, a gente já sabe o que a gente vai trabalhar, mas quando a gente entra sem saber qual é a bagagem do aluno é conflitante, é complicado (Professor 2, 2024).

O Professor 2 completa defendendo que ao final do primeiro bimestre, quando se tem maior conhecimento dos alunos em questão, fica mais fácil saber o que é possível realizar com os alunos ou não:

... quase no final do primeiro bimestre a gente já tem uma noção se as crianças têm a condição de efetuar as atividades ou não (Professor 2, 2024).

A importância da preparação para o planejamento é mencionada por Sant'anna *et al.* (1998). O fato de ser necessário conhecer os alunos e suas características para realizar o planejamento é corroborado por Prado Jr. (2001) e Januário (2017).

Os conhecimentos sobre os referenciais disponibilizados pelo Ministério da Educação foram pautados durante a entrevista, dentre eles foram mencionados os mais antigos, que surgiram desde a implementação da Educação Infantil como integrante da Educação Básica, como o RCN, RCNEI, PCN, DCNEI até o documento mais recente, a BNCC. Os professores demonstraram ter ciência especialmente deste último, sendo o

documento que está em vigor atualmente como referência para a Educação Básica como um todo, englobando assim a Educação Infantil.

O Professor 1 hoje é mestre em Educação Física e seu estudo foi realizado sobre o currículo da Educação Física para a Educação Infantil, portanto é sugerido que conheça os diferentes documentos apresentados que nortearam a etapa Infantil e o atual em vigor, entretanto demonstra maior contato com os antigos PCN e Referenciais Curriculares Nacionais (RCN) por conta de sua formação inicial no magistério:

Então, o RCN eu tive mais contato e eu acho que eu estudei mais, porque foi bem na época do CEFAM, então foi a minha primeira... meu primeiro contato com o currículo assim né, nacional obrigatório. Então eu tenho ele muito enraizado até essa parte de dimensões do conteúdo né, os níveis, ele é tudo dentro do PCN do RCN (Professor 1, 2024).

Ele comenta que em relação ao documento mais recente, a BNCC, seu contato foi somente durante os estudos em local de trabalho e que seu conhecimento não é tão aprofundado, portanto ainda trabalha pautando mais sobre os RCN e PCN:

... só que a BNCC não sei... Não tive um aprofundamento tão grande... aí depois contato que eu tive mesmo foi só na escola e na escola o que a gente tem não é um estudo tão aprofundado né... Mas acho que dentro da minha prática ainda por eu ter convivido mais por assim dizer eu acho que ainda trago muita coisa do PCN (Professor 1, 2024).

Alvarado-Prada, Freitas e Freitas (2010) discorrem sobre a formação continuada mais frequentada por professores, sendo atividades de curto período de tempo. Com esta informação é possível observar na perspectiva da TBDH que estas intervenções durante a vida profissional dos professores não configuram atividades molares, que necessitam de tempo e significado para desenvolver mudanças no indivíduo. Esta afirmação é corroborada por autores estudiosos da teoria como Assis, Moreira e Fornasier (2021), Batagini, Venditti Júnior e Prado Jr. (2023). Portanto, seria mais interessante que os momentos de estudos sobre os documentos vigentes, como no caso da BNCC, fossem mais duradouros e aprofundados dentro do contexto escolar, para que houvesse maior familiaridade a respeito deles. Assim, os profissionais poderiam se posicionar a favor ou contrário em alguns aspectos como vemos nos estudos de Betti (2018) e Neira (2018).

O Professor 1 aponta ainda que as mudanças entre os documentos são voltadas para ordem estrutural e de nomenclaturas, tendo semelhanças com os anteriores, porém cada qual com sua concepção de aluno:

Então no fim eles só mudam algumas nomenclaturas ali dentro deles, algumas formas disponibilizar os conteúdos, os conhecimentos, mas eles trazem as concepções de alunos que eles querem... (Professor 1, 2024).

O Professor 2 alega ter maior familiaridade com o RCN e PCN, mas que tem conhecimento da BNCC e que utiliza estes materiais como apoio para o planejamento:

Professor 2: ... Eu trabalho assim dentro desses referenciais né..." "... Então eles servem mais assim de um apoio para a gente transformar, para planejar as aulas do bimestre, do semestre né." "Eu gosto muito do RCC, do RCC porque foi a minha formação né, foi no PN... como é?

Pesquisadora: PCN?

Professor 2: PCN e no...

Pesquisadora: RCN.

Professor 2: RCN... (Professor 2, 2024).

Ele menciona sobre a essencialidade destes materiais para nortear o trabalho e, assim como o Professor 1, nota que existem semelhanças entre eles:

Bom, eu acho que eles são essenciais né. Eles traçam o norte para gente, eu acho que eles se parecem muito né... (Professor 2, 2024).

O Professor 3 quando questionado sobre o conhecimento dos referenciais trazidos para a Educação Básica, citou a BNCC como objeto de seu trabalho e comenta sua deficiência na abordagem da Educação Infantil com relação à Educação Física:

... as habilidades da BNCC que a gente trabalha no nosso dia a dia ali... todas as vezes que eu vou procurar as atividades é dentro das habilidades da BNCC... A BNCC também ela não, vamos dizer assim, ela não normatizou a Educação Infantil ali, mas ela tem, tem as habilidades né... (Professor 3, 2024).

A maior segurança dos professores 1 e 2 com os documentos mais antigos como PCN e RCN é evidenciado pela influência de sua formação inicial em que o momento histórico envolvia tais documentos como norteadores da Educação Básica. Fica evidente nestas respostas a influência do macrossistema – legislações aprovadas à época, influenciando a formação e o planejamento e ainda repercutindo na prática profissional conforme prevê a TBDH (Bronfenbrenner; Morris, 1996).

Outro aspecto a destacar é que mesmo com as mudanças nas legislações o Professor 1 ressalta que para o planejamento ele utiliza ainda muitos aspectos da sua

formação inicial, visto que a BNCC atual não contempla, na sua visão, aspectos que já estão incorporados na sua prática profissional.

Os professores 1 e 2 também notam semelhanças entre os documentos antigos e o mais recente, talvez por este motivo ainda se aproximam mais do PCN e RCN. Este contexto, demonstra a necessidade de um planejamento coletivo visando direcionar a prática profissional a atingir os objetivos e o desenvolvimento da criança, sem podar as flexibilizações necessárias ao contexto vivenciado. Portanto, no planejamento devemos levar em consideração a Pessoa, o Processo, o Contexto e o Tempo que os professores vivenciaram e vivenciam na atualidade, reforçando as propostas da TBDH (Bronfenbrenner; Morris, 1996; Bronfenbrenner; Morris, 2006; Benetti *et al.*, 2013).

Os professores foram questionados quanto à sua opinião sobre a BNCC voltada para a Educação Física na Educação Infantil.

O Professor 1 compreende que o documento vigente abrange sim a Educação Física, porém em uma forma de assistência para outras habilidades, não exatamente com um objetivo da própria Educação Física:

Bom, eu acho que ele abrange algumas coisas que são para Educação Física sim, que estão dentro né dos objetivos da Educação Física para Educação Infantil, mas é ele ainda vê muito a Educação Física como suporte para aprendizagem de outras coisas que eles consideram mais importante para o desenvolvimento da leitura, da escrita, então assim, como se a Educação Física fosse um apêndice né. É uma base para levar um aprendizado sobre algo que não é Educação Física. (Professor 1, 2024).

Complementa dizendo que o direcionamento mais claro que tem para o trabalho com a Educação Infantil veio principalmente de seus próprios estudos e formação inicial:

Eu acho que foi mais essa clareza do que trabalhar acho que foi mais por conta do meu estudo próprio mesmo, sabe? De eu ter ido atrás, do que eu lembro da graduação... Você também estudou na UNESP e você sabe. Então assim eu acho que eu saí com uma boa base sim. (Professor 1, 2024).

O Professor 2 entende que a BNCC traz direcionamentos pertinentes à Educação Física e comenta sobre interdisciplinariedade entre as áreas, o que pode levar à interpretação de que as diretrizes não abordam um conteúdo próprio da Educação Física, adotando, portanto, um caráter assistencialista:

... eu acho que tem tudo a ver né. São movimentos né de coordenação motora fina que acaba usando, a gente sempre usou isso... mas se você for ver todo o

planejamento do BNCC a gente já trabalha tudo isso de uma certa forma né. Então já está dentro do que a gente trabalha então eu acho que vem mais para considerar mesmo esse trabalho contínuo, porque eu acredito numa interdisciplinaridade entre a Educação Física e as outras áreas né (Professor 2, 2024).

O Professor 3 acredita que existe a necessidade de um documento específico para a Educação Física:

A gente usa ela como nosso norte né, que é um documento, mas não, não acredito que para Educação Física ainda está vago aí... essas diretrizes das habilidades da BNCC eu utilizo elas, mas percebo que existe um grande, uma grande lacuna ainda entre aquele documento que existe que normatiza a educação e que a gente respeita, que a gente segue ele, mas ainda falta ainda mais um dos documentos mais específicos, eu acredito... Eu costumo usar bastante coisa da psicomotricidade, dessa época... É atual né, mais atual da Educação Física assim, coisas da parte higienista também que é importante, que já é mais ali do começo da Educação Física. Na teoria eu uso várias etapas da Educação Física né, que a gente diz assim que acabou naquela época, mas ainda a gente tem coisas que a gente acaba utilizando né, os jogos, a ginástica que é um... a ginástica já é mais antiga né, já algo mais assim que está ali no século passado, mas ainda consigo usar ainda nos dias de hoje que já foi, vamos dizer, a teoria já foi superada, mas ainda vejo coisas positivas ali na saúde renovada né, que... Que ainda precisa de ter esse cuidado com a saúde das crianças. Aí a gente vai utilizando um pouquinho de cada... (Professor 3, 2024).

O Professor 3 cita o documento da BNCC que lhe é mais significativo no dia a dia por definir as habilidades e questiona que a Educação Infantil é pouco enfatizada. O intrigante é que mesmo tendo uma formação mais atualizada, ainda utiliza de metodologias da Educação Física já superadas hoje em dia.

Apesar dos professores divergirem quanto à opinião sobre a BNCC contemplar ou não a Educação Física, todos a respeitam e a tomam como base norteadora. Nas falas dos professores 1 e 2 é evidente que o esperado em relação ao movimento pela BNCC está interligado aos conteúdos voltados para algo que não é específico da Educação Física, reduzindo a mesma a uma disciplina que presta assistência a conteúdos e saberes voltados para a escrita, a matemática e outros (Ayoub, 2001; Simão, 2005; Lacerda; Costa, 2012).

O Professor 1 comentou sobre seu ingresso no mestrado profissional por surgir uma insatisfação com suas aulas emergida por dúvidas sobre sua prática profissional estar correta ou não, a partir do que estava proposto na BNCC:

... a gente sabe que ela (Educação Física) é obrigatória na Educação Básica, mas o professor polivalente ele pode estar desenvolvendo essa aula né por esta brecha na lei. então assim você não tem uma referência 'nossa! será que eu estou fazendo certo? será que eu não estou...' então até aí a entrada do mestrado foi para estar suprimindo esta dúvida, essa curiosidade minha... (Professor 1, 2024).

Professores experientes, como no caso do Professor 1, no estudo de Henrique *et al.* (2011) apresentaram maior interesse na busca por formação continuada na área pedagógica, demonstrando a necessidade e busca por conhecimentos à estrutura e desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, valorizando primeiramente oficinas e palestras, seguidos de especialização *lato sensu*, mestrado aparece na sequência, com um interesse igual para atualizações de curta duração e congressos.

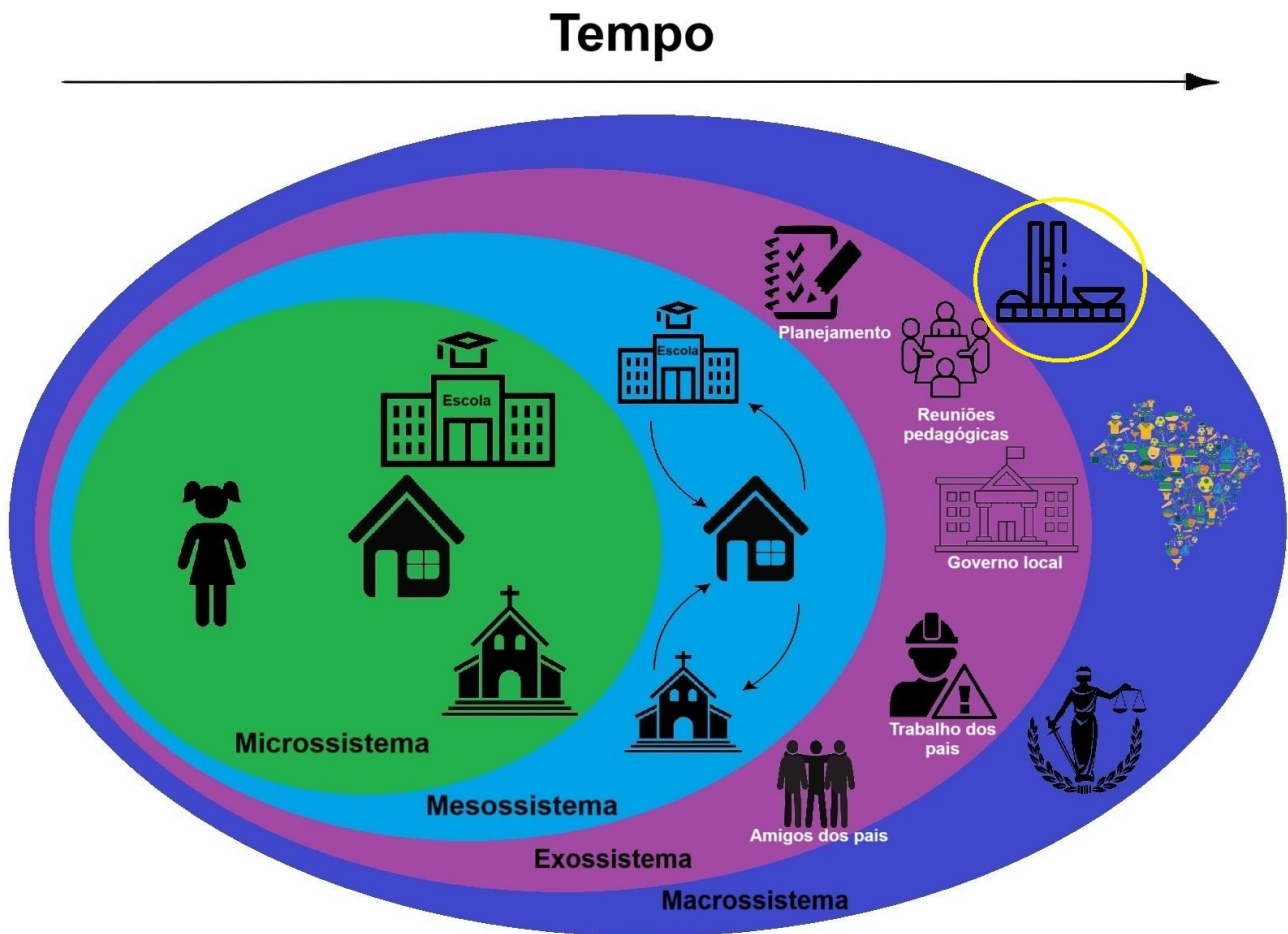
Com base em seu trabalho de mestrado, o Professor 1 afirmou sobre a existência de poucos estudos com a temática da Educação Física na Educação Infantil. Nesta mesma fala comenta sobre a cultura corporal de movimento, conteúdo específico da Educação Física, e ressalta sua dúvida de como trabalhar com esta temática na Educação Infantil:

... a gente começa a ver também como que os estudos dentro da educação infantil ainda são escassos né, porque é uma dúvida geral então assim sobre o que ensinar e sempre tive essa ideia que eram conhecidos historicamente produzidos sobre o movimento, corpo, gesto né, que abrange a parte dos esportes, ginástica, brincadeiras, jogos, lutas... Isso eu sabia, mas eu não sabia assim como que eu trabalho isso na educação infantil? (Professor 1, 2024).

As afirmações do Professor 1 a respeito da ainda baixa produção científica sobre o tema da Educação Física na Educação Infantil é corroborada por Basei (2008) e Moura, Costa e Antunes (2016). Cavalaro e Muller (2009) afirmam que é uma discussão ainda recente que precisa ser mais discutida e aprofundada.

Algumas mudanças demandam tempo, conforme prevê o modelo da TBDH de Bronfenbrenner, na explicação do cronossistema quando reafirma sobre as mudanças que acontecem nas legislações e teoricamente no ambiente imediato podem levar algumas décadas ou gerações para que se consolidarem (Bhering; Sarkis, 2009). Nota-se, por exemplo, que mesmo com a mudança nas legislações algumas cidades ainda não inseriram o professor de Educação Física nos diferentes níveis de ensino na sua rede municipal de Educação, como verificado por Malagi (2023) e Hernandez-Garcia (2023).

Figura 8: Macrossistema: Legislação



Fonte: Compilação da autora, adaptado de Härkönen (2007).

Um aspecto que surge nas respostas dos professores é em relação ao que fazer, quais atividades trabalhar na Educação Física Infantil. A brincadeira é bastante comentada nos documentos que tratam da Educação Infantil, isto inclui a BNCC. O Professor 1 relata preocupação em como abordar os conceitos com as crianças pequenas e esclarece que trabalha com jogos e brincadeiras em suas aulas:

E a parte conceitual. Como que eu trabalho a parte conceitual com uma criança de 3 anos, né? E assim, o modo de estruturar as minhas aulas eu sempre levo a partir das atividades, jogos e brincadeiras... (Professor 1, 2024).

As vivências do Professor 1 em sua primeira formação influenciam em sua prática ainda hoje e isso gera certa confusão ou uma crítica às reformulações quem vêm

ocorrendo de cima pra baixo. Tal postura está em concordância com as críticas à BNCC conforme apresentadas no trabalho de Neira (2018) e Betti (2018).

Neira (2018) ao avaliar a BNCC afirma que esta proposta recupera princípios tecnocráticos valorizando habilidades e competências em contrapartida a uma Educação Física crítica e da cultura corporal. Para o autor o documento em vigor se afasta do atual debate da área e, na sua análise, é frágil, incoerente e inconsistente quanto ao que se espera da Educação Física nos diferentes níveis de ensino.

A indagação apresentada pelo Professor 1 remete aos formatos de ensino com base nos PCN (Brasil, 1998a), documento este que era voltado para o Ensino Fundamental antes de entrar em vigor a BNCC. As brincadeiras são tidas como a linguagem da criança nos RCNEI e como direito da criança na BNCC sob o que diz respeito à Educação Infantil (Brasil, 1998b; Brasil, 2017). Esta confusão entre formas de trabalho com as etapas de ensino é explicada pela falta de clareza sobre os conteúdos específicos da Educação Física para a Educação Infantil afirmada por Ayoub (2001), também foi identificada por Gomes (2020) em seu estudo que verificou limitação da visão de professores de Educação Física sobre o currículo da Educação Infantil.

Esta condição explicita a deficiência nos referenciais para a Educação Física na Educação Infantil e a necessidade de maiores debates e propostas sobre o movimento corporal na primeira fase do ensino básico como pleiteado por Silveira (2015). Falkenbach, Drexler e Werle (2006) argumentam que a consolidação de uma Educação Física de qualidade necessita de fundamentação teórica voltada para a Educação Infantil. Desta forma, a compreensão e o reconhecimento pedagógico da disciplina nesta fase da educação devem valorizar a brincadeira como forma de conhecimento para a aquisição da cultura corporal.

O Professor 2 discorreu sobre o brincar em suas aulas:

...eu sempre deixava de 2 a 3 aulas mensais para que eles brincassem do jeito que eles queriam... porque hoje a gente não tem mais esse espaço né... eles não sabem mais brincar sozinhos, eles não sabem mais inventar brincadeiras sozinhos, estão sempre direcionados né por alguém. Então eu acho que esse brincar sozinho precisa ser levado em consideração... Então eu deixava um momento eles criarem as brincadeiras deles sem intervir... (Professor 2, 2024)

Novamente a falta de clareza conduz à confusão sobre o que se deve ensinar nas aulas. A não compreensão sobre a Educação Física para a Educação Infantil leva a redução das aulas à diversão sem objetivos ou uma ferramenta para o aprendizado de

conteúdos de outras áreas de conhecimento, adicionando o movimento para a “liberação de energias” (Lacerda; Costa, 2012). Contudo se esta for uma estratégia para conhecer o aluno, verificar o que faz em outros ambientes ecológicos que participar isto pode facilitar a transição ecológica como proposto na TBDH (Bronfenbrenner; Morris, 1996; Bronfenbrenner; Morris, 2006; Benetti *et al.*, 2013)

Falkenbach, Drexler e Werle (2006) trazem o entendimento da brincadeira como forma de aprendizagem, valorizam a espontaneidade do brincar e da experimentação corporal. Embora seja necessário o momento da brincadeira espontânea, é importante que esteja claro que é papel do professor planejar e propor ações de forma que todas as crianças possam participar independente de suas capacidades e habilidades, fato descrito por Gonçalves (2020). Além disso, que sejam aulas significativas, que persistam com o tempo para além do contexto escolar como afirmam autores estudiosos da TBDH como Massambani (2020) e Freire, Venditti Júnior e Prado Jr. (2023). Porém, assim como González (2020) defende, é necessário combater o desinvestimento pedagógico da cultura do “rola bola” ainda muito comum entre professores de Educação Física.

Esta relação recíproca, bidirecional entre as crianças e o ambiente, influenciará positiva ou negativamente no desenvolvimento do indivíduo e poderão causar mudanças permanentes em seu curso de vida (Bronfenbrenner; Morris, 1996; Bronfenbrenner, 2005; Härkönen, 2007). Desta forma as aulas de Educação Física, sejam elas livres ou aulas com objetivos bem definidos, influenciarão as crianças em sua vida de forma positiva ou negativa. Por este motivo é esperado que as atividades propostas dentro da aula sejam intencionais, com objetivos claros e mediadas pelo professor.

Os professores foram questionados sobre materiais que utilizam no planejamento de suas aulas para a Educação Infantil. O Professor 1 mencionou utilizar a BNCC, PCN, RCN e as apostilas do sistema de ensino contratado pelo município:

... a BNCC. Então a gente acaba usando ele né, um obrigatório primordial. Aí tem...” “Ele traz as áreas de conhecimento e a gente acaba ficando com ‘corpo, movimento, gesto’/‘corpo, gestos e movimento’ né. E o PCN nessa parte das dimensões de conteúdo né, é nível de progressão conteúdos ao longo dos anos que segue, essa referência maior que eu trago... o município ele tem um sistema de ensino deles né, próprio que eles acabam contratando... eles mandam algumas apostilas para os professores, então dependendo do nível na Educação Infantil eu dou uma olhada, assim eu vejo, mas a gente já consegue selecionar aquilo que dá certo que não dá só de estar lendo ali... (Professor 1, 2024).

É possível notar como os conceitos adquiridos ainda na formação inicial em Educação Física e magistério estão enraizados na concepção de ensino para o Professor 1. Fato este também encontrado no estudo de Bertini Junior e Tassoni (2013) em que os professores de Educação Física apresentaram dificuldades por incorporar novas concepções, mantendo a prática com concepções mais antigas.

O Professor 2 contou que utiliza os referenciais, livros didáticos e buscas na internet:

... eu uso bastante os livros didáticos né que a gente tem lá na escola, procuro bastante atividades diferenciadas né, porque a gente precisa diferenciar um pouco né não dá para dar o todo ano mesmo atividade né que a gente tem o mesmo público-alvo, só muda a dificuldade do exercício... é pesquisa no livro, pesquisa na internet, busca nos referenciais, é isso que eu uso nos meus planejamentos né. (Professor 2, 2024).

A busca por diversificação e aumento de dificuldades dos exercícios indica a concepção da abordagem desenvolvimentista (DARIDO, 2012), porém demonstra que o planejamento é dinâmico e que o professor replaneja durante a execução das aulas, prática importante para adequar os conteúdos a realidade dos alunos de cada série.

O sistema de ensino em vigor recebe queixas do Professor 2, assim como visto no caso do Professor 1:

(Tem) Bem pouquinho coisa. É, a gente consegue mais é Fundamental né, o Infantil está bem... está precisando nessa parte de um Infantil né... Pro Infantil ele é bem sucinto, ele é bem reduzido (Professor 1, 2024).

Os sistemas de ensino que trabalham com a Educação Infantil produzem material de apoio com base no documento vigente que rege a Educação Básica. Como a BNCC não trata da Educação Física de forma específica, estes materiais também não estruturaram algo que seja pontual para a Educação Física.

A forma que o planejamento é feito também foi pautada na entrevista. Todos os professores comentaram que seu planejamento é feito de forma individual. Dois professores disseram haver trocas de experiências entre eles, um professor relatou ter dificuldades no diálogo com os demais professores de Educação Física. Houve comentários sobre o auxílio do professor pedagogo.

O Professor 1 indica que o planejamento é feito de forma individual, ainda que em determinada escola haja mais de um professor de Educação Física e conta que existiram

momentos coletivos direcionados ao planejamento, porém não houve a colaboração de todos para sua efetividade:

O planejamento ele ocorre de forma individual mesmo nas escolas que têm mais de um professor de educação física cada um acaba planejando o seu. Já teve épocas de a gente ter os HTPCs juntos, que era os horários de trabalho coletivo né, com todos os professores de Educação Física da rede... de 7 professores, 3 só conversavam sobre o grupo o resto ficava tudo quieto, só olhando parado, não falava nada, não dava sugestão... (Professor 1, 2024).

Este professor relata que os pedagogos, comumente chamados de professores de sala, oferecem maior apoio para o desenvolvimento das aulas:

É mais fácil você ainda conseguir o apoio de uns professores de sala, pedagogos. Não o conhecimento específico, mas em relação ao aluno ali é mais fácil a gente encontrar o apoio no professor de sala do que com os professores específicos mesmo. (Professor 1, 2024).

O Professor 2 comentou que há uma troca de informações sobre o que os professores estão trabalhando, porém o planejamento e a escolha das atividades é feita de forma individual:

... eu vivo te enchendo as paciências né, perguntando o que você está trabalhando, com o que você vai trabalhar para a gente trabalhar mais ou menos próximo né, uma da outra. São atividades diferentes que né, porque você dá de uma forma uma atividade, alcança o objetivo numa certa atividade, eu alcanço com uma outra certa atividade, mas dentro da mesma proposta né, dentro do mesmo planejamento né” “E aí a gente trabalha conforme o gosto de cada uma, né. Dentro da atividade de cada uma. Porque os objetivos podem ser alcançados em várias formas né (Professor 2, 2024).

O Professor 3 colocou em sua fala que o planejamento é realizado individualmente, ainda que haja troca de experiências entre os professores de Educação Física e o auxílio de professores de sala com apontamentos das dificuldades dos alunos:

... pelo menos na escola que eu faço aula a gente faz individual mesmo, a gente pode até ter uma ideia ou outra que a gente compartilha, existe isso e é legal essa parte que a gente se ajuda também... O planejamento com ajuda sempre de uma professora ou outra que queira, que queira me passar alguma coisa eu sempre escuto lá, mas na... que nem a professora da sala mesmo ela fala ‘Professor, você pode ajudar nossos alunos com... eles estão com dificuldade por exemplo matemática de volume, de distância...’ né, aí a gente e vai trabalha esse tipo de... que eles estão com dificuldade, mas sempre é feito individualmente mesmo (Professor 3, 2024).

Em outra fala o Professor 1 desabafa sobre a influência da gestão diretamente nas aulas e a dificuldade quando as opiniões divergem e o professor não é ouvido:

E a gestão também não favorece... nessa gestão que a gente está ultimamente a gente vê como tudo depende mesmo da concepção de ensino e de política né... então acaba entrando em conflito muito grande... então essas partes acabam interferindo. A gente tenta fazer com que isso não interfira nas aulas dos alunos, mas é difícil... porque a gente vê que por mais que a gente pensa, a gente tente dialogar, tem hora que a gente não é ouvido né... E dependemos de como que é a gestão, se não está articulado todo mundo para o mesmo objetivo acaba ficando meio que uma Andorinha ali só não faz verão (Professor 1, 2024).

Cenário semelhante foi encontrado por Bossle (2008), que demonstrou a dificuldade do trabalho coletivo desde a gestão até as atividades cotidianas dos professores. Da forma que é pontuado pelos professores, o diálogo entre eles é ineficiente e a participação coletiva para o planejamento não acontece. Silva (2020) confronta o individualismo adotado pelos professores de Educação Física do município de Macatuba-SP, uma vez que o planejamento deveria ser realizado de forma democrática e com a participação desde a gestão escolar, professores, demais funcionários escolares, pais, alunos e toda a comunidade local.

Visto que os professores pedagogos não têm formação adequada sobre a cultura de movimento, seu auxílio sobre as aulas de Educação Física leva ao entendimento de que as mesmas podem assumir um caráter de apêndice de conteúdos próprios da pedagogia, tidos como importantes para a alfabetização (Ayoub, 2001; Simão, 2005; Lopes; Silva, 2020).

Autores como Daólio (2001), Betti (2007) e Neira (2009) confrontam a ideia de a Educação Física como mero assistente para o ensino de conteúdos de outras disciplinas afirmando sua especificidade que valoriza o movimento corporal como cultura, patrimônio corporal e manifestação social.

Estas interferências (ou a falta de) que acontecem fora do momento da aula em si e ela influenciam, são explicados pela TBDH como a influência dos diferentes contextos que envolve a instituição, o professor, o aluno em um dado período de tempo (Bronfenbrenner, 1995; Bhering; Sarkis, 2009)

Foi-lhes perguntado sobre o planejamento coletivo, se há um momento separado para esta finalidade.

O Professor 3 menciona que houve um momento de planejamento, porém as aulas são planejadas de forma individual:

Já teve acredito que um momento que a gente teve algo que precisava ser feito, mas a gente planejar junto as aulas não, não (Professor 3, 2024).

Houve um questionamento sobre a existência de um Plano de Ensino comum para a Rede Municipal de Ensino de Macatuba-SP. O Professor 1 aponta que existia um documento que seria o currículo local e houve a proposta de reformulação do mesmo e este movimento foi iniciado em 2023. Porém, as oportunidades de reunião com todos os professores foram insuficientes para que pudessem ter concluído coletivamente e desta forma um professor ficou responsável por entregar a reformulação sem que houvesse discussão entre todos os professores:

Tem o que seria o currículo ali para gente seguir. Agora no ano de 2023 o secretário de educação ele propôs pra gente está reformulando esse currículo... mas no fim acho que a gente teve uma reunião só que a gente começou a fazer né todo mundo junto... Por fim acho que uma professora acabou terminando e enviando em nome de todos, tipo para cumprir o que estava sendo exigido né, mas que no final não foi feito por todo mundo coletivamente. Não sei dizer se eles pretendem mudar ou formular ou construir um novo ou trazer um pronto para a gente né (Professor 1, 2024).

Este professor indica que sente falta de uma liderança para estes momentos de organização coletiva para as discussões necessárias como a situação do currículo em questão:

... não tem nenhum conhecimento acho que para estar realizando uma organização, estruturar onde o currículo ali pelo menos entre os professores que a gente sabe que é um processo que envolve ali todo mundo né, comunidade toda, vem da parte de coordenação, de secretário da educação, direção, coordenação, professor, aluno, os pais de alunos, só que fim acabam ficando o que você falou, o que eu acabei falando pra você a parte individual de cada professor (Professor 1, 2024).

O Professor 2 relatou que existia um Plano de Ensino comum que está em reformulação:

... existia sim um que a gente seguia como norte para nós e agora a gente está tentando reformular né...Dentro da BNCC, deixando tudo bem redondinho (Professor 2, 2024).

O Professor 3 contou que tem conhecimento sobre a construção de um documento, porém que não sabia como estava o andamento no momento da entrevista:

... existe um documento sendo construído no município de Macatuba... participei assim no começo... No momento sinceramente não sei como que está o andamento... (Professor 3, 2024).

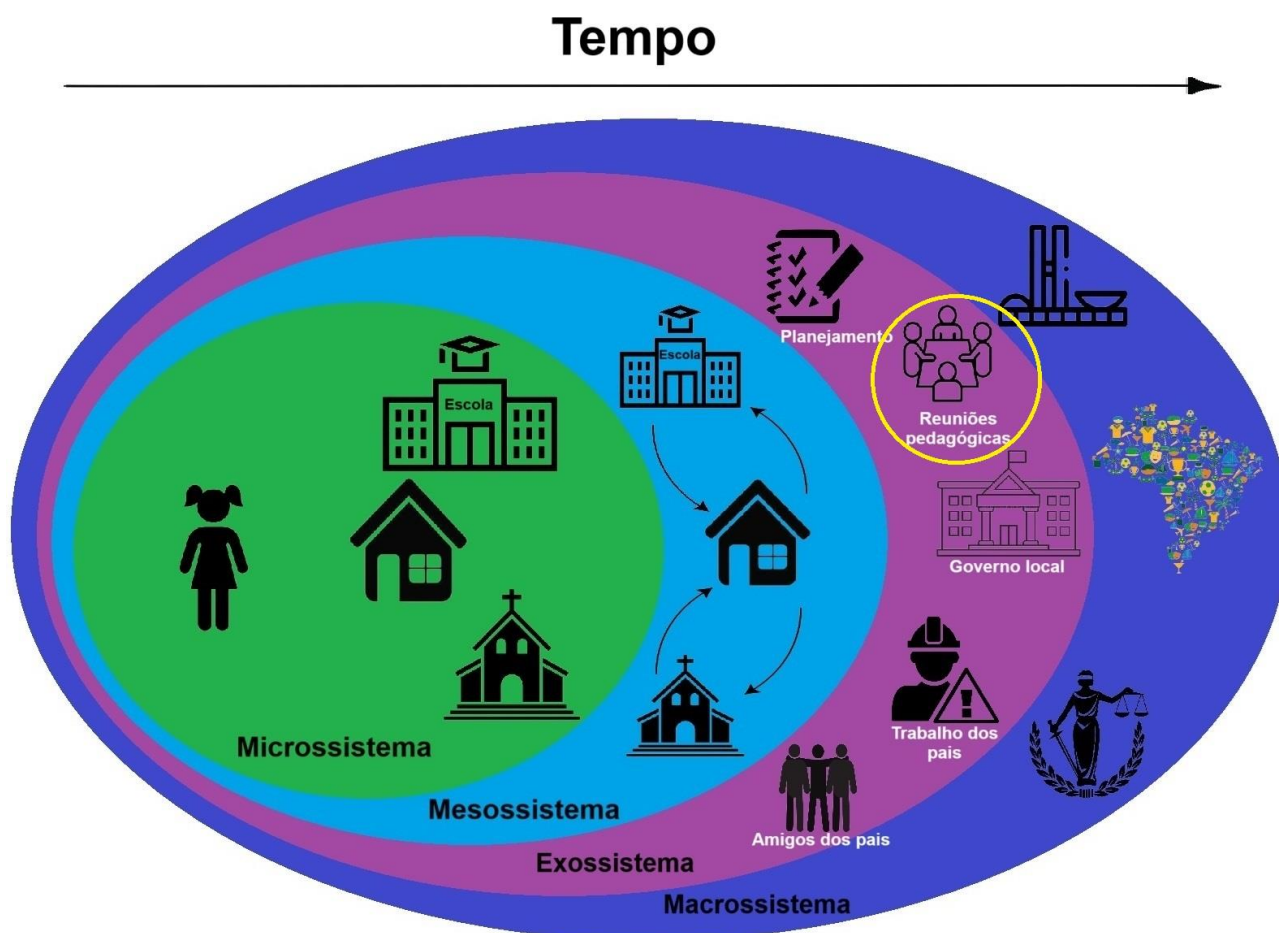
Quando foi perguntado sobre reformulação ou se seria necessário acrescentar algo, o Professor 3 negou estas necessidades:

Não. Eu acredito que tenha uma boa linha de construção, o documento é muito rico... (Professor 3, 2024).

No momento que a entrevista foi realizada, o plano de ensino que estava em curso já havia sido finalizado e entregue, infelizmente não de forma coletiva, pois o prazo de entrega para o mesmo datava de setembro de 2023 e não houve encontros em HTPC e nem empenho suficiente para a discussão entre todos os professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Macatuba.

A falta de conhecimento pleno sobre o planejamento em curso demonstra falta de engajamento do professorado nos momentos de trabalho coletivo a que foram disponibilizados para o estudo e formulação do plano de ensino, deixando de ser um momento para expor as realidades encontradas nas escolas ou um momento de formação para apenas cumprimento burocrático da carga horária semanal, demonstrado pelo estudo de Mendes (2008) que aponta o horário de trabalho coletivo entre professores tido hoje como mera burocracia.

Figura 9: Exossistema: Reuniões Pedagógicas (HTPC)



Fonte: Compilação da autora. Adaptado de Härkönen (2007)

No tocante a efetividade do planejamento que aconteceu em 2023, os professores afirmaram ter sido efetivos, porém não em sua totalidade. O Professor 1 demonstrou insatisfação com a efetividade de seu planejamento do ano de 2023 e afirma que as adequações que foram necessárias para cada momento atrapalharam nesta questão:

Eu acho que assim dentro dos conteúdos de Educação Física eu acho que eu poderia... poderia ter sido mais efetivo, mas é pelo que eu te falei, por conta da gente estar tendo que adequar as aulas a necessidade do momento né... Eu acho que poderia ter conseguido realizar mais coisas durante o ano, mas ficou alguém eu acho (Professor 1, 2024).

O Professor 2 pondera que seu planejamento poderia ter sido mais efetivo caso houvesse maior dedicação sua, em especial, com a turma do maternal. Ele apontou dificuldades por indisciplina e número elevado de crianças em uma mesma turma:

Eu acho que eu poderia ter sido um pouquinho mais efetiva neles entendeu... principalmente com o maternal (Professor 2, 2024).

O Professor 3 expõe que percebeu evolução entre as crianças ao longo do ano e por este motivo acredita que o planejamento foi bom:

Pesquisadora: Pensando sobre ele (planejamento), você acha que foi efetivo dentro dos seus objetivos?

Professor 3: Acredito que sim, prô Vívian, porque a gente pelo que a gente pegou no começo do ano eu acho que houve uma evolução boa nas crianças sabe... Pra mim se eles estiverem com uma boa coordenação motora, é com noções espaciais boas do eu, as emoções né da psicomotricidade, está com as emoções em dia, está brincando tá com boas direções ali, o básico bem feito, essa estrutura foi bem feito, então acredito que foi legal... (Professor 3, 2024).

Os professores foram instigados a refletir sobre o quanto foi possível de executar de seu planejamento. O Professor 1 explica que garantiu por volta de 75% do que foi planejado e que o restante precisa ser melhor organizado para que seja suprido:

Acho que são 25 (%) ainda assim, é aquela coisa que você tem que trabalhar melhor, ou tentar dar uma reorganizada pra estruturar para conseguir suprir (Professor 1, 2024).

O Professor 2 afirmou ter conseguido atingir algo em torno de 90% de efetividade de seu planejamento ou até mais do que isso:

Ah 90 %, mais de 90 % (Professor 2, 2024).

O Professor 3 mencionou que a estrutura escolar não favoreceu para que todo o planejado fosse possível de executar:

... muita coisa não foi possível até por conta estrutural, né (Professor 3, 2024).

Existem fatores que produzem incertezas e imprecisão sobre a efetividade do planejamento. Um deles é a baixa produção científica acerca da Educação Física para a Educação infantil apontado por Basei (2008) e Moura, Costa e Antunes (2016), o que

demonstra que esta temática ainda é pouco explorada entre a comunidade científica, deixando os questionamentos e problemáticas à deriva, com lacunas a serem preenchidas.

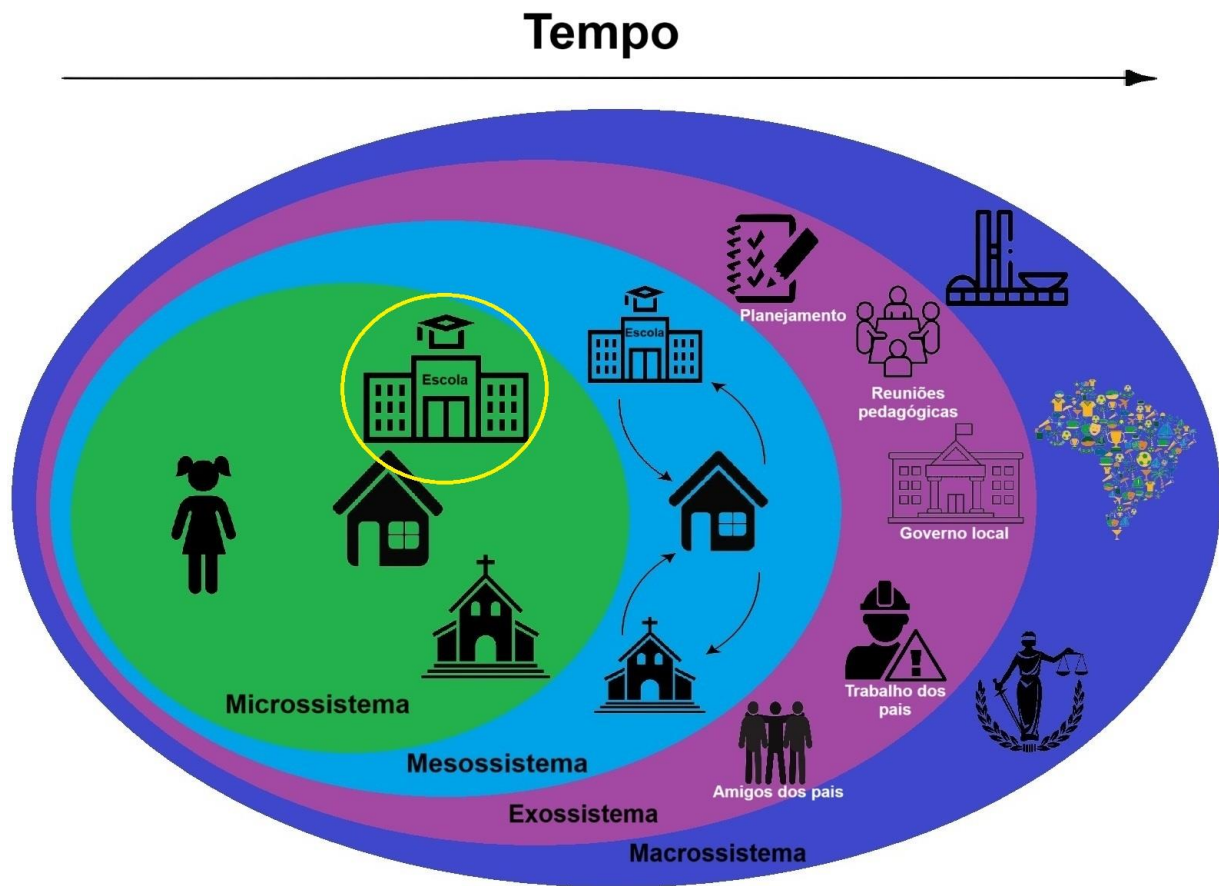
Outro ponto relevante são as incertezas a respeito do currículo sobre a temática da Educação Física para primeira etapa da Educação Básica, como mencionado por Gomes (2020).

Gordo, Furtado e Newar (2021) e Darido (2012) mencionam também a ausência de uma avaliação consistente e eficaz como uma fonte de incerteza e imprecisão sobre a efetividade do planejamento.

Mudanças repentinas ou interrupções durante as aulas por motivos de afetividade foram relatadas por Tanus Galvão e Brasil (2009), o que levaram a frustrações de professores com o andamento das aulas e seus objetivos.

Mudanças na rotina escolar em decorrência de eventos adversos também acarretam a interrupção das aulas e, portanto, interrompem também os processos proximais mencionados na TBDH de Bronfenbrenner, que explicita sobre a necessidade da constância, sem interrupções de experiências para que causem efeitos no indivíduo (Bronfenbrenner, 1995). Prado Jr. (2001) em seu estudo relacionou que em várias aulas os acontecimentos superam a quantidade de atividades e em sua maioria são caracterizados como atividades moleculares, ou seja, sem nenhum significado o que interfere para que a aula seja considerada molar e influencia no desenvolvimento do escolar.

Figura 10: Microssistema: Aula de Educação Física



Fonte: Compilação da autora. Adaptado de Härkönen (2007)

Dentre os motivos de não ter sido possível atingir efetividade total em seu planejamento os professores apontaram dificuldades na estrutura física da escola para a recepção das aulas de Educação Física, material escasso ou inadequado e problemas de indisciplina:

... por conta de espaço, porque a gente nem sempre tem... a gente depende muito do tempo, se está chovendo, se não está, se está sol, se está limpando, para conseguir fazer a as aulas num lugar certinho, na quadra mesmo né, em um lugar que tenha cobertura. Tem lugar que nem isso tem. Então assim, a gente faz até acho que o impossível dentro das condições que a gente tem, mas a gente sempre acha que pode fazer melhor né (Professor 1, 2024).

Como eu tinha um maternal que ele tinha muito problema de indisciplina, muita criança dentro de uma sala só, tinha hora que você não conseguia atingir os objetivos, então tinha que mudar a estratégia todas as aulas (Professor 2, 2024).

... a estrutura da escola não entregou para gente aquilo que a gente precisava, o espaço, é que as aulas são em um espaço que não é adequado (Professor 3, 2024).

Devido a carga horária de quarenta horas semanais, o Professor 1 ministra aula em 3 escolas diferentes. Ele relatou sobre os espaços físicos que são destinados às aulas de Educação Física destas três escolas:

A EMEI (creche – correção da autora) ela tem muito espaço, mas não espaço adequado para educação física. então assim tem um pátio super grande, mas é um pátio aberto e fica no meio da escola, então a escola toda em volta tira totalmente atenção dos alunos durante as atividades, porque é turma passando, criança passando, vai chegando, campainha tocando, e rotina de creche é bem agitada, então assim, eles não param um minuto né... E como é um espaço aberto, não consigo ficar com os alunos ali, porque se não, ficam no sol. Tem um espaço gramado também, mas que também não tem sombra. Então eu acabo ficando com eles num corredorzinho coberto, deve ter se uns 3 metros por 7, organizo eles ali para fazer uma rotina primeiro com os alunos, aí quando atividade é mais agitada, o movimento, depois eu levo eles pro gramado ou para esse pátio, mas aí é o que eu falei depende se está muito sol já não dá para ir para nenhum dos dois, se choveu o gramado também está todo molhado, não dá para ir, quando chove tem que ficar com eles dentro da sala de aula que aí é o único espaço que tem mesmo fechado. Na EMEI tem uma cobertura que na verdade nem é uma quadra, eles cobriram o pátio, fizeram um chão mais nivelado que a gente fala que ele é a quadra, mas também na lateral é tudo aberto, se chove de vento molha tudo, não adianta, não dá pra ficar. Quando está calor ainda dá para ficar... na escola de primeiro ao quinto ano sim tem uma quadra fechada, só que essa quadra eles fecharam demais então dependendo também se está muito calor ela fica muito quente e também não dá pra usar e quando chove mesmo ela coberta molha tudo lá dentro... com relação a espaço é complicado, com relação a material eu acho que até que a gente recebeu bastante material, com relação a bola, coisas de Educação Física. Dificuldade com materiais eu nunca tive, mais com espaço mesmo (Professor 1, 2024).

Seguindo com os problemas de espaço inadequado, o Professor 2 também comentou sobre esta dificuldade das duas escolas onde lecionou em 2023:

... com a Educação Infantil nós não temos um local adequado né. A gente improvisa um espaço... na creche a gente não tem espaço né. A gente dá aula num lugar reduzido, sem segurança para criança, a gente não tem material igual a gente tem na escola... Na escola já é mais fácil né, na escola a gente tem muita coisa, tem materiais... Eu acho que está faltando a nossa quadra para o Infantil, está faltando um espaço adequado e seguro para eles né, eu posso falar isso de carteirinha porque eu trabalhei 4 anos no CAIC no auditório onde o piso era piso frio, com degraus, com altura... acho que o material a gente tem o suficiente, adequado (Professor 2, 2024).

Para explicar sua queixa acerca do local para as aulas de Educação Física, o Professor 3 detalhou:

O espaço é um auditório... Piso frio que é perigoso a criança escorregar, tem um palco que a criança, é perigoso a criança pular lá de cima e pode se machucar... Tem escada...a lâmpada no alto, a criança às vezes vai fazer um lançamento, pega a bola lá em cima e a gente fica com medo de cair a lâmpada, então essas coisas poderiam ser melhoradas e bastante assim, estruturalmente falando (Professor 3, 2024).

Ele complementa explanando sobre os materiais e a diferença de oferta destes nas diferentes escolas onde trabalha:

Pesquisadora: Você consegue fazer o que você precisa com aquele material?

Professor 3: Na minha sede lá eu não consigo como em outras escolas que eu tenho esse ano, que são mais estruturadas, com mais espaço. Então citando esse espaço de 2023, não. Faltou material, faltou qualidade no material... foi comprometido sim com relação ao material." (Professor 3, 2024).

No caso da cidade de Macatuba-SP, percebe-se que as situações de falta da quadra acontecem nas escolas que são voltadas especificamente para a Educação Infantil. Enquanto que as escolas de Ensino Fundamental não sofrem do mesmo problema, pois a quadra é garantida na maioria das instituições. Fato semelhante foi identificado por Vitorino (2023) que notou em seu estudo diferenças na infraestrutura dependendo da região da cidade e a forma que foram conquistados os recursos para sua instalação, o que não deveria ocorrer pois isto influencia atingir os objetivos da área de Educação Física no contexto escolar.

O mesmo problema de falta de investimento em estrutura e material destinado para as aulas de Educação Física ainda acontece em várias cidades brasileiras como verificado por Gomes (2020) em que os professores por ela entrevistados enfatizaram falta de investimento em infraestrutura e materiais para as aulas de Educação Infantil. Reforçando esta análise Vitorino (2023) aponta que ainda hoje muitas escolas não têm quadra para o ensino o desenvolvimento das aulas de Educação Física, tendo que dividir seu espaço como o pátio, onde muitas vezes na hora do recreio as aulas deixam de acontecer.

Foi-lhes perguntado se os professores mudariam algum aspecto de seu planejamento de 2023 para 2024. O Professor 1 sente a necessidade de estabelecer uma sequência didática:

... no planejamento eu gostaria de conseguir estabelecer uma sequência didática. Eu levo as aulas de acordo com os conteúdos que eu quero trabalhar, mas nem sempre eu consigo fazer uma articulação de uma aula com a outra né (Professor 1, 2024).

O Professor 2 não especificou mudanças, porém sente que há necessidade de mudanças:

Mudaria é nas estruturações das aulas né, a forma, as atividades que foram desenvolvidas para atingir o objetivo, daria uma melhoria (Professor 2, 2024).

O Professor 3 demonstra estar satisfeito com seu planejamento e pretende alterar somente detalhes:

... eu vou manter boa parte do que eu fiz em 2023, alterar talvez uma parte lúdica, talvez uma data comemorativa, talvez pode ser que seja algo relevante para a cultura deles para que eles enriqueçam mais (Professor 3, 2024).

Ele comentou que tem boas expectativas para o ano de 2024:

Expectativa boa, expectativa de que a gente vai conseguir fazer bastante coisa por eles, pelas crianças. Desenvolver muito... (Professor 3, 2024).

A importância de refletir e repensar o planejamento identificada na fala dos professores é reforçada por Silva (2020) quando afirma que o planejamento exige a reflexão do presente para idealizar o futuro.

A fala do Professor 1 sobre suas dificuldades ainda revela a frustração da falta de clareza sobre a Educação Física para a Educação Infantil, dados semelhantes foram encontrados no estudo de Lacerda e Costa (2012).

Ao final de cada entrevista foi aberto um espaço para que os professores pudessem expressar se havia algum comentário a mais que tivessem anseio em explanar. Os professores 2 e 3 não acrescentaram comentários, somente o Professor 1 sentiu esta vontade.

Nesta ocasião o Professor 1 explicou que nos últimos anos suas dificuldades não têm sido especificamente com os conhecimentos em Educação Física ou as aulas em si. Porém com aspectos externos às aulas, mas que a influenciam como por exemplo a gestão, suas decisões e imposições:

O problema maior que eu tô encontrando no momento é com relação a gestão. de ideias que não batem só que a gente também não tem oportunidade de diálogo... Parece que tudo está muito assim de cima para baixo sabe? O que “eu” falo vocês têm que fazer e não tem acordo... nesses últimos anos tem sido em relação a isso não é nem em relação ao conhecimento da educação física, a prática da educação física... (Professor 1, 2024).

Ele também contou sobre a dificuldade que tem enfrentado com a educação que os pais têm fornecido aos seus filhos, a influência de informações contidas nas redes sociais e fora de contexto ou sem embasamento e isso tem causado transtornos em aula como problemas de indisciplina:

As famílias estão vindo também cada vez mais difícil para escola no sentido de que elas não fazem o papel delas enquanto família na educação e a gente enquanto professor tenta suprir essa parte não só com conhecimento que cabe a nós, mas também com questão de educação realmente falando né, de limites, de regras e muitos pais não aceitam isso também... tem muito pai de internet agora também né, porque ‘eu vi na internet’, ‘porque não só tem que fazer isso’, mas não vê os psicólogos que estão falando na internet, os educadores que falam na internet, não... Os alunos também não aprendem se não tiver disciplina... (Professor 1, 2024).

As frustrações experienciadas pelo Professor 1 são exemplos de como mesossistema e exossistema influenciam diretamente no microsistema “aula de Educação Física”, pois decisões e atitudes tomadas em outros ambientes acabam por interferir na dinâmica da aula, seja por decisões no funcionamento das aulas, seja no comportamento dos alunos entre outras formas possíveis de ser influenciada (Bronfenbrenner; Morris, 1996; Bhering; Sarkis, 2009).

Foi observado pelo Professor 1 a necessidade emocional que as crianças apresentam hoje em dia, em sua opinião esta situação tem acontecido pela estratégia dos pais de uso do celular em algumas situações difíceis:

No emocional. Eu vejo que assim eles querem muito, eu não sei se é por conta dessa geração da tela também, do celular, a gente vê que muitas das necessidades deles os pais eles acabam suprimindo com o celular. Então a criança está dando trabalho, está conversando, está bagunçando, dá o celular que eles ficam entretidos e param quietos (Professor 1, 2024).

Estas deficiências emocionais das crianças como ansiedade e depressão foram identificadas nos estudos de Nunes *et al.* (2023).

O hábito de utilizar as telas, sejam de televisão, computadores, videogames ou celulares, também foi criticado pelo Professor 2 como um problema para o desenvolvimento motor das crianças hoje em dia:

Eles estão assim muito, muito mais ligados em jogos eletrônicos e computador e acaba deixando um pouquinho a parte motora de lado... Então é eu prezo muito por isso, prezo pelo movimento da criança, eu prezo pela capacidade dela inventar as brincadeiras, eu acho que a pandemia bitolou um pouquinho eles nisso né, deixou muito eles presos dentro de casa (Professor 2, 2024).

Ele afirmou ser favorável de resgatar brincadeiras antigas para estimular o movimento:

Eu sou muito a favor dos jogos folclóricos, eu sou muito a favor de resgatar essa cultura que a gente tem faz tanto tempo, tá perdendo muita coisa né a respeito disso depois da pandemia né (Professor 2, 2024).

O uso em excesso das telas, seu prejuízo psicológico e a relação do brincar com o desenvolvimento emocional das crianças foi relatado por Santos e Barros (2018). Batista e Amorim (2007) estudaram sobre as brincadeiras folclóricas para a Educação Infantil e, assim como o Professor 2, entendem que é importante resgatar essas brincadeiras no ambiente escolar. Silvestre (2012) corrobora com as afirmações de valorização do brincar espontâneo e o brincar com intervenção de adultos.

O Professor 1 ainda discorreu sobre o pós-pandemia, em que os alunos têm apresentado, de acordo com sua percepção, pior nível motor e maior insegurança em relação ao período pré-pandemia:

... e após pandemia tudo piorou muito a nível motor eu digo né. e na questão de segurança, eles estão muito inseguros... eles estão chegando aquém do que era esperado... (Professor 1, 2024).

Na opinião dos professores 1 e 2 a pandemia de COVID-19 agravou esse quadro de dificuldade motora entre crianças e, segundo o Professor 1, também afetou em aspecto emocional:

... após a pandemia eu vi que a necessidade deles às vezes não era a quantidade de atividades que a gente está dando que vai levar um desenvolvimento ali do conteúdo, do objetivo que eu quero, mas qual que é a necessidade do aluno novamente... eles estão num nível de carência muito grande então, a parte afetiva acaba que estão tomando meio tempo ali dos conteúdos que eu quero ensinar

relativos né, a minha disciplina mas sabendo que tem essa parte também mais emocional a gente está... Ah! Conversando, acolhendo né, se sentindo incluído ali no meio também, se sentido amado... a parte atitudinal né (Professor 2, 2024).

Ao passo que citou sobre a pandemia, o Professor 1 remete aos PCN quando cita sobre o aspecto emocional estar presente nas aulas de Educação Física e necessitar de abordagem. Mais a frente ele explica que as características da Educação Infantil clamam para que o aspecto atitudinal seja tão bem desenvolvido quanto o aspecto procedimental:

E as atitudes, a parte de socialização, de regras, respeito aos amigos, ao ambiente a gente vê que essa parte atitudinal está bem pareada com o procedimental né, na educação infantil, porque o conceitual a gente passa uma base mas por conta de nível de maturação, desenvolvimento deles, cognição, não fica batendo em cima disso (Professor 1, 2024).

As características emocionais deficientes percebidas pelo Professor 1 são corroboradas pelos estudos de Sá e Farias (2021). O papel socializador da escola e sua responsabilidade psicossociológica é reforçada por Gatti (2020). Tanus Galvão e Brasil (2009) também apontam sobre a peculiaridade do professor da Educação Infantil em ter atenção para o desenvolvimento emocional das crianças.

6. Limitações do trabalho

Para fazer a ligação do discurso dos professores com a prática seria interessante se houvesse a oportunidade de analisar o planejamento de um período e observar a prática dos mesmos.

Explorar a visão e opinião da coordenação e direção pedagógica a respeito da Educação Física para a Educação Infantil seria de grande valia, visto que os momentos de trabalho coletivo são disponibilizados e mediados por estas figuras importantes da comunidade escolar. Uma entrevista para discutir e debater a BNCC entre diretores e coordenadores também poderia enriquecer este estudo.

Visto que o atual Secretário da Educação de Macatuba/SP é um profissional de Educação Física da rede de ensino, uma entrevista com esta importante figura da gestão poderia ter agregado grande conhecimento para o entendimento em nível de exossistema.

7. Conclusão

Ao finalizar a jornada deste estudo foi possível concluir que o planejamento das aulas de Educação Física na Educação Infantil na cidade de Macatuba-SP vem sendo realizado de forma individual, embora os professores tenham demonstrado ciência e necessidade de discussões coletivas sobre esta temática. Apesar desta consciência também foi demonstrado que existem dificuldades de oportunidade e engajamento para que haja estas discussões coletivas e o planejamento coletivo.

A falta do planejamento coletivo deve gerar microssistemas diferentes fruto da vivência de cada profissional, o que por um lado é importante e previsto esta individualização a partir das realidades dos ambientes, mas, por outro, é possível que haja vivências muito diferentes por escolares de uma mesma rede de ensino. Desta forma é interessante que os gestores gerem espaços para que isto ocorra de forma sistemática no ambiente educacional do município.

Foi observado a partir dos dados deste estudo que foram poucas as oportunidades criadas para que o planejamento ocorresse de maneira que não caracterizava continuidade do trabalho de discussão e realização deste. A TBDH explica que o desenvolvimento sobre o assunto fica dificultado em vista a quebra dos processos proximais, que necessitam de tempo ininterrupto para que haja evolução. A teoria também explica sobre a influência do macrosistema (decisões de superiores sobre as oportunidades de encontro de professores de uma mesma disciplina para discussões sobre o planejamento) sobre o microssistema (aula de Educação Física).

A compreensão dos professores de Educação Física a respeito da BNCC para a Educação Infantil é de que ela aborda a disciplina como um conteúdo interdisciplinar ou como um apêndice para objetivos e conteúdos de outras disciplinas. O que remete ao entendimento de que o movimento humano e a brincadeira ainda não são valorizados enquanto cultura e sim tomados como um meio para atingir outros objetivos de aprendizagem que não são próprios da Educação Física. Ressalta-se que esta visão crítica dos professores é fundamental para que na prática esta perspectiva seja desconstruída e contribua para mudança das propostas em vigor.

Embora tenham sido feitas críticas à Base, os professores afirmam que a tomam como um guia inicial. Porém, os objetivos são definidos a partir de seus próprios conhecimentos e experiências adquiridas na formação inicial, de modo que conteúdos e estratégias tenham variação a depender da visão de cada professor.

Este desacordo em relação aos objetivos e conteúdo da Educação Física para a Educação Infantil causa o sentimento de que falta uma liderança positiva que guie este planejamento e/ou os estudos sobre o mesmo para que sigam por uma mesma direção. Os professores parecem estar perdidos e cada um segue pela direção que mais lhe faz sentido. Este fato pode ser decorrente da não especificação da Educação Física para a Educação Infantil pelo atual documento norteador da Educação Básica, a BNCC.

Os referenciais mais estudados durante a formação inicial dos professores ainda influenciam em muito a atuação profissional. A não utilização de abordagens mais recentes é explicada pela TBDH por estas novas intervenções na profissão destes professores não tenham se configurado como atividades molares, que necessitam de tempo e significado para desenvolver mudanças no indivíduo.

Com relação às dificuldades de aplicação das aulas, a dificuldade maior para os professores de Educação Física da Educação Infantil de Macatuba-SP ainda é a estrutura inadequada para as aulas o que inviabiliza em muitas situações desenvolver conteúdos e atingir os objetivos propostos.

Apesar dos entraves, é importante ressaltar que o município de Macatuba/SP se encontra à frente de muitos outros, uma vez que conta com o professor de Educação Física especialista para a Educação Infantil, o que não é realidade em muitos municípios brasileiros.

Nesta perspectiva e como continuidade nos estudos futuros é fundamental que seja analisado como as aulas vêm ocorrendo na prática no chão da escola, quer seja baseado nas diretrizes na BNCC ou mesmo na prática dos profissionais nas diferentes unidades de ensino da cidade. Assim será possível verificar se o microssistema “aula de Educação Física na Educação infantil” tem gerado vivências significativas e com persistência temporal influenciando o desenvolvimento humano. Portanto, a temática planejamento deve persistir no foco de estudos nesta área e deve ocorrer sistematicamente a formação continuada dos profissionais que atuam na Educação Física na Educação Infantil.

8. Referências Bibliográficas

- ALVARADO-PRADA, L. E.; FREITAS, T. C.; FREITAS, C. A. Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. **Revista Diálogo Educacional [on-line]**, v. 10, n. 30, p. 367-387, 2010. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v10n30/v10n30a09.pdf>. Acesso em: 30 maio 2024.
- ALVES, Z. M. M. B.; SILVA, M. H. G. F. D. da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia, FFCLRP - USP**, Ribeirão Preto, v. 2, p. 61-69, fev./jul. 1992.
- ARANTES, A. C. A história da Educação Física escolar no Brasil. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 13, n. 124, set. 2008.
- ASSIS, D. C. M. de; MOREIRA, L. V. de C.; FORNASIER, R. C. Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner: a influência dos processos proximais no desenvolvimento social das crianças. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10, p. e582101019263, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19263>. Acesso em: 30 maio 2024.
- AYOUB, E. Reflexões sobre a Educação Física na Educação Infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl. 4, p. 53-60, 2001.
- _____. Narrando experiências com a Educação Física na Educação infantil. **Revista Brasileira Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 143-158, mai. 2005.
- BASEI, A. P. A Educação Física na Educação Infantil: a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança. **Revista Iberoamericana de Educación**, Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI), v. 47/3, out. 2008.
- BATAGINI, D. G. F.; VENDITTI JÚNIOR, R.; PRADO JR., M.V do. **Estágio Curricular Supervisionado, Teoria Bioecológica e Formação Profissional em Educação Física Adaptada: reflexões e perspectivas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 305p.
- BATAGINI, D. G. F. **Estágio curricular supervisionado em atividade física para pessoas com deficiência e formação profissional: um estudo de caso na UNESP Bauru**. 2020. Dissertação (mestrado), UNESP, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2020.
- BATISTA, E. H. de M., AMORIM, A. R. de. A importância das brincadeiras folclóricas na Educação Física Infantil. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 3, p. 33-41, 2007.
- BELTRAMI, D. M. Dos fins da Educação Física escolar. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 27-33, 2º sem. 2001.
- BENETTI, I. C. *et al.* Fundamentos da Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Pensando Psicologia**, v.9, n.16, 15 dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.ucc.edu.co/index.php/pe/article/view/620>. Acesso em: 26 jun. 2022.

BERTINI JUNIOR, N., TASSONI, E. C. M. A Educação Física, o docente e a escola: concepções e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**, São Paulo. v. 27, n. 3, p. 467-483, jul./set. 2013.

BERSCH, Â. A. S.; YUNES, M. A. M.; MOLON, S. I. Psicomotricidade relacional sob a ótica de conceitos teóricos de Vygotsky e Bronfenbrenner. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 29, n. 60, p. 308-321, out./dez. 2020.

BETTI, M. Educação Física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 207-217, 2º sem. 2007.

_____. A versão final da Base Nacional Comum Curricular da Educação Física (Ensino Fundamental): menos virtudes, os mesmos defeitos. **Revista Brasileira Educação Física Escolar. Ano IV**, v. 1, p. 155-175, jul. 2018.

_____. A cebola dos conteúdos da Educação Física. 2020.

BHERING, E.; SARKIS, A. Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner: implicações para as pesquisas na área da Educação Infantil. **Revista Horizontes**, v. 27, n. 2, p. 7-20, jul./dez. 2009.

BORGES, M. C., AQUINO, O. F., PUENTES, R. V. Formação de professores no Brasil: história, políticas e perspectivas. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.42, p. 94-112, jun. 2011.

BOSSLE, F. Planejamento de ensino na Educação Física: Uma contribuição ao coletivo docente. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 31-39, jan./abr. 2002.

BOSSLE, F. **O “eu do nós”**: o professor de Educação Física e a construção do trabalho coletivo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. 2008. 342 f. Tese de Doutorado (Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional nº 9.394/96**. Brasília: MEC/FAE, 1996. 63 p.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Básica**, Brasília: MEC/SEB, 1998a.

_____. **Referencial curricular para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 1998b.

_____. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017.

BRONFENBRENNER, U. Developmental ecology through space and time: a future perspective. In: MOEN, P.; ELDER Jr., G. H.; LÜSCHER, K. **Examining lives in context**:

Perspectives on the ecology of human development. American Psychological Association, 1995. p. 619-647.

_____. Making human beings human: bioecological perspectives on human development. Sage Publications. 2005.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados.** Porto Alegre: Artes Médicas, v. 80, 1996.

_____. The bioecological model of human development. *In*: DAMON, W.; LERNER, R. M. **Handbook of child psychology: Theoretical models of human development.** (pp. 793–828). New York: Wiley, 2006. p 793-828.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta.** Campinas/SP: Papirus, 2016. 228 p.

CAVALARO, A. G.; MULLER, V. R. Educação Física na Educação Infantil: uma realidade almejada. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 34, p. 241-250, 2009.

CHIOCCA, B., FAVRETTO, L. H., FAVRETTO, J. Escolha profissional: fatores que levam a cursar uma segunda graduação. *Revista de Carreiras e Pessoas*, São Paulo. v. 6, n. 1, p. 20-34, jan./abr. 2016.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 2018.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, B. V. da. **A manifestação dos saberes docentes na prática pedagógica de professores de Educação Física iniciantes e experientes.** 2010, 177 f. Dissertação de mestrado. UNESP, Rio Claro. 2010.

DAÓLIO, J. A antropologia social e a educação física: possibilidades de encontro. *In*: CARVALHO, Y. M. de; RUBIO, K. **Educação física e ciências humanas.** São Paulo: Hucitec, 2001. p. 27-38.

DARIDO, S. C. A Avaliação da educação física na escola. *In*: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA; UNIVERSIDADE VIRTUAL DO ESTADO DE SÃO PAULO; DARIRO, S. C. **Caderno de formação de professores didática geral.** São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 16, 2012. p. 127-140.

_____. Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar. *In*: ALBUQUERQUE, D. I. D. P.; DEL-MASSO, M. C. S. **Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF.** São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 1, 2019. p. 28-45.

DELL-MASSO, M. C. S.; COTTA, M. A. D. C.; SANTOS, M. A. P. Problemas de pesquisa e questões de plágio. **Trata-se do texto 3 da disciplina 2 do curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF).** Acesso restrito, São Paulo: AVA Moodle Unesp [Eduotec], 2018.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa Qualitativa em Educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

FALKENBACH, A. P.; DREXLER, G.; WERLE, V. Investigando a ação pedagógica da Educação Física na Educação Infantil. **Revista Movimento**, Escola de Educação Física – Rio Grande do sul, v. 12, n. 1, p. 81-103, jan./abr. 2006.

FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLES, F. J. **A escola e a Educação Física em sociedades democráticas e republicanas**. 2020. Dissertação de mestrado (Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF), Ijuí-RS, 2020.

FERREIRA, A. A. *et al.* Importância da afetividade no acolhimento das crianças: um olhar especial pós-pandemia. **ARANDU-UTIC – Revista Científica Internacional**, v. 9, n. 1, p. 285-300, 2022.

FREIRE, D. G.; VENDITTI JÚNIOR, R.; PRADO Jr., M. V. **Estágio Curricular Supervisionado, Teoria Bioecológica e Formação Profissional em Educação Física Adaptada: Reflexões e Perspectivas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 307 p.

GATTI, B. A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. Impactos da pandemia. **Estudos Avançados**, v. 34, p. 29-41, set./dez. 2020.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GOMES, L. C. P. **Educação Física na Educação Infantil: experiências de professores na elaboração do currículo**. 2020. 292 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF), Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru, 2020.

GOMES, M. H. **A indisciplina nas aulas de Educação Física**. 2012. Trabalho de conclusão de curso, Universidade de Brasília, Porto Velho/RO, 2012

GONÇALVES, J. A. Desenvolvimento profissional e carreira docente: fases da carreira, currículo e supervisão. **Sísifo/Revista de Ciências da Educação**. n. 8, p.23-36, jan./abr. 2009.

GONÇALVES, M. S. D. O. **Educação Física na Educação Infantil: uma proposta de planejamento na perspectiva do movimento humano**. 2020. 50 f. Dissertação de mestrado.(Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF), Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ, Ijuí, 2020.

GONZÁLEZ, F. J. Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. *In: ALBUQUERQUE, D. I. de P.; DEL-MASSO, M. C. C. Desafios da Educação Física*

Escolar: temáticas da formação em serviço do ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 130-148.

GORDO, M. do E. S. C.; FURTADO, R. S.; NEWAR, C. L. M. Dimensão procedimental na avaliação da aprendizagem em Educação Física escolar. **Revista Exitus**, Santarém/PA. v. 11, p. 1-25, 2021.

GUIRRA, F. J. S.; PRODÓCIMO, E. Trabalho corporal na Educação Infantil: quem deve realizá-lo? **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 708-713, jul./set. 2010.

HÄRKÖNEN, U. The Brofenbrenner ecological systems theory of human development. **Scientific Articles of V Internactional Conference PERSON.COLOR.NATURE.MUSIC**, Daugavpils University, Saule. Latvia, out. 2007.

HERNANDEZ-GARCIA, E.M. **Educação Física nos anos iniciais na rede municipal de educação de São José do Rio Preto – SP: sob a perspectiva dos atores da educação.** 2023. 126 f. Dissertação de mestrado (Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF), Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru, 2023.

HENRIQUE, J. *et al.* Perfil de formação continuada e necessidades de formação de professores de Educação Física. *In: XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte.* 2011, Porto Alegre. Anais de congresso.

IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. Educação Física como componente curricular da Educação Básica: aspectos legais. *In: ALBUQUERQUE, D. I. D. P.; DEL-MASSO, M. C. S. Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço do PROEF.* UNESP: Cultura Acadêmica, 2016. p. 14 - 27.

JANUÁRIO, C. O planejamento de jovens professores de Educação Física. *In: CATUNDA, R., MARQUES, A. Educação física escolar: referenciais para o ensino de qualidade.* Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2017. p. 109-118.

JANUÁRIO, C. *et al.* Desenvolvimento profissional: a percepção da importância da formação contínua e das necessidades de formação em professores de Educação Física. **Revista Digital – Buenos Aires.** v. 14, n. 135. Ago. 2009.

JESUS, R. M. de; LEMPKE, N. N. S. Manifestações emocionais das crianças na Educação Infantil. **SynThesis Revista Digital FAPAM**, Pará de Minas, v.6, n.6, p. 309-325, dez. 2015.

LACERDA, C. G de; COSTA, M. B. da. Educação Física na Educação Infantil e o currículo da formação inicial. **Revista Brasileira Ciência e Esporte.** Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 327-341, abr./jun. 2012.

LANE, S. T. M. Usos e abusos do conceito de representações sociais. *In: SPINK, M. J. O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social.* São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 46-57.

LIBÂNEO, J. C. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.

LOPES, A. T.; SILVA, G. B. As contribuições da Educação Física no desenvolvimento da criança no Ensino Infantil. *In*: GRILLO, R. D. M.; SWERTS, M. M. **Educação Física e Ciências do Esporte [recurso eletrônico]**: Uma Abordagem Interdisciplinar. ed. 1. Guarujá: Científica Digital, v. 1, 2020. p. 109-123.

MAGALHÃES, J. S.; KOBAL, M. C.; GODOY, R. P. D. Educação Física na Educação Infantil: uma parceria necessária. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Campinas, v. 6, n. 3, p. 43-52, 2007.

MALAGI, R. D. C. **A implementação do especialista em Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental**: A realidade de três cidades do interior paulista. 2023. 89 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF), Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru, 2023.

MANCHUR, J.; SURIANI, A. L. A.; CUNHA, M. C. D. A contribuição de projetos de extensão na formação profissional de graduandos de licenciaturas. **Revista Conexão EUPG**, Ponta Grossa, v. 9, n. 2, p. 334-341, jul./dez. 2013.

MANUEL, S. V. E. C. **Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana?** Campinas/SP: Papyrus, Coleção Corpo e Motricidade, 1989.

MARTINS, R. L. D. R., TOSTES, L. F., MELLO, A. da S. Educação Infantil e formação docente: análise das ementas e bibliografias de disciplinas dos cursos de Educação Física. *Movimento – Revista de Educação Física da UFRGS*, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 705-720, jul./set. 2018.

MASSAMBANI, P. **Educação Física Escolar: interesse dos estudantes com a mudança de ambiente em uma disciplina eletiva**. 2020. 178 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF), Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru, 2020.

MELLO, A. D. S. *et al.* A Educação Infantil na Base Nacional Comum Curricular: pressupostos e interfaces com a Educação Física. **Revista Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 130-149, set. 2016.

MENDES, C. C. T. **HTPC: hora de trabalho perdida coletivamente?** 2008, 113 f. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente/SP, 2008.

MOREIRA, E. C. Pensando e planejando a Educação Física escolar *In*: **III Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte**, 2008.

MORORÓ, L. P. A Influência da Formação Continuada na Prática Docente. **Revista Educação & Formação**. Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 36-51, jan./abr. 2017.

MINAYO, M. C. D. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 14^a. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

MOURA, D. L.; COSTA, K. R. N.; ANTUNES, M. M. Educação Física e Educação Infantil: uma análise em seis periódicos nacionais. **Revista Pensar a prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, jan./mar. 2016.

NEIRA, M. G. Entrevista com Marcos Neira sobre o papel da Educação Física nas escolas [Entrevista concedida Rodrigo Ratier]. **Revista Nova Escola**, n. 224, Agosto 2009.

_____. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista brasileira de Ciência do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 215-223, 2018.

NUNES, A. P. *et al.* O uso das telas e tecnologias pela população infanto-juvenil: revisão bibliográfica sobre o impacto no desenvolvimento global de crianças e adolescentes. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 6, n. 5, p. 19926-19939, set./out. 2023.

OLIVEIRA, V. M. de. *et al.* A estrutura curricular da formação inicial em Educação Física no estado do Paraná: uma análise a partir de instituições públicas e privadas. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 6, p. e24963417, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3417>. Acesso em: 30 maio. 2024.

PERRENOUD, P. *et al.* **Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

PRADO JR, M. V. do. **A prática da Educação Motora na Primeira Série Escolar à Luz da Teoria Ecológica do Desenvolvimento**. 2001. 149 f. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, 2001.

PRANDINA, M. Z.; SANTOS, M. de L. dos A Educação Física escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área. **Revista Horizontes**, Dourados/MS, v. 4, n. 8, jul./dez. 2016.

QUADROS, Z. de F. *et al.* Prática educativa de professores de Educação Física no início da docência. **Revista Educação & Linguagem**, v.18, n. 1, p. 21-40, jan./jun. 2015.

QUARANTA, S. C.; FRANCO, M. A. do R. S.; BETTI, M. Ensino da Educação Física na Educação Infantil: dificuldades e possibilidades. **Dossiê temático: Esporte, Lazer e Educação**, v. 12, n. 23, set./dez. 2016.

RANGEL-BETTI, I. C. **O prazer em aulas de Educação Física escolar: a perspectiva discente**. 1992. 101 f. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, 1992.

SÁ, G. R. de, FARIAS, H. P. S. de Os impactos na saúde mental infantil em idade escolar durante a pandemia COVID-19. *In*: GUIMARÃES, A. L. **Saúde e tecnologias educacionais: dilemas e desafios de um futuro presente**. Rio de Janeiro: Editora Eritaya, 2021. p. 28-45.

SANT'ANNA, F. M. E COLABORADORES. **Planejamento de ensino e avaliação**. 11. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1998.

SANTOS, C. C. dos; BARROS, J. F. Efeitos do uso das novas tecnologias da informação e comunicação para o desenvolvimento emocional infantil: uma compreensão psicanalítica. **Psicologia.pt**, 2018.

SÃO PAULO. **Currículo Paulista, SEDUC/Undime SP**. São Paulo: SEDUC/SP, 2019.

SAVIANI, D. Sobre a natureza e especificidade da Educação. **Em aberto**, Brasília, v. 3, n. 22, jul/ago 1984.

SCHERER, A. **O desafio da mudança a formação inicial de professores: o estágio curricular no curso de licenciatura em Educação Física**. 2008. 211 f. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

SILVA, E. C. Educação Física: planejando o trabalho docente. *In*: ALBUQUERQUE, D. I. D. P.; DEL-MASSO, M. C. S. **Desafios da Educação Física Escolar**: temáticas da formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 46-64.

SILVA, T. C. F. V. da; VIANNA, J. A. Efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento motor infantil e no rendimento escolar: revisão integrativa. **Cuadernos de educación y desarrollo**, v. 15, n. 12, p. 17223-17238, 2023.

SILVEIRA, J. Reflexões sobre a presença da Educação Física na primeira etapa da Educação Básica. **Revista Motrivivência**, v. 27, n. 45, p. 13-27, set. 2015.

SILVESTRE, C. G. N. A importância das brincadeiras na Educação Infantil. 2012. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SILVESTRE, M. J.; FIALHO, I.; SARAGOÇA, J. Da palavra à construção de conhecimento: meta-avaliação de um guião de entrevista semi-estruturada. **III Congresso Ibero-americano en Investigación Cualitativa**. Évora, Portugal: Nova Universidade de Évora. 2014. p. 321-325.

SIMÃO, M. B. Educação Física na Educação Infantil: refletindo sobre a "hora da Educação Física". **Revista Motrivivência**, v.17, n. 25, p. 163-172, dez. 2005.

SPESSATO, B. C. *et al.* Educação Infantil e intervenção motora: um olhar a partir da teoria bioecológica de Bronfenbrenner. **Revista Movimento**, Porto Alegre/RS, v. 15, n. 4, p. 147-173, out./dez. 2009.

SUZINI, E. R. **Papel do Professor de Educação Física no Desenvolvimento Motor de Escolares da Educação Infantil**. 2020. 57 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF), Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

TANUS GALVÃO, A. C.; BRASIL, I. Desafios do ensino na Educação Infantil: perspectiva de professores. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 1, p. 73-83, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

TULLIO, M. I.; MACIEL, M. E. Planejamento nas aulas de Educação Física Escolas. **Faculdade de Sant'Ana em Revista**, Ponta Grossa, v. 4, p. 166-181, 2º Sem. 2020. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/index> Acesso: 31 maio 2024.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Planejamento**: plano de ensino-aprendizagem: elementos metodológicos para elaboração e realização. São Paulo: Libertad, 2000.

VITORINO, M. **Minha escola não tem quadra**: Problemáticas e possibilidades, diante à falta de espaço físico adequado. Dissertação de mestrado (Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional ProEF), Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru, 2023.

YUNES, M. A. M.; JULIANO, M. C. A Bioecologia do desenvolvimento humano e suas interfaces com Educação Ambiental. **Cadernos de Educação**. Pelotas v. 37, p. 347-379. set./dez. 2010.

9. Apêndices

9.1 Apêndice 1 – TCLE

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por meio desse termo de consentimento, você está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada “EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AFINAL, O QUE SE DEVE ENSINAR?”, coordenada e conduzida pela pesquisadora responsável Vivian Húngaro Costa, aluna mestranda do programa PROEF – Mestrado Profissional em Rede em Educação Física sob a orientação do Professor Dr. Milton Vieira do Prado Júnior.

A realização desse estudo tem como objetivo geral **investigar a partir da visão dos profissionais de Educação Física de como realizam seu planejamento a partir dos documentos oficiais que definem os objetivos e estratégias de ensino para as crianças do Ensino Infantil no município de Macatuba/SP, como objetivos específicos esta pesquisa visa analisar como é realizado o planejamento de professores de Educação Física na etapa Infantil que atuam na rede municipal de ensino de Macatuba/SP, seus referenciais nacionais, estaduais e municipal na definição de objetivos e estratégias de ensino e identificar se os professores encontram dificuldades sobre o planejamento e aplicação das aulas da Educação Física na Educação Infantil.**

Pretende-se com isso, que sejam levantadas informações pertinentes e relevantes que possam auxiliar e orientar os professores que atuam nesse nível de ensino na elaboração de seu planejamento cotidiano de Educação Física para a Educação Infantil.

Caso você autorizar a sua participação neste estudo através de uma entrevista semiestruturada de forma presencial. As entrevistas serão gravadas para que o pesquisador possa, posteriormente, transcrevê-las. Pode-se ainda solicitar aos professores participantes do estudo uma cópia do planejamento do bimestre corrente para que sirva de base para as questões norteadoras da entrevista. A sua participação é voluntária e somente participará da pesquisa se concordar mediante a assinatura deste termo.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Entendo que nenhuma compensação será oferecida em decorrência da minha participação e que minha assinatura neste documento, por livre e espontânea vontade, representa a concordância para atuar como sujeito no estudo proposto com a liberdade para interromper a participação em qualquer fase do estudo e no

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



caso haja, serão ressarcidos. Confirmando que, após entender todas as informações **Dados do participante**, aceito participar como voluntário e autorizo a publicação dos resultados e sua apresentação em eventos científicos, aulas, sem que meu nome Eu, venha a público.

RG nº _____ Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será estabelecido em duas vias, ficando uma na Faculdade e a outra com o participante, o qual poderá ser consultado a qualquer momento. O participante declara que não possui nenhuma condição que possa interferir em sua participação voluntária na pesquisa.

Título do Projeto: EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AFINAL, O QUE SE DEVE ENSINAR?

Pesquisador Responsável: aluna mestranda Vivian Húngaro Costa

Instituição: Departamento de Educação Física – Faculdade de Ciências UNESP - Bauru, Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 – Vargem Limpa - Telefone: (14) 3103-6082 / ramal: 9606 e (14) 98166-5093. E-mail: hungaro.costa@unesp.br .

Caso queira apresentar reclamações em relação a sua participação na pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da UNESP/Bauru. Fone: (14) 3103-9400 E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br.

Assinatura da Pesquisadora Responsável
Aluna mestranda Vivian Húngaro Costa



9.2 Apêndice 2 – Assinatura TCLE Professor 1

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Dados do participante:

Eu, [REDACTED] RG nº [REDACTED] confirmo que li e compreendi este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e consinto em participar voluntariamente da pesquisa.

Bauru, 04 de Janeiro de 2024

Livia C.P. Gomes

Assinatura do participante

Vivian H. Costa

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Aluna mestranda Vivian Húngaro Costa





Termo de Anuência para Pesquisa

Secretaria Municipal de Educação de Macatuba

Eu, Adriano Aparecido Queiroz, atual Secretário da Educação do Município de Macatuba/SP, declaro para os devidos fins estar de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "Educação Física e Educação Infantil" sob responsabilidade do Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Júnior e sua orientanda Prof. Vívian Húngaro Costa, com o objetivo de investigar a partir da visão dos profissionais de Educação Física de como realizam seu planejamento a partir dos documentos oficiais que definem os objetivos e estratégias de ensino para as crianças do Ensino Infantil no município de Macatuba/SP.

Assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada nesta instituição. Declaramos conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 466/12 do CNS. Informamos que para ter acesso a instituição e iniciar a coleta de dados fica condicionada a apresentação da Certidão de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e o Parecer Consubstanciado devidamente credenciado junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Atenciosamente,



Adriano Aparecido Queiroz
Secretário da Educação de Macatuba/SP

9.6 Apêndice 6 – Roteiro orientador

Roteiro orientador de entrevista

Formação e histórico do professor:

- Em qual ano se formou na graduação de Educação Física?
- Sua graduação foi em licenciatura ou licenciatura plena?
- Em qual instituição se formou em Educação Física?
- Possui outra graduação? Qual?
- Possui pós-graduação? Em qual instituição realizou? Em qual ano concluiu?
- Há quanto tempo trabalha com Educação Física escolar?
- O que te levou a trabalhar com a Educação Física na escola?
- Há quanto tempo trabalha com a Educação Infantil?
- O que te levou a trabalhar com a Educação Infantil?

Planejamento de aulas:

- Em sua opinião, qual a importância do planejamento para atingir os objetivos da área e organização das atividades semanais e bimestrais?
- Você conhece os referenciais sobre a Educação Infantil? Qual sua opinião sobre eles para a área da Educação Física?
- Quais os referenciais utilizados para a programação dos conteúdos? (livros de editoras, apostilas, referenciais, BNCC, demais livros)
- O planejamento é realizado de forma individual ou coletiva?

Dificuldades encontradas na prática pedagógica:

- O planejamento do ano de 2023 foi efetivo?
- Do que foi planejado, o que realmente foi possível executar?
- Mudaria algo para 2024?
- Quais pontos acredita serem importantes de modificar?
- Dentre o que foi planejado, você tem condições (material e espaço adequado) de realizar o que foi proposto?
- Existe a proposta do município? É necessário reformular esta proposta?
- Como será o planejamento para o próximo ano?
- Teria alguma questão a acrescentar sobre a prática, dificuldades, angústias, etc?

9.7 Apêndice 7 – Entrevista Professor 1

Pesquisadora: Agora vai. Bom, boa tarde! Já que agora é mais formal.

Professor 1: Boa tarde.

Pesquisadora: ***** , meu trabalho ele é sobre o planejamento da Educação Física na Educação Infantil. A minha indagação maior é que desses anos todos né que eu tô em Macatuba, junto com Jaú já faz quase 13 anos, E a minha maior preocupação é: eu não sei direito o que trabalhar na educação infantil né, fica meio perdido. Eu tenho que dar assistência professor de sala de aula? Ou eu tenho conteúdo próprio da educação física? Então aí fica meio perdido sobre isso e aí eu queria ver se os professores que atuam nessa área também têm essa mesma dúvida que eu tenho. Certo? então para isso eu separei aqui uma entrevista com algumas perguntinhas pra gente conversar um pouco sobre o que tá acontecendo na área pessoal física na educação infantil. Está bom?

Professor 1: Ok, combinado.

Pesquisadora: Vamos lá! Na primeira parte para perguntar um pouquinho sua formação. Apesar de já te conhecer há um bom tempo, mas eu preciso perguntar por questão da entrevista mesmo né qual ano que você se formou em Educação Física?

Professor 1: bom eu sou da turma de 2006 da licenciatura na UNESP. Então eu me informei 2009, minha turma é integral, foi a primeira turma da mudança do currículo que passou de licenciatura plena somente para licenciatura né, por questões acho que de professores organização da UNESP eles optaram pela licenciatura após alguns anos também implementaram o bacharel, mas eu acabei me formando só em licenciatura na turma de 2009, que entrou em 2006 e se formou em 2009.

Pesquisadora: Você não tem o bacharelado né?

Professor 1: Não, não tem bacharelado depois de algum tempo eles até ofereceram né, quando abriu por análise de currículos dos alunos com as vagas remanescentes eu tentei, consegui para fazer o bacharel pra complementar aí a minha formação só que por conta de já estar trabalhando né, a minha carga horária a ser de 40 horas semanais e tinham as disciplinas do estágio que exigiam bastante tempo, eu acabei abrindo mão, só que depois de tipo uns 2 meses já acabei ingressando no mestrado né. Então assim, eu não complementei nessa parte por causa do bacharel mas aí eu fui pra uma área que acho que no momento seria mais proveitoso na minha carreira.

Pesquisadora: Fazia mais sentido né, naquele momento.

Professor 1: Sim até para tentar suprir algumas das dúvidas que eu também tinha para mim atuação. Depois de algum tempo que a gente começa a atuar a gente começa a questionar a nossa prática. Como você disse, eu também dou aula na Educação Infantil, então apesar de considerar ter tido alguma boa formação a gente vê mesmo que dentro

da Educação Infantil a disciplina de Educação Física ainda é uma lacuna muito grande. Os estudos ainda são escassos né, tudo voltado para essa área ainda está começando desenvolver e você está do lado na realidade você começa a questionar se aquilo que você está fazendo está trazendo benefício ou se está dentro do esperado para disciplina nesse nível de atuação.

Pesquisadora: Sim. Então da pós graduação você tem um mestrado. Tem mais alguma outra pós-graduação que você fez?

Professor 1: Não. Eu só fiz mestrado mesmo, depois que eu me formei eu ingressei no ProEF também né. Foi uma avaliação teórica depois quem passou né, pela VUNESP, já ingressou ali no curso e eu fui a primeira turma do ProEF né, aqui da UNESP de Bauru, mas o ProEF ele abrange o território nacional todo.

Pesquisadora: Sim. Aí você acabou realizando aqui no polo de Bauru mesmo né? E qual foi o ano de conclusão mesmo?

Professor 1: olha, Vívian, deixa eu dar uma olhada aqui. por conta da pandemia também fiquei meio perdida, mas eu é... foi 2020. Porque a minha turma, a gente fez a prova, aí a gente por conta de cortes de verba demoraram para começar né então a gente ia começar, se eu não me engano demorou um ano além do esperado que a gente está começando comecei 2018 né, só que era para ter começado acho que em 2017.

Pesquisadora: Nossa, demorou.

Professor 1: É, no começo até eles tinham prometido a bolsa para todos os alunos que ingressaram, só que aí teve essas mudanças de governo, cortes de verbas e aí por fim aco que acabaram ficando bem reduzidas a quantidade de bolsas por polos.

Pesquisadora: É então... Deixa eu ver aqui que mais... E além de graduação além da educação física, você tem o magistério, não tem?

Professor 1: Tem. A minha formação no ensino médio né, antigo ensino médio, foi o CEFAM. Então antigamente né não era obrigatório ter um nível superior, é como se fosse um profissionalizante mas para atuar em escolas, não precisava ter a pedagogia. Eu não lembro se é a partir de 2006 que passaram a exigir a pedagogia tanto em concurso, nas escolas, então assim, mesmo os professores que já estavam, que só tinham o magistério tiveram que estar fazendo a pedagogia e pra atuar tinha que ter pedagogia então assim eu fiz só magistério e para mim acho que foi aí que surgiu esse interesse por escolas. Acabei voltando pra outra área ali, pra a parte do movimento e é onde me deu uma base muito boa também para essa atuação, porque aí eu cheguei na graduação meio que já sabendo como seria dar, a gente tinha muito, uma disciplina de estágio que durante 2

anos inteiros, então a gente já estava preparado lá para falar lá na frente para os alunos né, expôr os conteúdos ter um domínio assim de sala maior. Então acho que me ajudou bastante para graduação depois em educação física.

Pesquisadora: Ah, legal. E na educação física escolar, faz quanto tempo que você trabalha com essa área.

Professor 1: eu estou dando aula na educação física escolar desde 2011. Eu comecei atuando no município de Pederneiras na educação... no Ensino Fundamental, do primeiro ao quinto. Aí eu fiquei 1 ano... Nem um ano... É, um ano e 3 meses mais ou menos. Que eu comecei em 2011 aí nesse meio tempo também fui chamado no Estado, peguei umas aulas no Ensino Fundamental 2, do sexto ao nono, mas no estado eu fiquei somente 2 meses, eu exonerei porque é um nível de ensino que assim... é não gosto né, não é meu perfil. Adolescente eu vi que eu não me prende.

Pesquisadora: Não se identificou?

Professor 1: Não. Não me identifiquei com com a idade dos alunos ali, com adolescentes. No fundamental um primeiro ao quinto ainda é um nível que eu gosto de estar atuando. Aí eu fiquei Pederneiras até junho de 2012 quando eu passei em Macatuba que aí tinha educação infantil e eu por na graduação também já ter tido experiência com educação infantil né, de projetos, de tá dando aula pros pequeninhos, eu optei por ir para o município de Macatuba e eu estou lá desde então. De junho de 2012, julho de 2012 até agora.

Pesquisadora: tá legal. Mas com educação infantil você trabalhou desde Pederneiras?

Professor 1: não. Pederneiras ainda não tem educação física na educação infantil na rede municipal é só a parte do primeiro ano mesmo.

Pesquisadora: Então com a Educação Infantil você trabalha desde 2012?

Professor 1: Desde 2012. Vai fazer 11 anos esse ano? é isso né? É... 12 anos.

Pesquisadora: E o que que te levou a trabalhar com a educação física na escola? Você falou que lá no magistério já se identificou com essa parte pedagógica tudo, mas porque educação física na escola?

Professor 1: então como eu já tinha feito magistério, é o que eu falei para você, eu já tinha gostado dessa parte de escola por já estar inserido ali na prática mesmo escolar com o magistério, mas eu acabei indo para a educação física que é uma área que eu sempre gostei, eu sempre me exercitei bastante né, era uma disciplina que eu gostava na escola, embora minhas referências a gente tem sejam sempre as mesmas né, mais esportivista e ainda voltado para o que o professor gostava, no seu caso o professor só

gostava de basquete então era basquete o ano inteiro, todos os bimestres, sempre no mesmo modo ali né, mesma a metodologia, mas daí eu acabei optando pela educação física por gostar dessa área de movimento e pela escola porque também por sentir uma segurança assim, de já saber como a escola funcionava, por ter tido esses conhecimentos prévios por conta do magistério e por me identificar mesmo com a profissão dentro desse ambiente.

Pesquisadora: você chegou a praticar atletismo, não praticava?

Professor 1: Pratiquei. É assim, sempre minha mãe sempre me incentivou bastante desde pequena a praticar esporte. Quando era menorzinha o primeiro esporte que eu fiz foi natação, aí depois eu fui ginástica olímpica, mas foi bem pouquinho que aí já não tinha mais acho que tanta aptidão, os mais altos sofem mais né, eu sempre fui comprida, depois colocar a mobilidade desde pequeno (risos), então fiquei pouquinho, mais pra experimentação mesmo eu acabei fazendo né. Aí depois eu fui para o atletismo, no atletismo eu fiquei quase 3 anos aqui pela prefeitura de Bauru mesmo, praticava no estádio do noroeste. Tinha um professor que dava a segunda, quarta e sexta e aí eu ia, gostava da parte de corrida, de saltos né, me dediquei bastante aí por fim também por conta de corte prefeitura gastos, essas coisas, acabou que não tinha mais, aí eu fiz um tempo um projeto de vôlei na ITE que a instituição oferecia para as pessoas de fora, crianças, adolescentes, tinham 3 professores de vôlei e aí também você passava a tarde lá, eles davam lanche, ensinavam e tal, só que também por conta de cortes de custos eles tiraram e acho que é a última coisa que eu tentei fazer foi o basquete também pela prefeitura nesses ginásios que tem na prefeitura mesmo então assim sempre gostei mesmo da parte do esporte de movimento, isso daí deu um incentivo a continuar depois, né.

Pesquisadora: É, então isso você acha que teve influência para você escolher educação física no fim das contas?

Professor 1: Sim, teve influência sim. Porque além de tudo eu vi assim como com importante movimento na minha formação né. Teve assim tanto a parte de me aprofundar, aprofundar os conhecimentos sobre as modalidades aí, que no caso foram só esportes né, mas aprofundar o conhecimento sobre as modalidades esportivas teve uma importância no meu desenvolvimento físico, mas também ali no meu desenvolvimento global né, porque sempre foi muito tímida, então ali na hora que eu estava praticando o esporte a gente se socializa com várias pessoas né, aprende, convive. é se solta e

também da melhora das habilidades motoras e aptidões físicas, tudo né, no geral. Fica o desenvolvimento global.

Pesquisadora: E para você trabalhar com a Educação infantil, você acha que foi só essa influência do CEFAM, já tinha alguma influência maior ali, ou teve alguma outra experiência depois desse do magistério né, ou até na graduação de educação física que te levou a trabalhar com Educação Infantil?

Professor 1: Então, desde o magistério eu sempre gostei mais da educação infantil porque no magistério a gente fez estágio nas EMEIs que é de educação infantil e também no fundamental primeiro, na época era do primeiro ao quarto ano né, não era então o Ensino fundamental de nove anos. mas eu sempre gostei mais da Educação infantil, mas eu acho que o que me levou mais para essa área foi ter participado do projeto na graduação. Na graduação eu participei de um projeto do professor Milton que era educação física para crianças pré-escolares ainda na época né. e aí a gente ia 2 vezes por semana né, eu mais 2 meninas que estudavam comigo, duas vezes por semana a gente dava aula de educação física na escola dos filhos de funcionários e alunos da UNESP, o CCI. Então ali que a gente teve como se fosse a primeira experiência com a educação física mesmo na escola. Eu participei desse projeto durante 2 anos. então a gente elaborava as aulas, levava lá para aplicar com as crianças, aí a gente foi conhecendo, vendo assim né um nível de desenvolvimento de cada um de acordo com a idade, como que a gente teria que adequar as aulas baseado nisso, porque eu lembro que lá uns pequeninhos acho que a nossa aula era 15 minutos só, aí os maiorzinhos já ia aumentando o tempo por conta né do nível de desenvolvimento deles, de poder de atenção de estar participando ali com a gente. Então eu fiquei 2 anos participando desse projeto, eu acho que ele foi decisivo depois para quando eu fui escolher meu nível de atuação. a princípio foi o fundamental 1, como eu disse é um nível que eu gosto, mas o nível que eu tenho paixão assim, que eu adoro, que eu acho que eu vou melhor como professor, que eu consigo atender bem os alunos é na educação infantil mesmo, me identifico mais com ele.

Pesquisadora: Uma última pergunta aí sobre o CCI né. é você sentiu um baque muito grande, por exemplo: você comentou que antes os pequeninhos né, faixa etária de 2 anos? 2/3 anos?

Professor 1: era 3 aninhos abaixo né 2 para 3.

Pesquisadora: A carga horária era de 15 minutos da aula e aí acho que pra Macatuba é uma aula cheia né, 55 minutos?

Professor 1: 55 minutos, isso. Bom, já até no fundamental né, porque a primeira experiência que eu tive foi no fundamental. mas o grande baque é assim, lá no projeto as turmas eram bem pequenininhas né, reduzidas, eu não lembro, tinham turmas acho que com 6 alunos, 7 alunos, é às vezes menos, às vezes um pouquinho mais. E nós sempre estávamos em três né, para ministrtar as aulas. Nós íamos todas juntas por conta, até pra dar mais segurança né, de estar controlando ali de começo do que a gente fica mais inseguro: “ai meu Deus! Não sei como que eu vou fazer, como que eu faço com as crianças, será que elas vão me obedecer?” Então num grupo maior a gente se sente mais seguro, mas teve essa questão sim com relação a tempo e quando você começa, você fica: “Ah, meu Deus! o que que eu preciso fazer? quantas atividades eu que levar? será que eles vão dar conta de fazer? será que vai faltar coisa? Vão fazer muito rápido? Vão fazer devagar? Mas eu acho que isso faz parte também da da experiência do professor com o tempo a gente vai desenvolvendo essa maturidade de que levar, como fazer né, desenvolvendo a sua metodologia própria eu falo que o importante é tanto do CEFAM, é... dos estágios na verdade, tanto do CEFAM quanto na graduação é isso, porque a gente vai podendo partilhar das práticas de vários professores e dessa experiência a gente vai levando com a gente aquilo que a gente acha que dá certo né? as metodologias, os métodos que dão certo você vai replicando, você vai trazendo para você e aí também a sua prática você vai construindo meio que na tentativa em erros. você vai testando muita coisa, o que vai dando certo você mantém, o que vai dando errado você vai tentando adequar, descarta... “Ah, não tem jeito mesmo.” então a gente vai se baseando nisso, mas eu tive sim esse choque no começo por conta de tempo e por falta de estar sozinha ali, sentir, falar: “não. agora a responsabilidade é minha eu tenho esse tempo eu tenho que dar conta nesse tempo de fazer aquilo que está proposto né.”

Pesquisadora: é. e hoje que você já conhece seus alunos né, você já tem um tempo aí de 12 anos, quase, atuando com educação infantil, você já conhece seu público você por mais, por exemplo agora que vai entrar agora um novo ano, um maternal que é desconhecido, você já tem essa segurança maior porque você tem uma ideia do que as crianças vão desenvolvendo nesse tempo, assim é a sua experiência e pros próximos, para as próximas turminhas o conhecer o aluno né, porque esse planejamento sem conhecer as turmas é complicado.

Professor 1: sim. eu falo agora a gente já tem uma compreensão maior assim como os alunos vêm até a gente né. por mais que tenha as diferenças individuais a nível de desenvolvimento cognitivo, psicológico a gente já sabe que eles estão meio que alinhados

ali na mesma base né. Então você já sabe a parte. como partir né, que aí na hora que chega lá na realidade você convivendo com eles você vai conhecendo e aí vai adequando os conteúdos que são relativos à educação física às necessidades dos alunos. Então assim, a gente vê que tem alunos que chegam para a gente super estimulado em casa na parte motora na parte social, conversa, tudo que a gente propõe não apresenta dificuldade, como tem aquele aluno que foi isso super cuidado até chegar aquele momento na escola que não tem autonomia nem para ir no banheiro, para beber água, não sabe ali né nem abrir a calça na hora de sair... o tênis, o tênis a gente vê aqui hoje está uma dificuldade grande até primeiro segundo ano se eles não sabem amarrar ainda né.

Pesquisadora: Alguns não sabem nem colocar o tênis, né?

Professor 1: nem colocar. dependendo da brincadeira que eu falo para eles para tirar o tênis, eu falo depois vocês vão colocar sozinhos. já começam a chorar porque tem medo de que não sabe colocar o tênis. então assim você vê... e após pandemia tudo piorou muito a nível motor eu digo né. e na questão de segurança, eles estão muito inseguros, as habilidades motoras que eles chegavam assim dentro do o inicial esperado para o maternal, que a gente sabe que eles vão desenvolvendo até o final do da educação infantil, continuam ali no ensino fundamental, eles estão chegando aquém do que era esperado, então o nosso trabalho está sendo, está tendo que retomar muita coisa do que seria o esperado para a faixa etária para eles estarem podendo dar continuidade e a gente desenvolver os conteúdos que são realmente ali pro o nível de atuação né.

Pesquisadora: e aí teve que ter um novo olhar para o planejamento né, com relação principalmente nesse pós pandemia. A molecadinha veio totalmente diferente né, tanto não motor e na questão de atenção. Você sentiu alguma diferença?

Professor 1: No emocional. Eu vejo que assim eles querem muito, eu não sei se é por conta dessa geração da tela também, do celular, a gente vê que muitas das necessidades deles os pais eles acabam suprimindo com o celular. Então a criança está dando trabalho, está conversando, está bagunçando, dá o celular que eles ficam entretidos e param o quietos. Então eles em casa não conversam no convívio com a família, às vezes a família trabalha, não convive com outras pessoas, então chega na escola eu vejo que eles querem muita atenção da gente. Eles querem conversar, eles querem falar, eles querem contar... só que isso não é um só, são todos e é todos ao mesmo tempo. Então eu vejo que uma aula que antes rendia em questão de conteúdos... se for ver assim, eu planejava um conteúdo conseguia dar conta de tudo o que eu planejava numa aula, hoje às vezes

eu consigo fazer a metade, porque a metade do tempo a gente tem que estar ali disponibilizando atenção para conversar, para falar, o nível de carência está muito alto. E você sabe né, Vívian, a gente chega a ter alunos que se um vem com o tênis desamarrado e pele para gente amarrar, o que está do lado desamarra o tênis para poder pedir para gente amarrar também.

Pesquisadora: exatamente.

Professor 1: Está um nível de carência, de atenção, de abraçar... e isso até uma coisa que eu coloquei assim na minha cabeça né, eu falei assim ai a gente planeja tantas atividades, tal coisa para o dia e após a pandemia pandemia eu vi que a necessidade deles às vezes não era a quantidade de atividades que a gente está dando que vai levar um desenvolvimento ali do do conteúdo, do objetivo que eu quero, mas qual que é a necessidade do aluno novamente. Então assim, eu tenho uma parte para estar trabalhando né, de conteúdos referente àquilo né, os conhecimentos historicamente construídos dentro da educação física, relativos da cultura corporal que é o que a gente sabe né, que é o papel da escola fornecer o mínimo sobre esses conhecimentos para que o aluno tenha autonomia de estar buscando uma atividade fora da escola, pelo menos conhecer, estar usufruindo, desfrutando dessa atividade, seja assistindo, seja realizando. Só que aí o que que a gente vê no momento? Que eles estão num nível de carência muito grande então, a parte afetiva acaba que estão tomando meio tempo ali dos conteúdos que eu quero ensinar relativos né, à minha disciplina mas sabendo que tem essa parte também mais emocional a gente está... Ah! Conversando, acolhendo né, se sentindo incluído ali no meio também, se sentido amado... a parte atitudinal né. A gente sabe, os conteúdos tem as 3 partes: os conceitos né, relativos a história regras... O procedimento que na nossa área fica bem delimitada pela parte prática, pelo movimento mesmo. E as atitudes, a parte de socialização, de regras, respeito aos amigos, ao ambiente a gente vê que essa parte atitudinal está bem pareada com o procedimental né, na educação infantil, porque o conceitual a gente passa uma base mas por conta de nível de maturação, desenvolvimento deles, cognição, não fica batendo em cima disso.

Pesquisadora: é muito complicado nessa turminha né. Mas aí nessa questão entra a flexibilidade do planejamento né. Quando você fala, você tem o seu planejamento semanal ali que tá dentro dos conteúdos e aí você vê a necessidade da criança e isso varia de turma pra turma, de criança pra criança, como você mesmo falou né. E aí temos essa flexibilidade do planejamento né.

Professor 1: É, o planejamento seria para orientar nossas ações ali é pautadamente né, durante a semana, naquele dia, mas ele é totalmente flexível de acordo com a realidade ali do momento né, porque às vezes ocorre também algum passeio aí chega na hora você consegue dar nossa aula, ou acontece algum outro evento na escola, acontece alguma coisa na aula mesmo, algum aluno que vem, aí a gente pega reporta tudo deixa guardado para suprir aquela necessidade momentânea depois retoma.

Pesquisadora: então, mas é assim na sua opinião é qual que é a importância desse planejamento para os objetivos que você tem na educação física? por mais que ele seja flexível, qual sua opinião sobre a importância do planejamento?

Professor 1: não é que se você não tiver um planejamento você não consegue é organizar as suas ações de acordo com os objetivos. Igual você falou, tem dentro da prefeitura de um de Macatuba eles não entregaram para gente um currículo né que... não... a gente já tentou alguns anos está modificando esse currículo é, mas por fim acaba sempre que fica no meio porque ninguém tem coragem de tomar a frente ou quando a gente tenta tomar a frente parte de gestão não dá continuidade então por fim eu acabo seguindo aquele currículo mas fazendo as adequações que eu acho necessário para suprir as necessidades dos meus alunos. Uso ele ali como uma base né, somente. mas é isso é, nós temos os nossos objetivos então se você não tem um planejamento você não consegue organizar como que esses objetivos serão alcançados. Então eu faço o meu semanário né, a partir... por semana a gestão até cobra que a gente entrega, mas antes deles cobrarem eu já tinha um caderno que eu faço por bimestre, eu digito, deixo lá né 2 aulas por semana então no fim de cada semana eu estou planejando a aula da semana seguinte, porque aí também eu vejo que eu consegui dar conta, o que ficou para trás para estar retomando e aquilo que já foi suprido. Mas eu acho que é isso, o planejamento ele é um norteador das ações e as ações são pautadas nos objetivos de ensino que a gente tem. Os objetivos de ensino é isso que eu falei eu acho que eles deveriam estar mais especificados dentro desse currículo, que no nosso eu acho que está mais só os conteúdos a serem trabalhados, mas aí por fim cada professor, no caso assim eu acabo estabelecendo os objetivos que eu acho importante dentro dos conteúdos e também dentro da minha vivência, da minha visão de mundo e daquilo que eu quero formar como aluno né.

Pesquisadora: Pois é...

Professor 1: Porque é isso. Na verdade o currículo ele deveria ser construído por todos que estão envolvidos na gestão né no macro, no micro, no meso, todos os níveis só que a

gente vê que acaba ficando muito por conta dos professor. Então o professor dentro daquilo que ele acredita, dos valores que ele tem, das concepções de ensino que ele acredita, ele acaba organizando os objetivos que ele acha necessário para os alunos e organizando, estruturando essas ações a partir disso.

Pesquisadora: então assim é... pelas suas falas você demonstra bastante conhecimento né, dos documentos, referenciais para educação infantil e para educação física né. Inclusive o seu trabalho eu li e está referenciado no meu. Ele é muito rico sobre isso não é? Você estudou sobre o currículo e aí eu tenho uma questão aqui que é meio redundante, mas eu vou fazer o mesmo assim. Se você conhece os referenciais da educação infantil né, e o que que você pensa sobre eles? Por exemplo PCN, RCN...

Professor 1: Então, o RCCN eu tive mais contato e eu acho que eu estudei mais, porque foi bem na época do CEFAM, então foi a minha primeira... meu primeiro contato com o currículo assim né, nacional obrigatório. Então eu tenho ele muito enraizado até essa parte de dimensões do conteúdo né, os níveis, ele é tudo dentro do PCN do RCN. Depois agora a gente teve a BNCC, só que a BNCC não sei... Não tive um aprofundamento tão grande, não sei se é porque quando ela foi quando eu acabei a graduação ela estava terminando de ser elaborada, então eu peguei um pedacinho dela aí depois contato que eu tive mesmo foi só na escola e na escola o que a gente tem não é um estudo tão aprofundado né. Então assim eu eu acabo acho que pautando muito ainda mais no PCN e no RCN é visto que assim eles são documentos oficiais obrigatórios né, que norteiam os currículos das instituições do Brasil inteiro e a diferença maior que eu vejo entre eles é essa concepção de alunos né, cada um traz uma concepção do que eles pretendem, do aluno que eles pretendem formar. Então no fim eles só mudam algumas nomenclaturas ali dentro deles, algumas formas disponibilizar os conteúdos, os conhecimentos, mas eles trazem as concepções de alunos que eles querem. Mas acho que dentro da minha prática ainda por eu ter convivido mais por assim dizer eu acho que ainda trago muita coisa do PCN.

Pesquisadora: E aí sobre isso né, de você utilizar bastante o PCN, RCN para pautar as suas... seu planejamento, tem algum outro tipo de material né, livro, até o referencial do município QUE você comentou também. Quais desses você utiliza além do PCN e RCN?

Professor 1: O RCN a gente segue bastante, porque né ele é o vigente do momento, então assim a gente tenta também estar suprindo ali o que pede, embora ele não especifique também é a disciplina de educação física né na educação infantil. Ele traz as

áreas de conhecimento e a gente acaba ficando com “corpo, movimento, gesto”/”corpo, gestos e movimento” né.

Pesquisadora: *****, eu só vou corrigir que esse é a BNCC né.

Professor 1: Ah! É a BNCC! Isso mesmo, é a BNCC. Então a gente acaba usando ele né, um obrigatório primordial. Aí tem... E o PCN nessa parte das dimensões de conteúdo né, é nível de progressão conteúdos ao longo dos anos que segue, essa referência maior que eu trago.

Pesquisadora: Beleza. é e o planejamento...

Professor 1: eu também aqui... você falou desculpa... mas o município ele tem um sistema de ensino deles né, próprio que eles acabam contratando, que é do positivo já faz algum tempo. então assim eles mandam algumas apostilas para o professores então dependendo do nível na educação infantil eu dou uma olhada assim eu vejo, mas a gente já já consegue selecionar aquilo que dá certo que não dá só de estar lendo ali pelo... ou aquilo que precisa ser mudado só de ler né. Mas no fundamental, sei que não é o foco né da entrevista, mas assim ele traz uma sequência didática que eu acho até bem mais legal né, mais estruturad. Pra Educação Infantil eles deixam muito aberto por não ter essa obrigatoriedade assim na BNCC né, especificidade. Então eles não trazem essa parte é estruturada como ele estruturou no ensino fundamental para levar isso...

Pesquisadora: aí já dá para identificar né uma diferença do ensino fundamental para educação infantil né. Aí nesses documentos que você tem esse conhecimento, que você utiliza tudo, para você fica claro o que que você deve trabalhar na Educação infantil pra Educação Física?

Professor 1: Então, eu acho que por conta dos documentos nem tanto. Eu acho que foi mais essa clareza do que trabalhar acho que foi mais por conta do meu estudo próprio mesmo, sabe? De eu ter ido atrás, do que eu lembro da graduação, mas é o que eu falei para você o mestrado para mim foi um divisor de águas porque eu tive uma boa formação na graduação e a gente vê pelo nível dos professores que a gente convive, não é todo mundo que teve uma formação igual a nossa. Você também estudou na UNESP e você sabe. Então assim eu acho que eu saí com uma boa base sim, tanto é que eu comecei atuando na educação infantil já tinha aí uns conhecimentos pela experiência que tinha vivido né dentro da graduação, mas é o que eu te falei, depois de um tempo a gente fica muito dentro da escola a gente começa a questionar nossa prática e ainda mais que eu também não estudei, não fiz nenhuma pós depois disso né, fiquei parada um bom tempo. Então eu já não estava satisfeita com a minha prática no sentido de será que o que eu

estou fazendo realmente está trazendo algum ganho para o aluno? Porque a gente não tem referência. A gente não sabe assim é... “Ah, em Bauru eles fazem assim.” “Ah, em tal cidade eles fazem assim.” Bauru nem tem Educação Física na Educação infantil com professor especialista. a gente sabe que ela é obrigatória na educação básica, mas o professor polivalente ele pode estar desenvolvendo essa aula né por esta brecha na lei. então assim você não tem uma referência “nossa! será que eu estou fazendo certo? será que eu não estou...” então até aí a entrada do mestrado foi para entrar suprimindo esta dúvida, essa curiosidade minha: “será que eu estou fazendo certo? será que está dentro do que precisa ser feito mesmo? do adequado? e aí que a gente começa a ver também como que os estudos dentro da educação infantil ainda são escassos né, porque é uma dúvida geral então assim sobre o que ensinar e sempre tive essa ideia que eram conhecidos historicamente produzidos sobre o movimento, corpo, gesto né, que abrange a parte dos esportes, ginástica, brincadeiras, jogos, lutas... Isso eu sabia, mas eu não sabia assim como que eu trabalho isso na educação infantil? porque eles são diferentes do fundamental, eles são pequenininhos aí eu ficava assim: “nossa! E a parte conceitual. Como que eu trabalho a parte conceitual com uma criança de 3 anos né? E assim o modo de estruturar as minhas aulas eu sempre levo a partir das atividades, jogos e brincadeiras, aí eu ficava pensando assim: “Nossa... mas será que eu estou conseguindo fazer uma sequência didática?” né que a gente fica sem né... dar continuidade no assunto. então essas eram dúvidas que me levaram a buscar mais conhecimento para tentar melhorar a minha prática.

Pesquisadora: Você comentou sobre a BNCC e aquela parte do “corpo, gesto e movimentos”. e ao meu ver é o que mais se aproxima da Educação Física, mas quando você vai olhar lá nas habilidades é tem até um momento que ele fala das atividades manipulativas e lá ele fala sobre rasgar, folhear, essas coisas. E aí eu queria saber sua opinião sobre essa... como é que chama? Esse campo de experiência, o “corpo, gesto e movimento”. O que você acha dele para educação física?

Professor 1: Bom, eu acho que ele abrange algumas coisas que são para educação física sim, que estão dentro né dos objetivos da educação física para educação infantil, mas é ele ainda vê muito a educação física como suporte para aprendizagem de outras coisas que eles consideram mais importante para o desenvolvimento da leitura, da escrita, então assim como se a educação física fosse um apêndice né. É uma base para levar um aprendizado sobre algo que não é educação física. Então assim, ela está trabalhando nos conteúdos dela, mas ela vai estar desenvolvendo o que é importante

para depois um raciocínio da matemática só ou raciocínio da da língua portuguesa ou para ele está escrevendo no caderno ali direito a lateralidade. então assim como se a educação física servisse para algo, por um bem maior não um bem para ela mesmo.

Pesquisadora: Não um fim dela própria.

Professor 1: Isso. Então ela traz ali uma ajuda para desenvolver outras competências não necessariamente o importante é estar desenvolvendo aquilo que que é da educação física né.

Pesquisadora: *****, e o planejamento ele é realizado de forma individual ou coletiva? por exemplo assim, você trabalha em uma escola que tem mais de um professor de educação física, vocês fazem o planejamento em conjunto? Individual? o pessoal da rede toda em conjunto? como que é feito o planejamento?

Professor 1: O planejamento ele ocorre de forma individual mesmo nas escolas que têm mais de um professor de educação física cada um acaba planejando o seu. já teve épocas de a gente ter os HTPCs juntos, que era os horários de trabalho coletivo né, com todos os professores de educação física da rede só que assim o que eu percebo minha opinião é que assim não são todos os professores que estão afim de compartilhar as suas ideias e suas experiências por diversos motivos: Eu Acredito mais por insegurança de que suas práticas sejam criticadas ou também por falta de conhecimento ou também não sei se realizam as práticas que eles diz que realizam e por questão de ego também, porque tem gente que não quer compartilhar para que o outro não pegue uma experiência bem sucedida, replique e ainda sair com crédito. na realidade que eu estou eu vejo muito isso sabe, porque ainda a gente tentava, tipo de 7 professores, 3 só conversavam sobre o grupo o resto ficava tudo quieto, só olhando parado, não falava nada, não dava sugestão... então assim, é uma pena, porque é um trabalho que poderia ser esquecedor para ver essa troca de experiências... uma coisinha que a gente não pensou, outro vem e traz uma ideia maior para um bem para todos ali né, para os alunos, acaba não sendo realizado. Então eu faço o meu trabalho, às vezes alguma dúvida a gente pega, acaba compartilhando com um professor que a gente sabe que é mais aberto, que conversa, mas eu acho que com os professores específicos é mais difícil. É mais fácil você ainda conseguir o apoio de um professores de sala, pedagogos. às vezes as dúvidas aí ou na forma de tratar. Não o conhecimento específico, mas em relação ao aluno ali é mais fácil a gente encontrar o apoio no professor de sala do que com os professores específicos mesmo.

Pesquisadora: Complicado né. Uma coisa que poderia ser muito maior acaba que não cresce.

Professor 1: e a gestão também não favorece. Eu falo assim, nesse ano, nesse período, nessa gestão que a gente está ultimamente a gente vê que assim como tudo depende mesmo da concepção de ensino e de política né. O que cada um pensa que é a educação, como que deve ser a educação, é a maneira de fazer, o que é importante. então acaba entrando em conflito muito grande, porque aí tem o diretor que não concorda com o seu tipo, com o seu tipo de... O seu jeito de pensar, aí você vai ver mais para frente o secretário da educação também tem a mesma visão, a coordenação, que são cargos de confiança, então assim, eles acabam fazendo o que o gestor maior manda. então essas partes acabam interferindo. a gente tenta fazer com que isso não interfira nas aulas dos alunos, mas é difícil.

Pesquisadora: Mas é uma decisão maior que vai acabar interferindo ali naquele microciclo né, naquela aula final.

Professor 1: Sim, porque a gente vê que por mais que a gente pensa, a gente tente dialogar, tem hora que a gente não é ouvido né. Então por fim é o que eu falei para você demanda muito da visão do professor, porque aí é a professor mesmo que na hora vai estar colocando em prática ali todo esse planejamento, esses objetivos né. E dependemos de como que é a gestão, se não está articulado todo mundo para o mesmo objetivo acaba ficando meio que uma Andorinha ali só não faz verão.

Pesquisadora: Isso é... *****, sobre o ano de 2023, o ano que passou com o planejamento que você teve, você acha que foi efetivo?

Professor 1: olha, Vívian, eu acho que assim dentro dos conteúdos de educação física eu acho que eu poderia... poderia ter sido mais efetivo, mas é pelo que eu te falei, por conta de da gente estar tendo que adequar as aulas a necessidade do momento né, por conta de espaço, porque a gente nem sempre tem... na educação infantil é muito difícil ter um espaço adequado para a prática de educação física, são poucas as escolas né. então assim também a gente depende muito do tempo, se está chovendo, se não está, se está sol, se está limpando, para conseguir fazer a as aulas num lugar certinho, na Quadra mesmo né, em um lugar que tenha cobertura. Tem lugar que nem isso tem. Então assim, a gente faz até acho que O Impossível dentro das condições que a gente tem, mas a gente sempre acha que pode fazer melhor né. Eu acho que poderia ter conseguido realizar mais coisas durante o ano, mas ficou aquém eu acho.

Pesquisadora: E assim, você comentou escolas no plural né, você dá aula em mais de uma escola, essas escolas são só de educação infantil, infantil e fundamental?

Professor 1: sim. então como o município ele é pequeno né as escolas são pequenas e a minha carga horária é de 40 horas semanais, então eu tenho que ter 13 salas. então uma das escolas que eu dou aula é creche que eu só tem 2 salas, a outra escola é EMEI, tem 4 de manhã, salas de manhã e 3 à tarde. e na outra é Educação... No fundamental que eu pegava só primeiro ano e aí por conta de sala, de número de salas eu peguei primeiro e segundo ano. Então para suprir a minha carga horária de 40 horas semanais eu tenho que estar pegando mais de uma escola. 2023 eu peguei 3, agora em 2024 serão 3 de novo.

Pesquisadora: aí nessas escolas, na creche, na EMEI, na escola do ensino fundamental as condições assim de material e de espaço adequados são as mesmas?

Professor 1: não, são diferentes. A EMEI ela tem muito espaço, mas não espaço adequado para educação física. então assim tem um pátio super grande, mas é um pátio aberto e fica no meio da escola, então a escola toda em volta tira totalmente atenção dos alunos durante as atividades, porque é turma passando, criança passando, vai chegando, campainha tocando, e rotina de creche é bem agitada, então assim, eles não param um minuto né. A escola em si, não os alunos. E como é um espaço aberto, não consigo ficar com os alunos ali, porque se não, ficam no sol. Tem um espaço Gramado também, mas que também não tem sombra. então eu acabo ficando com eles num corredorzinho coberto, deve ter se uns 3 m por por 7. organizo eles ali para fazer uma rotina primeiro com os alunos, aí quando atividade é mais agitada, o movimento, depois eu levo eles pro Gramado ou para esse pátio, mas aí é o que eu falei depende está muito sol já não dá para ir para nenhum dos 2, se choveu o Gramado também está todo molhado, não dá para ir, quando chove tem que ficar com eles dentro da sala de aula que aí é o único espaço que tem mesmo fechado.

Pesquisadora: *****, acho que travou. *****?

Professor 1: está saindo, Vívian?

Pesquisadora: agora foi.

Professor 1: Ah, então. Na EMEI tem uma cobertura que na verdade nem é uma Quadra eles cobriram o pátio, fizeram um chão mais nivelados que a gente fala que ele é a quadra, mas também na lateral é tudo aberto, se chove de vento molha tudo, não adianta, não dá pra ficar. Quando está calor ainda dá para ficar, mas teve umas ondas de calor também que aí a gente tinha que evitar de fazer atividades muito intensas né por conta de

desidratação, mas ainda tem esse espaço melhor e na escola de primeiro ao quinto ano sim tem uma Quadra fechada, só que essa Quadra eles fecharam demais então dependendo também se está muito calor ela fica muito quente e também não dá pra usar e quando chove mesmo ela coberta molha tudo lá dentro e também não dá para usar. Então assim, com relação em espaço é complicado, com relação a material eu acho que até que a gente recebeu bastante material, com relação a bola, coisas de Educação Física. Dificuldade com materiais eu nunca tive, mais com espaço mesmo.

Pesquisadora: E do que foi planejado para o ano de 2023 é... você comentou que não deu para fazer tudo né por conta... é primeiro você tinha comentado das crianças também terem uma necessidade diferente e questão de espaço, principalmente na creche né que é mais complicado. Então aí assim, de tudo o que foi planejado, o quanto você acha que foi possível de de executar?

Professor 1: Ah, eu acho que uns 75 %.

Pesquisadora: bastante.

Professor 1: É! Mas a gente sempre quer mais né. Acho que são 25 ainda assim, é aquela coisa que você tem que trabalhar melhor, ou tentar dar uma reorganizada pra estruturar para conseguir suprir.

Pesquisadora: aí o que você mudaria para 2024?

Professor 1: Do meu planejamento?

Pesquisadora: Sim. Do seu planejamento e outras coisas que você queira incluir.

Professor 1: Ah, eu acho que no planejamento eu gostaria de conseguir estabelecer uma sequência didática. Igual eu falei para você, que sempre foi a minha dificuldade maior. eu levo as aulas de acordo com os conteúdos que eu quero trabalhar, mas nem sempre eu consigo fazer um articulação de uma aula com a outra né. a gente acaba levando mais as atividades com os objetivos ali que a gente quer, que suprem aquele momento ou os conteúdos daquele bimestre. Eu acho que o que... gostaria de estar né, mas é o que eu falei tem dificuldade até desde quando eu fiz o mestrado, está fazendo uma sequência didática mais estruturada ali por nível de atuação.

Pesquisadora: Beleza. Deixa eu ver o que mais aqui... Esse aqui também, sobre material e espaço já conversamos. Existe uma proposta do município no planejamento para educação física? e o que que você acha dessa proposta? precisa mudar? já foi mudada? vai ser mudada?

Professor 1: Então, é aquilo que eu comentei mais no começo. Tem o que seria o currículo ali para gente seguir. Agora no ano de 2023 o secretário de educação ele propôs

pra gente está reformulando esse currículo, pra gente estar fazendo juntos, coletivamente por professores de educação física, mas no fim acho que a gente teve uma reunião só que a gente começou a fazer né todo mundo junto, depois disso por conta de outras demandas outras reuniões, palestras, cursos a gente acabou que não conseguiu mais reunir todos juntos e ele acabou pedindo que tinha que entregar esse documento. Por fim acho que uma professora acabou terminando e enviando em nome de todos, tipo para cumprir o que estava sendo exigido né, mas que no final não foi feito por todo mundo coletivamente. Agora no ano de 2024 parece os nossos HTPCs, nossos horários de estudo coletivo, vão ser juntos novamente. Mais uma tentativa aí de unir mundo. Vamos ver. Não sei dizer se eles pretendem mudar ou formular ou construir um novo ou trazer um pronto para a gente né.

Pesquisadora: Qual a sua expectativa sobre isso?

Professor 1: Eu acho que a expectativa vai ser a mesma assim, uns 2/3 professores que gostariam de mudar vão querer está elaborando, reformulando e os outros que por medo, por insegurança, por falta de conhecimento né, não sabem como fazer, como prosseguir, acabam ficando mais retraídos e no fim acaba ninguém fazendo nada.

Pesquisadora: acaba que não sai do lugar.

Professor 1: não. Não sai do lugar. Não tem alguém para tomar a frente e falar assim “Não, vamos fazer todo mundo junto” né, “Oh, eu quero nisso faz isso”, não tem nenhum conhecimento acho que para estar realizando uma organização, estruturar onde o currículo ali pelo menos entre os professores que a gente sabe que é um processo que envolve ali todo mundo né, comunidade toda, vem da parte de coordenação, de secretário da educação, direção, coordenação, professor, aluno, os pais de alunos, só que fim acabam ficando o que você falou, o que eu acabei falando pra você a parte individual de cada professor.

Pesquisadora: *****, e tem alguma outra questão assim, alguma angústia, alguma dificuldade na prática que você tenha que você queira comentar.

Professor 1: Ah,Vívian, eu acho que assim que a dificuldade maior agora que eu estou encontrando eu acho que é mais por questão, em relação a gestão mesmo né. Essa parte da gente ter...

Pesquisadora: cortou o som. Não está saindo. O fone saiu.

Professor 1: Voltou?

Pesquisadora: Voltou.

Professor 1: espera aí que eu acho que agora tem até uma pedido para... pronto... está ouvindo?

Pesquisadora: Estou.

Professor 1: não então eu acho que o problema maior que você encontrando um momento com relação a gestão de ideias que não batem só que a gente também não tem oportunidade de diálogo de, conversar, de estar expondo as nossas ideias, de ouvirem o que a gente tem a dizer e de tentar chegar a um acordo comum. Parece que tudo está muito assim de cima para baixo sabe? O que “eu” falo vocês têm que fazer e não tem acordo. Então a dificuldade maior né, nesses últimos anos tem sido em relação a isso não é nem em relação ao conhecimento da educação física, a prática da educação física e com relação também eu acho que a pais, famílias. As famílias estão vindo também cada vez mais difícil para escola no sentido de que elas não fazem o papel delas enquanto família na educação e a gente enquanto professor tenta suprir essa parte não só com conhecimento que cabe a nós, mas também com questão de educação realmente falando né, de limites, de regras e muitos pais não aceitam isso também. Acabam batendo de frente, questionando nossa prática, o que a gente sabe que também não tem é conhecimento. Os alunos também não aprendem se não tiver disciplina, não no sentido de ser rígida: Nossa! Não pode respirar! Não, mas tem um momento certo, tem o que pode fazer e o que não pode. A sociedade vive em regras né e a escola faz parte da sociedade muito dos alunos, a escola primeiro local que eles vão conviver em sociedade, antes é só família, igreja né, um círculo pequeno de amigos. E na escola as regras são para todos. Então assim, não são todos as famílias também que aceitam na hora que são cobrados nesses sentido.

Pesquisadora: e uma última pergunta. Prometo que é. Essas exigências né que vem tanto da gestão quanto das famílias né, você acha que tem algum embasamento sobre isso né? Por exemplo: a gestão manda uma ordem, você acha que tem uma base pra isso “não, ela tá na BNCC”, “ eu quero isso por isso” ou “eu quero porque dentro da educação física é assim/dentro da pedagogia” ou os pais por exemplo: “não! Dentro da psicologia infantil”, alguma coisa assim. Tem algum embasamento?

Professor 1: Não. Eu acho que tanto... gestão é mais pautada na política, o que eles acabam colocando às vezes até impondo é mais para suprir alguma coisa política ali entre eles ou para fazer bonito para os pais por conta de voto, de eleição, dessas coisas. Porque, não que eu seja melhor que ninguém, mas a gente vê que muita gente está lá sem o conhecimento necessário para estar ocupando a função que ocupa ou pelo menos

não busca o conhecimento que seria necessário né. Porque assim, ninguém nasceu sabendo, ninguém sabe de tudo, mas a partir de um momento que você se propõe fazer um papel ali você tem que saber as suas atribuições né, o que cabe a você ou não. Então eu vejo que muita coisa de gestão é meio que imposto por poder mesmo e para suprir assim necessidades políticas. E os pais a mesma coisa, tem muito pai de internet agora também né, porque “eu vi na internet”, “porque não só tem que fazer isso”, mas não vê os psicólogos que estão falando na internet, os educadores que falam na internet, não. O que a gente dá eles não tem o embasamento para ir de acordo, é aquilo que eles acham né, tipo “meu filho não pode se frustrar, ele tem que fazer o que ele quer...” aí porque esses dias chegou uma mãe reclamando porque o filho dela não estava podendo pegar livro porque ele tinha perdido o livro da biblioteca, então ele estava chegando triste em casa porque ele não tinha, não estava pegando livro, mas assim cadê a educação dessa mãe de falar assim: “mas cadê o livro que você perdeu? onde que está? Vamos procurar. Se você não achou, vamos comprar um livro levar para escola.” Não, ela questionar a escola porque que não estava deixando ele pegar. então assim, você vê que assim muitos direitos e poucos deveres.

Pesquisadora: Entendi. *****, eu já acho que é isso. A entrevista bem extensa né, mas a gente vai se empolgando, vai emendando uma coisa na outra.

Professor 1: Imagina, Vívian. o que precisar né. Estava um bate-papo super legal né, eu acho que é assim que tem que ser mesmo, a gente trazer a realidade que a gente vive, que a gente está sentindo no momento também né.

Pesquisadora: Muito obrigada! Queria agradecer mesmo imensamente aí que isso vai ajudar bastante e assim que o trabalho tiver pronto eu pretendo mandar para todo mundo ler. Espero que seja bem produtivo. Inclusive tem o produto legal que eu pretendo que ajude a cidade né, no planejamento. Fechou!

Professor 1: Isso aí! Tudo bem, Vívian. Muito obrigada pelo convite, o que precisar eu estou a disposição também está bom.

Pesquisadora: Muito obrigada! vou parar a gravação aqui.

Professor 1: tá...

9.8 Apêndice 8 – Entrevista Professor 2

Pesquisadora: Então é isso. Começamos a gravação. Boa tarde, *****!

Professor 2: Boa tarde, Vívian. Tudo bem?

Pesquisadora: Tudo bem e com você?

Professor 2: Tudo bem.

Pesquisadora: ***** , eu vou começar agradecendo você por ter aceitado o convite de fazer a entrevista. Tem algumas perguntinhas aqui sobre a sua formação, tem perguntas sobre o planejamento e suas dificuldades nas práticas né. O meu trabalho ele é sobre a educação infantil. A minha dificuldade sobre é... no planejamento da educação infantil, foi o que me trouxe a esse trabalho né. Então assim, eu via que os documentos que a gente tem disponível como PCN, RCN a própria BNCC, eles não trazem certinho assim né, especificado o que trabalhar na educação infantil para a educação física né. aí então isso me levou a esse estudo e para isso eu preciso saber se os professores também né, os professores que atuam na educação infantil, se eles também enxergam essa dificuldade ou não, tá? Então é mais sobre isso a entrevista.

Professor 2: Tudo bem.

Pesquisadora: Então bora lá! Começando então né. ***** , em qual ano você se formou em Educação Física?

Professor 2: Eu me formei em 2007 em Educação Física. Minha Educação Física, minha é na licenciatura, eu não tenho bacharel.

Pesquisadora: Então você já ingressou na mudança né, porque antes era licenciatura plena aí desmembrou. Então o seu é só licenciatura.

Professor 2: É licenciatura plena, mas eu não tenho bacharel.

Pesquisadora: Mas essa licenciatura plena ela te habilita a trabalhar por exemplo em academias, com esportes, essas coisas?

Professor 2: Não, só em escola.

Pesquisadora: Ah beleza. É, qual foi a instituição que você se formou em Educação Física?

Professor 2: eu me formei na Origens Lessa né, na FACOL. Foi a primeira turma de Educação Física da faculdade.

Pesquisadora: Que orgulho Hein

Professor 2: É né! O nome lá na placa de primeira turma.

Pesquisadora: Aí sim! Muito bom. É, ***** , você tem alguma outra graduação?

Professor 2: eu sou pós... É, tenho pós-graduação em psicomotricidade e psicopedagogia e agora iniciou mais uma, né.

Pesquisadora: Gosta de estudar! Qual que é você que está fazendo agora?

Professor 2: Agora eu estou fazendo é xadrez educacional.

Pesquisadora: Muito bom. Mas assim, graduação né, você tem pedagogia alguma coisa assim?

Professor 2: Não, não. Eu fiz magistério.

Pesquisadora: Ah sim. E em qual ano você fez o magistério?

Professor 2: eu terminei em... Nossa, Vívian! Em 1993.

Pesquisadora: Faz parte ué! Faz parte da sua história! ***** e você chegou a atuar com né... você se formou no magistério você chegou a atuar em escola depois de ter terminado?

Professor 2: Sim, eu trabalhei é 4 anos no estado como PEB... é né como professor de sala e trabalhei 2 anos e meio na prefeitura aqui de Lençóis.

Pesquisadora: Legal. É... E aí depois você resolveu ir para Educação Física né. E por que que você mudou de área?

Professor 2: Então, eu tive minhas filhas né e foi... Quando eu saí de estado foi aquela mudança da... para municipal né, que o Covas instituiu que a Educação Fundamental seria de responsabilidade do município. Então eu tinha criança pequena então eu resolvi me afastar, porque eu ficava... como eu era ACT eu ficava pulando de escola em escola né e aí ficava complicado com criança, então eu me afastei. Eu voltei a estudar é depois em 2004 quando eu já tinha minha segunda filha com quase 4 anos né. Então aí eu fui fazer a faculdade e optei por Educação Física pela facilidade de ser na minha cidade né como eu já tinha um magistério eu não quis fazer pedagogia, então achei bem interessante o curso de Educação Física, se tratava do primeiro ano da Educação Física aqui em Lençóis. Então eu resolvi fazer esse curso e é onde a gente se apaixona né.

Pesquisadora: É uma área muito boa né, muito gostosa mesmo de se trabalhar.

Professor 2: Nossa, ainda mais para quem gosta de criança viu.

Pesquisadora: É. e as crianças gostam da Educação Física né, isso facilita bastante também. E aí você comentou que você já está indo para a terceira pós-graduação. Você lembra as instituições que você fez as outras graduações? Pós (corrigindo).

Professor 2: uma foi a São Luís, a outra é... Acho que foi... Eu não vou lembrar. Acho que é Barro Branco. Não, Castelo Branco. E agora eu estou fazendo na Imes que é a xadrez né.

Pesquisadora: Aham. e você lembra os anos que você terminou a pós?

Professor 2: Hum, difícil hein... É, foi quando eu fiquei adida no município. Foi, acho que foi em 2014/15 se eu não me engano.

Pesquisadora: mais ou menos por aí né, já é recente.

Professor 2: Mais ou menos por aí. Até poderia até pegar aqui, os documentos estão aqui perto, mas eu... vai ficar meio atrapalhado, mas é mais ou menos isso.

Pesquisadora: Tá. E com a Educação Física, faz quanto tempo que você trabalha na escola, Educação Física na escola?

Professor 2: Educação Física em macatuba vai fazer, vai fazer 12 anos no meio do ano, então nós temos 11 anos e meio, mas eu já trabalhei 3 anos numa escola particular aqui de Lençóis que chama Novo Mundo. Foi a minha primeira experiência na Educação Física, foi lá.

Pesquisadora: E nessa escola Novo Mundo é Educação Física para Educação Infantil ou Fundamental?

Professor 2: Era só infantil, só Educação Física infantil.

Pesquisadora: Então com o Infantil você já tem aí 12,15 anos?

Professor 2: É mais ou menos uns 15 anos com o Infantil.

Pesquisadora: E o que que te levou a trabalhar com a Educação Física na Educação Infantil?

Professor 2: Então, foi o que eu falei para você, a gente gosta de criança né. Eu gosto muito dos pequenos, eu acho que eles são é mais puros, é eles recebem melhor as atividades, as orientações né. Então eu eu acho que foi isso que me levou a trabalhar com a Educação Física infantil. É... A princípio é eu me encantei com a Educação Física infantil né, é eu só assumi Macatuba porque eu iria trabalhar no infantil. Então como eu já estava trabalhando numa escola infantil, eu já gostava de trabalhar com os pequenos e ver a construção deles durante o ano né, como eles se transformam durante o ano isso foi que me encantou na Educação Infantil.

Pesquisadora: Ah, sim. Então mais por afinidade mesmo, por um gosto maior.

Professor 2: Isso.

Pesquisadora: Tá. Aí agora a gente vai pular para o bloquinho de planejamento tá. Na sua opinião qual que é a importância de planejar pra atingir os objetivos da Educação Física e pra organização das atividades né, tanto semanais quanto bimestrais?

Professor 2: a gente precisa planejar pra poder ter um desenvolvimento melhor nas nossas aulas né. Não tem como a gente chegar lá e do nada querer alcançar uma

atividade que não foi planejada né. Acho que tudo que a gente tem que fazer tem que ser planejado né, porque os objetivos eles só vão ser alcançados dentro desse planejamento né. Então é de suma importância o planejamento.

Pesquisadora: E você conhece alguns referenciais que existem para Educação Infantil? Por exemplo, como eu tinha comentado né, o PCN, o RCN, a BNCC.

Professor 2: Sim. é a gen... Eu trabalho assim dentro desses referenciais né, porque eles se tornam uma base do que a gente vai poder transformar nossas aulas né. Então eles servem mais assim de um apoio para a gente transformar, para planejar as aulas do bimestre, do semestre né. É... Eu gosto muito do RCC, do RCC porque foi a minha formação né, foi no PN... como é?

Pesquisadora: PCN?

Professor 2: PCN e no...

Pesquisadora: RCN.

Professor 2: RCN... Então assim, agora eu estou apanhando um pouquinho com a BNCC, mas está... A gente está entrando num acordo.

Pesquisadora: Oh, *****, e...

Professor 2: Mudam só umas coisas né, muda mais a nomenclatura de né, só a gente encaixar as nomenclaturas corretas aí vai pra frente.

Pesquisadora: Ah, sim. E o que que você acha desses, é desses referenciais? Você falou que se identifica mais com o PCN, RCN, que você já teve mais contato, é e agora né a BNCC veio aí para dar uma quebra, para gente repensar. Mas qual a sua opinião é sobre esses referenciais para Educação Física?

Professor 2: bom eu acho que eles são essenciais né. Eles traçam o norte para gente, eu acho que eles se parecem muitos né, eles estão interligados entre eles e é o caminho. Eu acho que vai nortear para que a gente consiga fazer o nosso planejamento.

Pesquisadora: Agora na BNCC, que é a mais recente né, tanto ela quanto o Currículo Paulista que são bem próximos ali um do outro, eles pra Educação Infantil é eles trazem os... As áreas de conhecimento separadinhas né. Então tem o “O eu, o outro e o nós”, “Corpo, gesto e movimento”, “Traços, sons, cores e formas” é e, ao meu ver, o que mais traz para Educação Física é o “Corpo, gesto e movimento” só que quando você vai olhar as habilidades dele é ele fala sobre as habilidades de locomoção, exploração tanto a brincadeira, ele fala bastante da brincadeira, mas em alguns momentos ali ele coloca né habilidades motoras manipulativas de rasgar, folhear, amassar, esse tipo de coisa né. E o

que que você pensa disso? Por exemplo tem as habilidades, você acha que traz para Educação Física ou não tem nada a ver?

Professor 2: Eu acho que sim, eu acho que tem tudo a ver né. São movimentos né de coordenação motora fina que acaba usando, a gente sempre usou isso. Foi o que eu falei para você eles são tão nomen... pondo nomenclaturas diferentes, mas se você for ver todo o planejamento do BNCC a gente já trabalha tudo isso de uma certa forma né. Então já está dentro do que a gente trabalha então eu acho que vem mais para considerar mesmo esse trabalho contínuo, porque eu acredito numa interdisciplinaridade entre a Educação Física e as outras áreas né. Então eu acho que é mais mesmo para completar o que a gente já tem.

Pesquisadora: Muito bom. *****, e para o seu planejamento né, você falou que tem os contatos aí maiores com alguns documentos e outros, quais deles você utiliza para o seu planejamento? Assim, tanto de dos referenciais quanto de outros livros você utiliza, tem apostila, alguma coisa que você utiliza no planejamento?

Professor 2: Sim, mas eu uso bastante os livros didáticos né que a gente tem lá na escola, procuro bastante atividades diferenciadas né, porque a gente precisa diferenciar um pouco né não dá para dar o todo ano mesmo atividade né que a gente tem o mesmo público-alvo, só muda a dificuldade do exercício, então a gente precisa procurar uns exercícios motivadores pra eles né, mas é isso, é pesquisa no livro, pesquisa na internet, busca nos referenciais, é isso que eu uso nos meus planejamentos né.

Pesquisadora: Muito bom. Até você comentou sobre a motivação né. Nos referenciais né, parâmetros e tanto na BNCC eles trazem muito a brincadeira como esse motivador e é muito próprio da Educação Infantil.

Professor 2: E eu gosto muito da parte de brincadeira. Até é eu estava montando meu planejamento desse ano e esse ano eu não estou mais né com o infantil né, mas os outros anos eu sempre deixava de 2 a 3 aulas mensais para que eles brincassem do jeito que eles queriam, do jeito... porque hoje a gente não tem mais esse espaço né, foi o que nós comentamos ontem da minha sobrinha né, eles não sabem mais brincar sozinhos, eles não sabem mais inventar brincadeiras sozinhos, estão sempre direcionados né por alguém, então eu acho que esse brincar sozinho precisa ser levado em consideração depois da pandemia né eles ficaram muito dentro de casa. Então eu prezava muito por isso quando eu estava com as minhas crianças pequenas, então eu deixava um momento eles criarem as brincadeiras deles sem intervir, sabe, para que eles tivessem mesmo essa

parte de imaginação que faz tanto... importante importância no desenvolvimento infantil né, a própria criação do brincar.

Pesquisadora: É, vou entrar nessa questão aí né que você levantou a lebre. Nesse pós-pandemia e até, acredito eu, antes né, essa geração nova aí ela está sempre sendo estimulada né, o tempo todo estimulada e aí isso perdeu o tempo de ócio deles e aí então prejudica um pouco a criatividade é você...Que que você acha né? prejudica essa criatividade de...

Professor 2: Eu concordo, eu concordo. Eles estão assim muito, muito mais ligados em jogos eletrônicos e computador e acaba deixando um pouquinho a parte motora de lado. Eu levo em consideração... Eu... Como eu tenho muito contato com a minha sobrinha né, minha afilhada, eu até esse final de semana eu briguei com a minha irmã porque ela ficava muito tempo no tablet e não aproveitava, assim, o espaço que ela tinha, é o desenvolver de uma outra atividade que não fosse ali em cima daquele computador. Então é eu prezo muito por isso, prezo pelo movimento da criança, eu prezo pela capacidade dela inventar as brincadeiras, eu acho que a pandemia bitolou um pouquinho eles nisso né, deixou muito eles presos dentro de casa. Eu que tive uma infância que vivia assim... Eu morei numa usina que... Meu pai era super liberal deixava a gente brincar até tarde da noite na rua, depois quando mudei para cidade brincava na rua, na cidade a gente tinha essa liberdade, hoje eles não têm né, não tem.

Pesquisadora: É, além da segurança né que traz eles para dentro de casa né, esse interessante. Você comentou da sua afilhada ter ficado no tablet e a gente conhece que você tem um baita de um espaço né, tem piscina, tem o espaço grande para fazer um monte de brincadeira.

Professor 2: É, no fim a gente acabou entretendo ela com uma simples mangueira né, que ela nunca tinha brincado de mangueira. Então é... São coisas assim que a gente tem que resgatar neles né, são coisas assim que está ficando perdida, é um aprendizagem que pode ser resgatada de uma forma gostosa, prazerosa para eles também né.

Pesquisadora: E todas essas brincadeiras né, que... tanto de criar brincadeiras, tanto o movimento em si ele vai trazer um desenvolvimento também né, mesmo não sendo intencional ali naquele momento, mas ele vai trazer um desenvolvimento né.

Professor 2: Ele é ótimo. Foi até o que a gente comentou, ele cria um... uma... como se diz assim... uma recordação afetiva, ele constrói uma coisa mais concreta dentro dele né. Não adianta ficar só ali bitolado tem que fazer umas coisas diferentes, resgatar o que a gente vivia antigamente né. Eu sou muito a favor dos jogos folclóricos, eu sou muito a

favor de resgatar essa cultura que a gente tem faz tanto tempo, tá perdendo muita coisa né a respeito disso depois da pandemia né.

Pesquisadora: É, e essas, essas coisas que ela aprendeu aí, ela com certeza vai levar para outros ambientes que ela também convive né.

Professor 2: Sim, com certeza.

Pesquisadora: Ô, *****, e o planejamento em si ele é realizado de que forma? É, por exemplo, na escola trabalhamos nós duas né.

Professor 2: Sim.

Pesquisadora: Então, ele é realizado de forma individual? Coletiva? Com a sua parceira de trabalho lá da Educação Física ou com todo mundo né da rede?

Professor 2: Não. A gente queria que fosse com todo mundo da rede né, estamos tentando né. Mas assim, eu vivo te enchendo as paciências né, perguntando o que você está trabalhando, com o que você vai trabalhar para a gente trabalhar mais ou menos próximo né, uma da outra. São atividades diferentes que né, porque você dá de uma forma uma atividade, alcança o objetivo numa certa atividade, eu alcanço com uma outra certa atividade, mas dentro da mesma proposta né, dentro do mesmo planejamento né. Então eu vivo cutucando “Vívian, o que você vai trabalhar? Vívian, o que você está dando?” né, para a gente trabalhar numa fase juntos assim, num patamar junto né, para que nenhuma trabalhe uma coisa diferente que a outra não esteja trabalhando né. Esse ano que eu fiquei um pouquinho mais assim por causa do xadrez, que eu me envolvi muito com o xadrez.

Pesquisadora: Teve uma outra dedicação né?

Professor 2: Dedicção, mas valeu a pena.

Pesquisadora: Então, mas aí no final das contas né tem essa troca, essa conversa, mas ele é feito individualmente então?

Professor 2: Sim. É... Geralmente assim, a gente vê o que vai trabalhar né, foi o que nós vimos no começo do ano passado “olha, Vívian, você vai trabalhar tal coisa? Como que você vai... Você vai trabalhar isso, isso e isso no primeiro bimestre?” E aí a gente trabalha conforme o gosto de cada uma, né. Dentro da atividade de cada uma. Porque os objetivos podem ser alcançados em várias formas né.

Pesquisadora: *****, e existe um planejamento que é comum para rede de ensino municipal?

Professor 2: A gente está tentando reformulá-lo né.

Pesquisadora: Existia?

Professor 2: Existia, existia sim um que a gente seguia como norte para nós e agora a gente está tentando reformular né, dentro do currículo né, é... estadual né?

Pesquisadora: da BNCC.

Professor 2: Dentro da BNCC, deixando tudo bem redondinho. Eu acredito que já está quase pronto né, você fez grande parte...

Pesquisadora: Estamos aí! *****, e para o seu planejamento de 2023, para educação infantil você acha que ele foi efetivo?

Professor 2: eu acho que eu poderia ter sido um pouquinho mais efetiva neles entendeu. Ter trabalhado um pouquinho mais, principalmente com o maternal. Como eu tinha um maternal que ele tinha muito problema de indisciplina, muita criança dentro de uma sala só, tinha hora que você não conseguia atingir os objetivos, então tinha que mudar a estratégia todas as aulas. Todas as aulas eu tinha que dar um jeito de mudar a estratégia para poder segurar no máximo 20 minutos da atenção deles lá na Educação Física. Isso que me deixou muito descontente com a situação então eu achei que eu tinha que ter mudado um pouquinho mais meu planejamento para alcançar efetivamente os objetivos.

Pesquisadora: Mas de qualquer forma né, você levava o seu planejamento, começava a aula. E o planejamento ele aceita né, ele tem essa flexibilidade, ele aceita mudanças. Pela especificidades da turma, das crianças... é assim mesmo. Me arrepiou a espinha aqui, porque eles vão ser meus agora!

Professor 2: É, vão ser seus, vão ser seus. Não, eles são assim amorosos, muito amorosos, muito carinhosos, mas ligados no 220. Tem hora que você não consegue... Você tenta explicar uma coisa eles não, eles estão ligados em outras. E assim, eu tive muita... Mostrou muito isso para os pais na apresentação do final do ano, você entendeu? Você via uma criança, foi dada atividade para ser feita a dança a criança fazia a dança ao contrário e então assim deu certo muito bem... Deu para perceber muito bem o que eu passei durante o ano nessa apresentação do final do ano. Mas assim, fora isso eu sou extremamente apaixonada por eles, adoro eles, eles são uma graça cada um com a sua individualidade. Eu tenho uma aluna que tinha problema de formação genética e ela assim, ela ao receber a mensagem de final de ano da mãe me emocionou muito. Ela me agradeceu muito porque a menina evoluiu muito durante o ano né, a parte motora. Mas eu acho assim a gente sempre acha que a gente poderia ter feito mais né.

Pesquisadora: É. E do montante, pensando em 100 %, o quanto você acha que foi possível executar?

Professor 2: Ah 90 %, mais de 90 %.

Pesquisadora: foi bastante.

Professor 2: Foi... Foi bastante, foi.

Pesquisadora: E para 2024, apesar de você não estar mais com educação infantil né para esse ano... Mas em 2024, o que você mudaria com relação ao ano passado?

Professor 2: Olha, eu mudaria algumas coisas sim. Mudaria é nas estruturações das aulas né, a forma, as atividades que foram desenvolvidas para atingir o objetivo, daria uma melhorada. É que assim cada ano é uma aprendizagem diferente né, primeiro a gente tem que sondar a turma que a gente vai trabalhar né, para saber o que eles estão trazendo com eles né, a bagagem que ele trazem para escola para a gente poder planejar né em cima disso, mas eu daria algumas modificadas no meu planejamento sim

Pesquisadora: então assim você planejar sem conhecer o aluno é uma dificuldade?

Professor 2: É. É complicado, é complicado... porque você não sabe o que você está recebendo né, você não sabe que bagagem essa a criança tem, o que ela conhece e o que ela não conhece, o que ela fez, o que ela não fez. Então você fazendo uma sondagem na primeira semana eu acho que dá para planejar, fazer um planejamento ainda melhor né, porque aí você já vai ter um certo conhecimento do seu aluno. Para a gente que já trabalha né, quando pega maternal, Nível I, Nível II, a gente já sabe o que a gente vai trabalhar, mas quando a gente entra sem saber o qual é a bagagem do aluno é conflitante, é complicado.

Pesquisadora: Então assim, a experiência que você já tem anterior ela te ajuda muito nesse planejamento, mas é no momento você precisa conhecer o aluno né, para conseguir desenvolver melhor. E assim, ao longo do ano, *****, quando você se sente um pouco mais confortável? Fala assim: “não, agora eu conheço aqueles alunos”. Você comentou das primeiras semanas ou... das primeiras semanas dá pra conhecer um pouco, mas quando que você fica confortável? Falo assim, eu olho essas atividades eu falo “meus alunos vão conseguir executar isso”. Tem algum momento específico?

Professor 2: Ah, eu acredito que seja quase no final do primeiro bimestre a gente já tem uma noção se as crianças têm a condição de efetuar as atividades ou não. É porque ele já sai aquela euforia de começo de ano né, da gente conhecer, aí a gente conhece profundamente, mais profundamente eles né, que eles começam a mostrar mais, perde a timidez para fazer as atividades lá. Eu acredito que seja mais no final do segundo, do primeiro bimestre.

Pesquisadora: Ah, legal. Esse período de adaptação assim né, deles conhecerem a gente, a gente conhece-los. É deixa eu ver aqui próximas... Tá acabando, ***** É, dentro

do do que foi planejado né, do que você planeja, você tem condições de realizar o que é proposto? Por exemplo com relação a material, a espaço?

Professor 2: Você pegou agora o ponto chave agora, né amiga!

Pesquisadora: Tô aqui pra isso!

Professor 2: Foi profundo. Olha, com a Educação Infantil nós não temos um local adequado né. A gente improvisa um espaço, a gente divide um espaço né. No meu caso, como no teu caso por muito tempo né, na creche a gente não tem espaço né. A gente dá aula num lugar reduzido, sem segurança para criança, a gente não tem material igual a gente tem na escola, falta muita... muito material, tem hora que não tem o material, mas a gente vai né, elaborando as nossas aulas, planejando dentro do possível, dentro do que nós temos né. Na escola já é mais fácil né, na escola a gente tem muita coisa, tem materiais, já há muitos anos a gente vem adquirindo né, bastante material, a gente vem recebendo um material direto, mas é mais o espaço mesmo né, o espaço da educação infantil para... que pega! Eu acho que está faltando a nossa quadra para o infantil, está faltando um espaço adequado e seguro para eles né, eu posso falar isso de carteirinha porque eu trabalhei 4 anos no CAIC no auditório onde o piso era piso frio, com degraus, com altura... Então a gente sabe o que a gente passou né. Então assim, o que a gente conseguir... A gente está lutando faz tempo né, para ter uma quadra para o infantil. Vai melhorar muito a qualidade das nossas aulas com a Educação Infantil o espaço. Eu acho que não é em qualquer lugar que a gente consegue dar aulas igual. A gente escuta muitas vezes muita gente falando né “Ah a educação física é dada em qualquer lugar.” não é assim, a gente tem que levar em consideração a segurança o bem estar né, dos nossos alunos têm que ter um lugar próprio para as aulas. Eu acho que é isso que pega né. Quanto ao material não, acho que o material a gente tem o suficiente, adequado. O que não tem a gente acaba comprando, adquirindo, dando um jeitinho, mas a maioria das vezes é mais o local mesmo.

Pesquisadora: É, para esse ano, *****, você não pegou nenhuma turma do infantil?

Professor 2: Não. Eu peguei 7 turmas do fundamental e seis turmas de xadrez né. Minha grade de xadrez aumentou de... 6 turmas não. São 12 turmas né, são 6 aulas né, então são 12 turmas de xadrez.

Pesquisadora: E teria mais alguma coisa, *****, que você queria acrescentar? Tipo alguma dificuldade que você teve na educação infantil, alguma angústia no geral assim?

Professor 2: Assim, o que eu senti foi assim um pouquinho... precisava um pouquinho mais de apoio das professoras da sala de aula, porque a gente é... a gente tem um livro

lá né, que a gente sabe lá da, do positivo tal, o que vai ser trabalhado mas tem atividades dentro da apostila de sala de aula que muitas vezes a professora não passa para a gente né, e é uma atividade que a gente poderia reproduzir na Educação Física também né. Então eu acho que falta essa interdisciplinaridade para certas professoras.

Pesquisadora: E nesse material do Positivo né, que você falou, do sistema de ensino, ele traz sobre a Educação Física para a Educação Infantil?

Professor 2: Não, né. Bem pouquinho coisa. É, a gente consegue mais é fundamental né, o infantil está bem... está precisando nessa parte de um infantil né.

Pesquisadora: Material do Ensino Fundamental é, ele é mais rico né, ele é especificado?

Professor 2: Ele é especificado. Pro infantil ele é bem sucinto, ele é bem reduzido. Quando não tem... Quando tem né.

Pesquisadora: E então é isso, *****! Mais algum comentário, alguma coisa que você queira dizer sobre tanto escola, a educação como um todo?

Professor 2: Não, eu não acredito que seja isso mesmo. Sou muito agradecida de estar trabalhando na Educação Física, eu acho que eu me encontrei na Educação Física. Uma professora de sala de aula sair da sala de aula para ir para Educação Física. Eu me encontrei na Educação Física. Eu falo que eu tenho 3 paixões da minha vida né, que é a Educação Física em primeiro lugar, o xadrez em segundo, e a minha confeitaria.

Pesquisadora: Ô, *****, deixa eu te perguntar algumas coisas que que eu acabei né... É... não tinha anotado no meu guia, mas eu achei curioso quando eu fiz a entrevista com *****. Você teve alguma vivência assim de esporte, de atividade física, alguma coisa que teve uma ligação para você buscar Educação Física também?

Professor 2: Então eu na minha adolescência eu joguei vôlei né, é a paixão da gente o vôlei. Eu joguei vôlei, eu fiz natação por um bom tempo. Eu acho que isso influenciou muito na minha escolha por Educação Física. Adoro vôlei, gosto muito do vôlei, a minha adolescência foi jogando vôlei, dentro de uma quadra de vôlei, então isso me influenciou né na escolha da Educação Física sim.

Pesquisadora: E na graduação, estava lembrando aqui algumas questões que eu não tinha anotado... É, na graduação você lembra de ter estudado sobre educação infantil na Educação Física?

Professor 2: Na Educação Física? Bem pouco, bem pouco. Foi focado mais mesmo no fundamental. Por mais que a gente tenha trabalhado RCN, visto tudo, mas foram poucos estágios. Eu tive 800 horas de estágio, acredito que tenha sido umas 250 no infantil, o restante tudo no fundamental.

Pesquisadora: E nesse estágio né, de 250 horas de estágio no infantil, você teve alguma experiência em dar aula para as crianças?

Professor 2: Sim, sim. A gente montava os planejamentos, assumia a sala e dava as aulas de Educação Física. Foi uma formação muito boa nessa parte, mas eu fiz... Eu acredito que teria que ter sido um pouquinho mais. Eu acho que teria que ser equivalente sabe, 400 e 400, mas foi foi uma... assim, como eu gostava mais do infantil né, eu tinha um certo receio com o fundamental, então eu acho que eu me identifiquei mais com as aulas né, e hoje já a gente já derrubou esse tabu do fundamental e eu sou apaixonada também pelo fundamental.

Pesquisadora: Ah, legal. Essa experiência do estágio ela te influenciou também em escolher os pequenos?

Professor 2: Sim, sim. E o meu primeiro serviço né como professora de Educação Física foi com os pequenos né, e quando eu parei de dar aula eu estava com maternal né, na sala de aula estava com maternal, então eu quis seguir a área que eu já estava né, que eu achava mais interessante para mim, que eu me identificava mais e foi aí que eu fui pro pro infantil do Novo Mundo.

Pesquisadora: Então acho que é isso, *****. Muito obrigada por conceder essa entrevista.

Professor 2: Imagina! Nem doeu!

Pesquisadora: Tá vendo só!

Professor 2: Todo mundo com medo!

Pesquisadora: Só vou parar a gravação aqui rapidinho.

Professor 2: Tá.

9.9 Apêndice 9 – Entrevista Professor 3

Pesquisadora: Boa tarde, *****!

Professor 3: Boa tarde.

Pesquisadora: Primeiro vou te agradecer de ter aceitado fazer entrevista. São algumas perguntinhas sobre a sua formação, sobre o planejamento e suas dificuldades na prática. Minha proposta é que a gente tenha um guia de planejamento para a Educação Física pra a gente que atua na Educação Infantil.

Professor 3: Certo.

Pesquisadora: Então vamos lá para as perguntas. Que ano que você se formou em Educação Física?

Professor 3: Me formei em Educação Física no ano de 2018.

Pesquisadora: Que novinho!

Professor 3: Novinho! Sou! Ainda tô começando agora.

Pesquisadora: E a sua graduação, ela Foi em licenciatura ou licenciatura plena?

Professor 3: Foi licenciatura. Fiz na Anhanguera de Bauru.

Pesquisadora: E você fez bacharelado também?

Professor 3: Não. O Bacharel até já me surgiu algumas propostas assim nessa área, mas eu ainda não tive tempo para fazer na verdade.

Pesquisadora: Ah, legal. Você tem alguma outra graduação.

Professor 3: Sim. Administração de empresas.

Pesquisadora: Ah, beleza.

Professor 3: Tem nada a ver, mas...

Pesquisadora: Tá aí!

Professor 3: Tá aí.

Pesquisadora: E você tem alguma pós-graduação?

Professor 3: Pós-graduação eu inscrevi em uma, mas ainda não finalizei o contrato ainda com a escola, mas tenho intenção de fazer, mas ainda não tive tempo também nesses 2 anos que eu estou atuando aqui que a minha carga horária estendida... Não consegui ainda fazer esse jogo de cintura aí para conseguir arrumar tempo para fazer.

Pesquisadora: É difícil mesmo! Faz quanto tempo que você trabalha com Educação Física na escola?

Professor 3: Na escola são um ano em Agudos e dois anos em Macatuba.

Pesquisadora: Então faz três anos que você já trabalha com Educação Física na escola.

Professor 3: Isso.

Pesquisadora: E nesse tempo de três anos quanto tempo você ficou com a Educação Infantil?

Professor 3: Dois anos agora, vou fazer em maio aqui em Macatuba. O primeiro ano em Agudos foi o Fundamental.

Pesquisadora: O Fundamental um ou o dois?

Professor 3: O fundamental dois. Aí agora que aqui em Macatuba que a minha carga horária foi toda no Infantil.

Pesquisadora: Ah, legal. E você gosta de trabalhar com a Educação Infantil?

Professor 3: Gosto muito. Gosto muito porque eu gosto de desenvolver a parte motora das crianças e fazer todo esse... Essa... Vamos dizer assim a realidade né que a gente tem que despertar neles. Que eles têm que ter esse despertar da realidade que é o que eu gosto de fazer neles. De eles estar despertando as direções, a manipulação seja de objeto, seja de... com ele mesmo ali o corpo, gesto e movimento, gosto bastante.

Pesquisadora: Explorar o espaço, explorar material, explorar as possibilidades do corpo dele...

Professor 3: Isso.

Pesquisadora: Nesse sentido.

Professor 3: É, eu gosto muito desse sentido aí deles estarem... às vezes até eles mesmos falam “nossa, que legal! A distância! Era isso então? O longe, o perto...” Né aí eles... Eu gosto dessa parte.

Pesquisadora: É gostoso. E o que que te levou a trabalhar com a Educação Física na Educação Infantil?

Professor 3: Olha, primeiramente eu sempre fui apaixonado pela Educação Física. Desde que eu me conheço por gente eu eu estava envolvido com esporte, com jogo e tals. Quando chegava o professor de Educação Física para mim na escola ele era o herói meu. Via ele e falava “Nossa... Quero ser igual a ele.” Aí fiz todo o processo, né, fiz a faculdade e tudo. Aí fiz a prova e passei, só que na verdade assim não foi uma escolha minha né, de partir para a Educação Infantil, mas nesse meio termo eu me apaixonei por ela, porque eu gosto muito desse contato com as crianças mais... mais não, as crianças menores. Eu não... Não foi uma escolha minha, mas se eu pudesse escolher hoje escolheria novamente.

Pesquisadora: Ah, que legal! Muito bom! Então assim foi uma necessidade...

Professor 3: Sim

Pesquisadora: ... que te levou a trabalhar com Educação Infantil e agora você gostou.

Professor 3: Gostei. Gostei.

Pesquisadora: No começo assusta, né!

Professor 3: No começo, nossa! No começo eu falei por onde que eu começo aqui? Porque tudo eles cerca a gente né “Oh, prô! Oh, prô, prô!” a gente tem que se dispor um pouco de algumas coisas nossas para conseguir entrar no mundo deles né e foi através disso que eu me apaixonei, porque o ***** de antes já não é mais o mesmo. Tipo, já deixei muito coisa pra lá para entrar no mundo das crianças né que é outra realidade, né, que é legal, que é mágico.

Pesquisadora: É bem diferente, né...

Professor 3: É.

Pesquisadora: ... o ensino Fundamental é mais concreto, o Infantil mais da fantasia.

Professor 3: Da fantasia, exato. Do lúdico né, a brincadeira ali. Eles gostam bastante da brincadeira e você fala às vezes um comando assim eles... Aí você faz uma brincadeira, aí vai. Aí onde que dá certo, porque no... naquela... no comando direto às vezes eles não tem esse... ainda essa noção né, de... vamos dizer de ordem, né. Então às vezes você faz uma brincadeira e eles falam “Ah, então era isso, prô! Era isso!” era uma brincadeira que chegou... a no... vamos dizer no mesmo... no mesmo entendimento ali.

Pesquisadora: Sim. É o modo que eles compreendem o mundo.

Professor 3: É. A linguagem, vamos dizer assim.

Pesquisadora: Sim. *****, você falou que você teve bastante vivência com o esporte. Foi isso que te levou a fazer Educação Física?

Professor 3: Foi isso que me levou a fazer Educação Física.

Pesquisadora: E o que que você praticava?

Professor 3: Futebol. Sempre fui praticante de futebol. Joguei campeonato amador muito tempo, fiz peneira, fiz... joguei na base do Flamengo lá no Rio de Janeiro só que não cheguei a ser profissional porque no meio do caminho aí... aí não joguei profissionalmente, mas joguei clube de base e campeonato amador, mas nunca passei disso não porque meu pai também não incentivava muito a gente, então... mas o esporte sempre esteve no nosso meio, da família, dos irmãos. Também a gente veio de São Paulo, né, lá da cidade de São Caetano do Sul e lá é o esporte é muito forte. As seleções brasileiras lá concentram bastante lá na nossa... na nossa região, então a maioria dos atletas olímpicos do Brasil treina em São Caetano. Então a gente ia lá e via eles, às vezes

a gente vê o time de vôlei de São Caetano que era fortíssimo, tinha... ali era só a nata mesmo, não querendo puxar a sardinha, mas era forte o esporte de lá.

Pesquisadora: Legal!

Professor 3: E aí a gente sempre teve nesse meio, né. E lá eles davam... é, como é que se diz... incentivo financeiro e aí a pessoa normal mesmo foi atleta do dardo, foi atleta... bateu o... bateu o recorde Paulista, foi disputar regionais e assim a gente foi vivendo, só que aí chegou em um determinado momento que a gente teve que escolher, vamos dizer assim, mas o esporte sempre teve na nossa vida no geral assim.

Pesquisadora: E você comentou sobre o professor de Educação Física na escola. Teve alguma influência esse professor também nas suas escolhas? Tanto no esporte quanto...

Professor 3: Total. O professor de Educação Física foi o eu acho que depois da minha família que sempre esteve envolvida com esporte, o professor de Educação Física quando ele chegava, meu olho chegava a brilhar, falava "Nossa, eu quero ser igual a esse cara!" que ele era uma pessoa que ele era bem desenrolado assim sabe... também conversava com a gente do mesmo... diferente da professora de sala. Não é querendo falar, mas era diferente né, aí eu fiquei fascinado por ele assim. Foi um cara que deu o primeiro passo para mim escolher essa profissão foi ele.

Pesquisadora: Que legal! Que orgulho! *****, sobre os planejamentos das aulas, né.

Professor 3: Certo.

Pesquisadora: Qual sua opinião sobre a importância do planejamento para atingir os objetivos, né, das suas atividades tanto semanais quanto bimestrais?

Professor 3: Muito importante o planejamento, muito importante também estar aberto a dentro do processo do planejamento verificar que não 100 % que vai dar certo né, que eles geralmente não vai dar, vamos dizer assim. O planejamento é essencial, mas está aberto por exemplo a verificar alguns pontos que podem ser melhorados ali dentro do processo do planejamento, que 90 % da aula as vezes você identifica alguma coisa, uma dificuldade, algo que não vai ter como ser feito daquele forma específica e adaptada, mas é muito importante. Eu planejo bastante as minhas aulas e aconselho que seja feito. É isso. Pelo menos me ajuda na hora de eu não ficar tão perdido ali, é um norte para mim sabe...

Pesquisadora: É, o planejamento ele é flexível né, ele permite essa flexibilidade de você adaptar tanto dentro da aula e a gente precisa refletir sobre ele, o que precisa ser melhorado, trocado, às vezes até aumentar a complexidade, diminuir a complexidade, né.

Professor 3: Isso, exatamente.

Pesquisadora: E você conhece os referenciais sobre Educação Infantil? Por exemplo, hoje em dia nós temos a BNCC que é o mais atual, mas a gente também já teve o PCN, RCN que são os referenciais curriculares nacionais para Educação Infantil e os parâmetros curriculares nacionais e as DCN que são as diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil.

Professor 3: Sim.

Pesquisadora: Você conhece algum deles ou já ouviu falar?

Professor 3: Sim. Conheço alguns né, assim, as habilidades da BNCC que a gente trabalha no nosso dia a dia ali, eu conheço, não sei de cor assim para te falar sinceramente, mas todas as vezes que eu vou procurar as atividades é dentro das habilidades da BNCC da Educação Infantil que lá tem um... as... algumas etapas né, a etapa Infantil ela é... engloba essa... A BNCC também ela não, vamos dizer assim, ela não normatizou a Educação Infantil ali, mas ela tem, tem as habilidades né, o eu, o outro e o nós, tem...

Pesquisadora: São os campos de experiência.

Professor 3: São os campos de experiências ali né que a gente... eu conheço alguns sim da BNCC.

Pesquisadora: Tá. E você acha que a BNCC, por exemplo, que é a que você citou mais, ela traz sobre Educação Física?

Professor 3: Não. Assim especificamente da Educação Física eu não vejo que, que trago. Ele tem uma forma assim global que eu percebo que é artista e estético, engloba artes, engloba outras disciplinas, mas específica para Educação Física... A gente usa ela como nosso norte né, que é um documento, mas não, não acredito que para Educação Física ainda está vago aí.

Pesquisadora: você consegue identificar algumas coisas dentro da BNCC que você possa usar para a Educação Física?

Professor 3: Sim. Essas, essas diretrizes das habilidades da BNCC eu utilizo elas, mas percebo que existe um grande, uma grande lacuna ainda entre aquele documento que existe que normatiza a educação em que a gente respeita, que a gente segue ele, mas ainda falta ainda mais um dos documentos mais específicos, Eu Acredito...

Pesquisadora: Direcionados...

Professor 3: Direcionados, isso.

Pesquisadora: Os referenciais que você utiliza, você falou da BNCC. Tem alguma outra coisa, algum outro referencial por exemplo que sejam os documentos mais antigos ou alguns outros livros, livro didático, apostila...

Professor 3: Eu costumo usar bastante coisa da psicomotricidade, dessa época... É atual né, mais atual da Educação Física assim, coisas da parte higienista também que é importante, que já é mais ali do começo da Educação Física. Na teoria eu uso várias etapas da Educação Física né, que a gente diz assim que acabou naquela época, mas ainda a gente tem coisas que a gente acaba utilizando né, os jogos, a ginástica que é um... a ginástica já é mais antiga né, já algo mais assim que está ali no século passado, mas ainda consigo usar ainda nos dias de hoje que já foi, vamos dizer, a teoria já foi superada, mas ainda vejo coisas positivas ali na saúde renovada né, que... Que ainda precisa de ter esse cuidado com a saúde das crianças. Aí a gente vai utilizando um pouquinho de cada, de cada né, com aquele que foi um conjunto dos autores ali também, o coletivo dos autores que também ajudou bastante a gente. E a gente também utiliza algum pouco da teoria deles e a gente teoriza a nossa parte ali e vai fazendo uma base para tirar as aulas.

Pesquisadora: *****, você falou aí em coletivo de autores, eu estava lembrando ainda mais sobre a formação. Na sua formação você teve algum momento que foi falado da Educação Infantil? Na sua formação de Educação Física?

Professor 3: Na minha formação acadêmica, não. Eu fui por minha própria conta né, por conta também de que eu precisava de passar nos concursos da vida, nos processos seletivos da vida e eu fui atrás de procurar saber sobre o coletivo de autores e outros autores tantos que a gente... Guedes e Guedes, e aí a gente foi trazendo vários e vários e várias pessoas que ajudaram a ter a teoria que eu tenho hoje, mas assim lá na faculdade a gente teve isso muito vago.

Pesquisadora: Mas foi falado sobre Educação Infantil? Educação Física na Educação Infantil para você? Teve estágio?

Professor 3: Pedagogia. Teve... O que a gente viu na escola de Educação Infantil na Educação Física foi na teoria da pedagogia. Assim, alguma coisa ou outra caiu os autores, o coletivo de autores, mas aprofundar neles, não.

Pesquisadora: E estágio na Educação Infantil, você se chegou a fazer?

Professor 3: Não, o meu foi no fundamental também, numa escola estadual lá em Agudos, Nilza Santarem Paschoal, fiz lá com o professor Sandro e... Mas não foi na Educação Infantil.

Pesquisadora: Não foi obrigatória no infantil? Nada?

Professor 3: Não foi. Na verdade o estágio tinha que ser no Ensino Fundamental da minha escola, da faculdade, tinha que ser no fundamental.

Pesquisadora: Ah, tá.

Professor 3: Porque tinha lá os níveis, daí a Infantil não entrou nessa. Acho que por conta da teoria mesmo né, depois de ter que fazer um documento e tal acredito que tenha sido nesse sentido que eles pensaram.

Pesquisadora: Entendi. Tá, vou voltar pro planejamento.

Professor 3: Tá.

Pesquisadora: O planejamento ele quando é... O planejamento na rede de ensino de Macatuba, ele é realizado de forma individual, você faz o seu planejamento sozinho, ou é de forma coletiva? Por exemplo, você trabalha em uma escola que tem mais de um professor de Educação Física, vocês planejam juntos? Os professores da rede toda planejam juntos? Como que funciona?

Professor 3: Não. Eu faço o planejamento individual. Aqui, pelo menos na escola que eu faço aula a gente faz individual mesmo, a gente pode até ter uma ideia ou outra que a gente compartilha, existe isso e é legal essa parte que a gente se ajuda também “prô, tenho uma ideia e tal” a gente troca ideia. Só que assim, o meu planejamento mesmo eu sento lá e escuto as prôs falar “olha, essa aula foi legal, essa aula foi legal!” e aí eu faço a minha aulinha, minha aula, semanário, o semanário ali, mas é individual. O planejamento com ajuda sempre de uma professora ou outra que queira, que queira me passar alguma coisa eu sempre escuto lá, mas na... que nem a professora da sala mesmo ela fala “****”, você pode ajudar nossos alunos com... eles estão com dificuldade por exemplo matemática de volume, de distância...” né, aí a gente e vai trabalha esse tipo de... que eles estão com dificuldade, mas sempre é feito individualmente mesmo.

Pesquisadora: E não tem um momento que vocês trabalham juntos, assim todos os professores da rede para pensar sobre o planejamento?

Professor 3: Não. Esse momento assim de estar juntos e fazer o planejamento... Já teve acredito que um momento que a gente teve algo que precisava ser feito, mas a gente planejar junto as aulas não, não.

Pesquisadora: É, eu sei bem como é. Está bom. Vou pular para o último bloquinho, daqui a pouco você vai entrar. Sobre o seu planejamento do ano de 2023.

Professor 3: Certo.

Pesquisadora: Pensando sobre ele, você acha que foi efetivo dentro dos seus objetivos?

Professor 3: Acredito que sim, prô Vívian, porque a gente pelo que a gente pegou no começo do ano eu acho que houve uma evolução boa nas crianças sabe. Assim, naquele ponto que eu comentei com você sobre a realidade, sobre as direções. Pra mim se eles estiverem com uma boa coordenação motora, é com noções espaciais boas do eu, as emoções né da psicomotricidade, está com as emoções em dia, está brincando tá com boas direções ali, o básico bem feito, essa estrutura foi bem feito, então acredito que foi legal, foi bem... foi entregue... foi legal. Você entende os objetivos.

Pesquisadora: Muito bom. E do que você planejou foi possível executar tudo? O que o que foi possível, o que não foi possível?

Professor 3: Bom, muita coisa não foi possível até por conta estrutural, né. Estrutural que assim a gente ainda tem um déficit aí de estrutura, né. Até a estrutura da escola não entregou para gente aquilo que a gente precisava, o espaço, é que as aulas são em um espaço que não é adequado.

Pesquisadora: Conta para mim como que é esse espaço.

Professor 3: O espaço é um auditório, com piso no chão...

Pesquisadora: Piso frio?

Professor 3: Piso frio que é perigoso a criança escorregar, tem um palco que a criança, é perigoso a criança pular lá de cima e pode se machucar, então muita coisa a gente se preocupa com a integridade do aluno.

Pesquisadora: Eu conheço esses espaços e além disso tem escada...

Professor 3: Tem escada... você conhece mais do que eu.

Pesquisadora: Tem rampa, tem corrimão, tem janela de vidro, a lâmpada é próxima, espaço inadequado mesmo.

Professor 3: Isso, a lâmpada no alto, a criança às vezes vai fazer um lançamento, pegar a bola lá em cima e a gente fica com medo de cair a lâmpada, então essas coisas poderiam ser melhoradas e bastante assim, estruturalmente falando.

Pesquisadora: até limita a possibilidade de exploração do movimento dela, né.

Professor 3: Total, total. A gente se preocupa com a integridade e limita, que nem você disse, limita o movimento ali, o espaço que ele poderia né, fazer os movimentos.

Pesquisadora: Sim. E em questão de material? Você tem problemas de material? Você acha que está adequade? Você consegue fazer o que você precisa com aquele material?

Professor 3: Na minha sede lá eu não consigo como em outras escolas que eu tenho esse ano, que são mais estruturadas, com mais espaço. Então citando esse espaço de

2023, não. Faltou material, faltou qualidade no material, até que os bambolês estão bem desgastados...

Pesquisadora: Essa é uma reclamação de todas as escolas.

Professor 3: As bolas estão um pouco murchas, mas a gente vai driblando, vamos dizer assim, essas coisas para conseguir entregar algo de qualidade para eles e que eles consigam perceber a aula, consigam ter esse momento de desenvolvimento motor, desenvolvimento sendo né, em todas as áreas da educação né, da Educação Física. Mas foi comprometido sim com relação ao material.

Pesquisadora: O material e o espaço então não foram adequados para o seu ano de 2023. E para esse ano de 2024, você mudaria algo no seu planejamento?

Professor 3: no meu planejamento até o momento que eu percebo, o primeiro semestre aqui está bem dizer, eu vou manter boa parte do que eu fiz em 2023, alterar talvez uma parte lúdica, talvez uma data comemorativa, talvez pode ser que seja algo relevante para a cultura deles para que eles enriqueçam mais. Mas a parte motora, a parte de desenvolvimento psicomotor, a parte emocional deles né, eu acredito que vou manter boa parte dela, se for alterar vai ser pouca coisa.

Pesquisadora: Dentro do que foi planejado... Ah, não. Essa pergunta você já me respondeu em outra resposta. Vou passar para a próxima. Você conhece se tem alguma proposta para Educação Física na Educação Infantil no município de Macatuba?

Professor 3: Desconheço esse... esse documento.

Pesquisadora: Não tem conhecimento de uma proposta de Educação Física, um planejamento...

Professor 3: Sim. Não, existe um planejamento em curso, sim. Que eu até tava presente no dia que ele foi começado ali na parte embrionária, vamos dizer assim. Sim, existe um documento sendo construído no município de Macatuba. Existe.

Pesquisadora: Tá. Você tem conhecimento dele? Você já viu? Você participou?

Professor 3: Vi ele já, participei assim no começo, participei dali... Tive também ideias que foi trocado comigo sobre a construção dele. No momento sinceramente não sei como que está o andamento, porque é muito... eu as prôas, eu... nós somos muito envolvidos, é muita aula, muita prática e eu entendo que o tempo também tem N coisas para gente fazer, mas existe sim documento está sendo construído, isso está.

Pesquisadora: E você acha que dentro que você conheceu dele, você acha que é preciso reformular alguma coisa sobre Educação Infantil?

Professor 3: Não. Eu acredito que tenha uma boa linha de construção, o documento é muito rico, muito é tanto você, prô Viviane quanto a prô Lívia que são as duas pessoas que eu também tive o prazer de trabalhar junto, que tão muito bem nesse... Nessa construção. Não, não teria nada pra acrescentar nesse documento.

Pesquisadora: Será? Sempre tem!

Professor 3: É! Sempre tem!

Pesquisadora: Bom, e sobre o seu planejamento para esse ano qual sua expectativa?

Professor 3: Expectativa boa, expectativa de que a gente vai conseguir fazer bastante coisa por eles, pelas crianças. Desenvolver muito... Agora estou com o Fundamental também né, estou com duas aulas no Fundamental. O planejamento é muito importante para que eles saiam do... desse estado que eles estão para chegar no outro ponto que a gente quer, no ponto futuro. Eu quero que eles saiam desse ponto que eles estão hoje e cheguem nesse plano, nesse plano que eu tenho para eles lá na frente.

Pesquisadora: E você tem alguma questão que você queira acrescentar? Tanto sobre sua prática, dificuldade, alguma angústia, alguma dificuldade que você tem na escola, na rede, qualquer tipo de...

Professor 3: Não, foi... eu tenho o maior prazer de estar aqui com vocês, prô, de ter dado esse pontapé no Ensino Infantil. É um prazer de estar aqui com você, de ser... Eu até peço desculpa por não ter conseguido ser antes, mas que bom que eu pude... se eu puder contribuir com algo que... Eu fico até feliz por você ter me convidado. Até conversei com uma pessoa, falei "Pô, que bom que a prô me chamou", tipo quer dizer que a gente está num caminho legal e eu fiquei feliz de poder estar aqui com você nesse... nesse pouco tempo, mas que é importante para mim.

Pesquisadora: Eu que agradeço! Você nem imagina o quanto eu agradeço por estar participando da entrevista! Bom eu acho que é isso. Ah, então muito obrigada pela entrevista.

Professor 3: Obrigado.

Pesquisadora: Foi tudo ótimo! Depois eu vou mandar o trabalho, espero que trabalho seja bom e a proposta é que eu faça um guia para a gente conseguir construir esse planejamento com mais clareza. É isso!

Professor 3: Abraço! Obrigado, prô!

10. Anexo

10.1 Anexo 1 – Parecer Consubstanciado

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Educação Física e Educação Infantil

Pesquisador: Vivian Húngaro Costa

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 76659123.9.0000.5398

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.871.765

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa de curso de mestrado em Educação Física no qual as "Aulas de Educação Física para as crianças da Educação Infantil são motivo de dúvida para os professores quanto aos seus objetivos e conteúdos. Dificuldades estas geradas seja por pouca produção científica a respeito, ou pelo tratamento do assunto na formação enquanto graduação dos profissionais de Educação Física, visto que a Educação Infantil não é um assunto prioritário nas universidades ou por falta de diretrizes claras quanto ao que se espera da Educação Física para as crianças pequenas nos documentos norteadores da educação como Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI), Parâmetros curriculares Nacionais (PCN), Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Currículo Paulista e Currículos locais. O presente estudo visa investigar como os professores de Educação Física que atuam na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino da cidade de Macatuba/SP realizam seu planejamento e como definem seus objetivos e estratégias. O estudo realizar-se-á de forma qualitativa em caráter exploratório através de entrevista semiestruturada com os professores em questão".

Objetivo da Pesquisa:

"Este estudo tem por objetivo geral investigar a partir da visão dos profissionais de Educação Física de como realizam seu planejamento a partir dos documentos oficiais que definem os objetivos e estratégias de ensino para as crianças do Ensino Infantil no município de

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-6070 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO**



Continuação do Parecer: 6.871.765

Macatuba/SP. Objetivo Secundário: Como objetivos específicos esta pesquisa visa: ζ Analisar como é realizado o planejamento de professores de Educação Física na etapa Infantil que atuam na rede municipal de ensino de Macatuba/SP, seus referenciais nacionais, estaduais e municipal na definição de objetivos e estratégias de ensino; ζ Identificar se os professores encontram dificuldades sobre o planejamento e aplicação das aulas da Educação Física na Educação Infantil".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os benefícios da pesquisa são:

Melhoria da formação de professores e da pesquisadora no tocante ao ensino de Educação Física na educação infantil.

Os riscos aos participantes são de constrangimentos e lembranças que poderão ocorrer durante a pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo será desenvolvido de forma qualitativa, uma vez que seu objetivo será de interpretar o fenômeno a ser observado. Com caráter exploratório realizado através de entrevista semiestruturada com os professores de Educação Física da rede Municipal de Macatuba que ministram aulas na Educação Infantil a fim de compreender, na ótica destes docentes, como realizam seu planejamento, quais seus referenciais para tal e suas dificuldades. A entrevista será gravada em áudio e vídeo e posteriormente será transcrita para análise. A pesquisa também se debruçará sobre o currículo da Educação Física na Educação Infantil com análise de documentos e propostas da Educação Física para a Educação Infantil, incluindo a Proposta de Ensino da Educação Física da rede municipal de Macatuba e os documentos nacionais até hoje apresentados, o mais atual que é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) além dos documentos mais antigos como os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação infantil (RCNEI) e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos apresentados estão de acordo com as Res. 466/12 e 510/16.

Recomendações:

Nada consta.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-6070 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO**



Continuação do Parecer: 6.871.765

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto considerado aprovado por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Lembramos que é dever do pesquisador responsável, ao término da pesquisa e conforme o cronograma informado à Plataforma Brasil, apresentar o relatório final da mesma.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2231906.pdf	17/04/2024 15:40:51		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoVivianCronogramacorrigido.pdf	17/04/2024 15:39:53	Vivian Húngaro Costa	Aceito
Outros	cartajustificativatermodeanuencia.pdf	17/04/2024 15:39:02	Vivian Húngaro Costa	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2231906.pdf	19/03/2024 15:52:25		Aceito
Outros	Termo_de_anuencia.pdf	19/03/2024 15:52:02	Vivian Húngaro Costa	Aceito
Solicitação registrada pelo CEP	Justificativafolhaderosto.pdf	15/02/2024 10:34:52	Vivian Húngaro Costa	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostoVivian.pdf	15/02/2024 10:22:19	Vivian Húngaro Costa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	24/10/2023 12:46:56	Vivian Húngaro Costa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Vivian.pdf	19/10/2023 16:23:42	Vivian Húngaro Costa	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-6070 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 6.871.765

BAURU, 06 de Junho de 2024

Assinado por:
Cassiano Merussi Neiva
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-6070 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br